



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



TAROKO EDIMUNDO TAPIRAPÉ

AS NARRATIVAS APYÃWA A PARTIR DOS DESENHO DAS CRIANÇAS

BARRA DO BUGRES-MT

2023

TAROKO EDIMUNDO TAPIRAPÉ

AS NARRATIVAS APYÃWA A PARTIR DOS DESENHO DAS CRIANÇAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino, Linguagem e Interculturalidade

Orientador: Prof. Dr. Alceu Zoia

Barra do Bugres-MT

2023

T172a	TAPIRAPÉ, Taroko. As Narrativas Apyãwa a Partir dos Desenho das Crianças / Taroko Tapirapé - Barra do Bugres, 2024. 80 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024. Orientador: Prof. Dr. Alceu Zoia 1. Alfabetização da Criança Apyãwa. 2. Desenho. 3. Escrita. I. Taroko Tapirapé. II. As Narrativas Apyãwa a Partir dos Desenho das Crianças: . CDU 376.7(=1-82)
-------	--

TAROKO EDIMUNDO TAPIRAPÉ

AS NARRATIVAS APYÃWA A PARTIR DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS

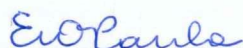
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH – da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 03 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALCEU ZOIA**
Data: 19/10/2023 18:48:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alceu Zoia
(PPGECH/UNEMAT) Orientador



Prof.^a Dr.^a EUNICE DIAS DE PAULA
Universidade do Estado do Mato Grosso
(PPGECH/UNEMAT) Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 **ISABEL TERESA CRISTINA TAUKANE**
Data: 04/10/2023 15:59:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a ISABEL TERESA CRISTINA TAUKANE.
SEDUC/MT
Examinadora Externa

Essa Dissertação eu dedico para todos os professores do curso Mestrado com os quais tive a oportunidade de trabalhar durante essa jornada de estudos.

Ao orientador do meu trabalho, Professor Alceu Zoia pela paciência e delicadeza de orientar na conclusão do projeto.

Aos familiares, principalmente para minha querida esposa Koxawiri Tapirapé, para minha preciosa filha Emokaxa'i Laryssa Tapirapé, por sempre estar acreditando, e estar todo momento junto nessa luta; para meu pai Paxepytygi Claudio Tapirapé, minha mãe Eirowa Regina Tapirapé, para meus irmãos e irmãs, por todo incentivo transmitindo energias positivas me fortalecendo para estar concluindo esse estudo.

Então eu dedico para todas essas pessoas especiais que de certa forma contribuíram para concretização deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente as seguintes pessoas: Minha família; agradecer minha esposa Koxawiri Tapirapé, minha filha Emokaxa'i Laryssa Tapirapé por ter muita paciência de eu estar passando nesse processo de grandes desafios, meu pai, minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs, meu orientador Alceu Zoia, por ter me ajudado em cada passo de construir a minha dissertação.

Todas essas pessoas especiais agradeço de coração por ter sempre acreditando no meu potencial que um dia chegaria nesse degrau, onde hoje eu conseguir chegar.

Por fim eu quero dizer que durante esses períodos de aprendizado foi também grande a troca de conhecimento, experiências das duas partes. Por tudo isso eu mim sinto realizado como um acadêmico crítico e que procura colaborar na construção de um bom diálogo ou tomada de decisões na questão social para o benefício da comunidade Apyãwa.

*“A liberdade nunca é voluntariamente oferecida pelo opressor.
Deve ser exigida pelo oprimido”.*

Martin Luther King Jr

XE'EGA MAĀTOREJXEAWA

Ā te'omara a'eramo kwee iapaãp pitywera ma'eawa re xe'aranoranowetykawa ramo, a'epe inoga xerexaope marygato aoxekato pitywera ima'ewo ma'ema'e ra'ygawa pe, axekwe ima'ewo ywrape kwaxiaãwa re ma'ema'e ra'ygawa ropi iparageta apaãwa re rano. Emanyn a'eramo mi aoxekatoete imagywo irekawo pitywera we xerexeka ropi emikwaãkwaãwa te'omara ixope iapapyra pe. A'eete ramo kwee ā te'omara pe aoxekatoete inoga te'omara mo marygato pitywera rerate'omaãwyma ramo, axekwe xerexapyrowo pitywera ma'ekatoãwa re, a'eete ramo ipyrowo pitywera ixema'ekatoãwa re rano. Ā te'omara pe kwee a'eramo aixagakamatat marama'eara mo xerexaope xerexeka ropi marama'eawa, marygato mi aoxekatoete xereparama'eawa pe iexakwaãpa pityga xema'emataãwa, eka ropi irota irekawo ixope imagywo ma'ema'e ra'ygawa pe iapawo te'omara. Emanyn a'eramo ma'ema'e ra'ygawa pe pityga ewete xema'eawa ywrape kwaxiaãwa re.

Xe'egete awyma: Iapapyra. Teka Ropi, Ia'ygiipyra. Xema'eypyawa, Xema'eajpe Tawaxarimo Xema'eawa.

RESUMO

Este trabalho é o fruto da pesquisa no Mestrado em **ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL**, na linha Ensino e Linguagem em Contexto Intercultural, que tem como tema o **AS NARRATIVAS APYĀWA A PARTIR DOS DESENHO DAS CRIANÇAS**, que busca desenvolver uma reflexão referente a construção de uma nova forma mais colaborativa para alfabetizar as crianças Apyãwa por meio de Desenho e da Escrita, fortalecendo o contexto da escola Apyãwa, facilitando o ensino e a aprendizagem da criança da nossa comunidade. Nesse sentido foi fundamental estudar obras de autores e autoras que trabalharam sobre o processo de letramento e aquisição da escrita como Freire (1989), ABAURRE (1997), PAULA (1997, 2001), VYGOSTSKY (1984), essas pesquisas foram ponto principal para compreender o fato de a criança ser sujeito do seu próprio processo de alfabetização, constituindo uma alfabetização e um letramento social. Nessa perspectiva, buscamos uma metodologia de ensino para ficar de acordo com processo educativo sociocultural do nosso povo Apyãwa, constituindo, através disso, uma alfabetização que se

preocupe e atenda às necessidades da criança Apyãwa. Através da análise dos dados coletados, desenvolvemos e construímos uma proposta voltada à nossa realidade para atender a demanda de alfabetização de qualidade, proporcionando a superação das dificuldades encontradas no processo de ensino e de aprendizagem da nossa criança.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização da criança Apyãwa; Desenho; Palavra Escrita.

ABSTRACT:

This work is the result of research in the Master's Degree in teaching in an intercultural indigenous context, in the line of Teaching and Language in an Intercultural Context, which has as its theme drawing and writing in the world of apyãwa children from 1st cycle, 1st year, which seeks to develop a reflection regarding the construction of a new, more collaborative way to teach Apyãwa children literacy through Drawing and Writing, strengthening the context of the Apyãwa school, facilitating teaching and learning for children in our community. In this sense, it was essential to study works by authors who worked on the literacy process and acquisition of writing such as Freire (1989), ABAURRE (1997), PAULA (1997, 2001), VYGOTSKY (1984), these researches were the main point for understand the fact that the child is the subject of their own literacy process, constituting literacy and social literacy. From this perspective, we seek a teaching methodology to be in line with the sociocultural educational process of our Apyãwa people, thereby constituting literacy that concerns and meets the needs of the Apyãwa child. Through the analysis of the data collected, we developed and built a proposal aimed at our reality to meet the demand for quality literacy, enabling us to overcome the difficulties encountered in our children's teaching and learning process.

KEYWORDS: Literacy of Apyãwa children; Design; Written Word.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Centro da Aldeia Jacutinga às margens do rio Paraná 26

Figura 2 - Funcionários de Itaipu comemoram incêndio em casa de indígenas 27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O POVO APYÃWA (TAPIRAPÉ).....	18
1.1 O uso da Língua Apyãwa e da Língua Portuguesa.....	18
1.2 Organização Social.....	22
1.3 Atividades Produtivas.....	22
1.4 Práticas Culturais.....	24
1.5 Doenças e conflitos em busca da posse da Terra.....	27
2. A CONSTITUIÇÃO DO PESQUISADOR: uma autobiografia comentada.....	34
2.1 A vida do meu pai e da minha mãe.....	34
2.2 Minha história de infância.....	37
2.3 Mudanças da minha fase de vida.....	42
2.4 Minha alfabetização.....	43
2.5 cursando o Ensino Médio e Magistério Intercultural.....	44
2.6 Vida acadêmica.....	47
2.7 Primeiro emprego e emprego atual.....	48
3. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	52
3.1 A Educação Escolar Indígena.....	52
3.2 Instalação da Escola Apyãwa.....	55
4. ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA APYÃWA.....	61
4.1 A Escola Apyãwa.....	61
4.2 Análise do produto educacional como instrumento de alfabetização e no aprimoramento da linguagem.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
6. REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se alinha ao processo de facilitar a alfabetização das crianças Apyãwa por meio do desenho e da escrita. Também este tema foi escolhido pelo motivo de que a alfabetização da turma do 1º Ciclo, 1º Ano está fragilizada, assim me preocupei em buscar ou criar outro meio para facilitar o entendimento e a aprendizagem sobre o assunto, trabalhando no contexto de alfabetização, pois os educadores de alfabetização Apyãwa estão repetindo muitas vezes as suas práticas de ensino, sendo que podem ser usadas várias formas para facilitar a aprendizagem das crianças Apyãwa. Ficando somente na mesma prática acabam colaborando ou dificultando o processo de desenvolvimento do conhecimento dos alunos.

Nesse ponto foi fundamental estudar obras de autores e autoras que trabalharam sobre o processo de letramento e aquisição da escrita como FREIRE (1989), PAULA (1997, 2001), VYGOSTSKY (1984), a Dissertação de Koxawiri Tapirapé, 2022. Essas obras foram importantes para entender e compreender o fato de a criança ser sujeito do seu próprio processo de alfabetização, constituindo uma alfabetização e um letramento social. Nessa perspectiva, deixando a metodologia do ensino ficar de acordo com processo educativo sociocultural do nosso povo Apyãwa, estabelecendo uma alfabetização que se preocupe e atenda às necessidades da criança Apyãwa. Com essa relevância entendemos que o processo de alfabetização precisa partir do contexto sociocultural da criança e da nossa comunidade, como define a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB de 1996.

Por esta razão, eu me interessei em realizar a pesquisa com a finalidade de analisar o processo de alfabetização durante o ensino, e, a partir dos dados coletados, analisar e desenvolver uma proposta metodológica que contemple a realidade da turma pesquisada, indicando a possibilidade de alfabetização a partir de desenhos contextualizados, envolvendo produtos da vivência diária das crianças Apyãwa, relacionados com a vida cotidiana do nosso povo, para facilitar a aprendizagem e assim ajudar a superar as dificuldades que se encontram no processo de alfabetização.

O foco da pesquisa é investigar metodologias utilizadas e o uso de material de apoio ao ensino pelos professores(as) Apyãwa da turma de séries iniciais, 1º Ciclo, 1º Ano, para criar um caminho que atenda à demanda do ensino de qualidade das nossas crianças com relação a aprendizagem através de desenhos e da escrita.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Indígena “Tapi’itãwa”, na aldeia Tapi’itãwa, localizada na Terra Indígena Urubu Branco - Yrywo’ywawa, no município de Confresa, MT. A turma que eu observei é 1ª Ciclo do 1º. Ano, na qual as crianças estão no processo de aquisição da escrita. Essa turma corresponde ao primeiro ano do ensino fundamental.

Na busca de compreensão da problemática da pesquisa levantamos algumas questões que conduzirão nossas ações:

- Metodologia de alfabetização de criança Apyãwa pode estar dificultando o ensino no contexto escolar do povo indígena Apyãwa?
- Que tipo de temática é usada na alfabetização da criança Apyãwa para a aquisição da escrita?
- As crianças Apyãwa estão sendo alfabetizadas de modo descontextualizado do mundo delas ou deles sem envolvimento sócio cultural do seu povo, natureza e seres vivos?
- Quais são as metodologias de alfabetização que facilitam aprendizagem das crianças Apyãwa que podem ser usadas na sala de aula para colaborar com os alunos no processo de aprendizagem?
- A metodologia de alfabetização usada diretamente no letramento pode ser causa da falta de formação continuada dos professores e de material didático específico que tem a ver com a realidade da comunidade Apyãwa?
- É fundamental os professores Apyãwa criarem o seu próprio material pedagógico conforme o perfil dos seus alunos para atender com mais facilidade a aprendizagem ou as dificuldades que se encontram no processo de alfabetização?

Levando em consideração essa preocupação, organizei como Objetivo Geral da pesquisa: “Analisar o modo de ensino das crianças Apyãwa para produzir metodologias que atendam com mais facilidade a aquisição da prática de escrita por meio de desenhos na proposta de educação escolar”.

Como detalhamento deste Objetivo Geral, colocamos os seguintes Objetivos Específicos:

- Fortalecer metodologia mais prática na alfabetização fora da sala de aula e na sala de aula, considerando a realidade das crianças Apyãwa.
- Observar e acompanhar a metodologia desenvolvida pelos professores Apyãwa de alfabetização, para depois utilizar ou buscar estratégias para desenvolver metodologia mais

eficiente para um ensino satisfatório para os professores e professoras Apyãwa encaminharem o desempenho e aprendizagem da turma 1º Ciclo, 1º Ano no processo de letramento por meio de desenho.

- Produzir material de apoio pedagógico por meio de desenho para atendimento específico da turma de 1º Ciclo, 1º Ano.

A justificativa que eu destaco para realizar este projeto de pesquisa se deve ao fato de que eu observo bastante o processo de alfabetização das crianças Apyãwa e vejo que ele ocorre de uma forma “precipitada” pela maioria das professoras ou professores Apyãwa, fazendo a alfabetização das crianças Apyãwa diretamente no mundo das letras, sendo que há outros meios para facilitar o reconhecimento das letras e das palavras para as crianças Apyãwa.

Porém, iniciar diretamente pelo ensino de letras, alfabeto, palavras, escrita, eu acredito que aumenta mais ainda a dificuldade de perceber o mundo da escrita. Também, às vezes, pode dar certo esse segundo método citado para algumas crianças que já têm visto um pouco de palavras escritas. Mas, com muito esforço e desempenho de cada um, as dificuldades e os obstáculos vão ser vencidos pela criança Apyãwa. Então, tendo o cuidado, é fundamental respeitar e valorizar o mundo da criança, ou seja, a leitura da criança sobre o mundo por meio de imagem. É nesse aspecto que percebo e entendo o valor da imagem no sentido de facilitar a leitura das palavras escritas. Entendo que alfabetizar a partir do contexto social e cultural da criança facilita a compreensão daquilo que ela está fazendo. Desta forma, desenhar objetos do seu dia a dia e depois trabalhar com a escrita dos nomes dos objetos torna a alfabetização mais significativa para a criança, pois a mesma poderá relacionar o desenho com a escrita e as palavras acabam ganhando significado para a criança.

Por este motivo, ressalta-se o interesse de realizar a pesquisa no processo de alfabetização partindo da imagem para a escrita. Desse modo, a partir da observação das aulas e dos dados coletados, analisei e sugeri o desenvolvendo de possibilidades teórico metodológicas conforme o mundo ou realidade da criança Apyãwa, atendendo com mais facilidade o encaminhamento de aprendizagem das crianças das séries iniciais das turmas de 1º ciclo, 1º Ano.

Entendemos que a temática proposta: **AS NARRATIVAS APYÃWA A PARTIR DOS DESENHO DAS CRIANÇAS** é relevante, pois os professores e professoras, que trabalham com a alfabetização, realizam o seu planejamento das aulas diretamente relacionada ao mundo de letras. Nesse sentido, está acontecendo a desvalorização de preparação da metodologia na língua Apyãwa que relaciona a realidade das crianças Apyãwa, especialmente,

as turmas de 1º Ciclo, 1º Ano. Nesse ponto, percebe-se que através dessa desvalorização, o ensino e aprendizagem de nossas crianças está fragilizado em relação à leitura do mundo e a realidade das crianças.

Por esse motivo, interessei-me em realizar a pesquisa com a finalidade de trazer para a reflexão, buscando valorizar o ensino e a aprendizagem da criança Apyãwa por meio de seu contexto de vida, por meio de imagem e da leitura do mundo. Assim, também, valorizando o desenvolvimento de metodologia na língua materna, na qual, preparando material didático por meio de fotografias e desenhos contribuirá para trabalhar e alfabetizar as crianças Apyãwa.

A criatividade da experiência ficará disposta como uma possibilidade de trabalho para os professores e professoras Apyãwa os quais poderão se guiar na preparação de plano de aula para a turma citada anteriormente. O trabalho produzido ficará à disposição para qualquer pessoa interessada que queira aprofundar a sua experiência com relação à produção de forma adequada de aula para a turma 1º Ciclo, 1º Ano.

O Referencial Teórico que utilizaremos para refletir sobre o processo de facilitar a alfabetização por meio de desenho e escrita será pelas obras dos autores e autoras que estudaram sobre o processo de letramento tais como: Freire (1989), Eunice Dias de Paula, (Koxawiri Tapirapé), entre outros, que estudaram o processo de aquisição da escrita entre as crianças do povo Apyãwa.

Paulo Freire, em sua metodologia, propôs que a discussão em torno de um tema iniciasse a partir de uma fotografia ou de um desenho que representasse a palavra geradora. Assim, o processo de aquisição da escrita se torna mais produtivo quando as crianças têm a oportunidade de trabalhar com imagem “fotografia, desenho” e, por meio delas, ir construindo seus conhecimentos, descobrindo palavras e aos poucos ir produzindo textos, que podem partir desde uma pequena frase na língua Apyãwa sem ficarem aprisionadas somente nas regras da gramática da língua escrita. Paula (2001) mostra como aquisição da escrita entre crianças indígenas pode adquirir características próprias que são marcadas pela cultura dos povos indígenas:

A hipótese que foi surgindo a partir das conjecturas elaboradas sobre os dados singulares e as potencialidades reveladoras desses dados, sinaliza, então, para uma estreita vinculação entre os princípios dos padrões artísticos dos Tapirapé e as primeiras experiências das crianças durante o processo de apropriação para a linguagem escrita se inicia através da imagem [...], a escrita, que vem do mundo dos maira ‘os não-índios’, sendo pertencente ao Outro, ao diferente, considerada como algo valioso, passível de troca, está sendo incorporada e reelaborada segundo os padrões estéticos do grafismo, inserindo-se numa atividade prazerosa, ligada ao lúdico, ao belo. Se é admirável uma sociedade que consegue alçar uma atividade artística em nível de coletividade, parece-nos mais admirável ainda a escrita se

instaurar como forma de arte, diferente sim, mas adequada ao profundo senso estético dos Tapirapé (PAULA, 2001, p. 164).

A autora chegou à conclusão de que as crianças Apyãwa, ao praticarem a escrita, estão fazendo esta atividade de um modo articulado ao grafismo *kwaxiãra* que o nosso povo usa para fazer as pinturas corporais e enfeitar o cabo dos remos, dos maracás e cuias. Dessa forma, os desenhos geográficos estão presentes nas primeiras experiências de escrita das crianças Apyãwa.

Também planejo consultar autores que se dedicaram às reflexões sobre educação escolar, como Paulo Freire (1989, p. 9), pois este autor elaborou um conceito que está de acordo com a educação da comunidade Apyãwa: “primeiro, a leitura do mundo através da imagem, depois, a leitura da palavra”, Dessa forma deveria ser a alfabetização das crianças Apyãwa, começando da leitura do mundo, através das imagens, em que elas vivem antes mesmo de entrarem na escola. Assim, a escola pode ir inserindo aos poucos as crianças Apyãwa nas palavras escritas sobre o mundo, por meio de metodologias mais visuais, por exemplo, uma imagem, uma foto, uma ilustração ou até mesmo um vídeo. Com isso entendemos que a alfabetização das crianças Apyãwa da turma 1º Ciclo, 1º Ano será facilitada na educação escolar.

Já a autora Koxawiri Tapirapé na sua Dissertação, **ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APYÃWA E LETRAMENTO EM LÍNGUA MATERNA**, ao analisar a **EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA**, destaca que no conhecimento do seu povo apyãwa, o preparo e o ensino se inicia no ventre da mulher, quando a mulher casada constata a sua gravides.

No último semestre da gestação, o casal Apyãwa pratica o processo de preparo e o ensino tradicional para o bebê. Dizem que durante esse período, o pai e a mãe com seus familiares vão estar dialogando por meio de algumas palavras fazendo contato na barriga, de forma carinhosa com o bebê. Assim o bebê se sente contente percebendo e ouvindo aquelas palavras carinhosas desde que está na barriga de sua mãe. (...) Então, desta forma, os Apyãwa acreditam que assim ocorre a iniciação de preparo ou ensino do indivíduo Apyãwa para sobreviver no mundo que vivemos (TAPIRAPÉ, Koxawiri, 2022, p.44).

No desenvolvimneto desta pesquisa, usei a seguintes caminhos metodológicos:

- Observar aulas conduzidas pelo Professor (a) da turma 1º Ciclo, 1ª Ano da Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa ;

- Entrevista com professor (a) Apyãwa que atua na Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa na alfabetização nas turmas de 1º Ciclo, 1ª Ano;
- Levantamento de metodologias que facilitam alfabetização da criança Apyãwa;
- Produção e planejamento de material pedagógico para uso de metodologia relacionadas com Desenho e Escrita com vista à alfabetização e ao letramento;
- Roda de conversa, ou seja, troca de experiência dos docentes de séries iniciais da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa no intuito de fortalecer a alfabetização tradicional Apyãwa e, a partir disso, trabalhar no mundo de letramento, sempre no contexto sociocultural Apyãwa.

No primeiro Capítulo disponibilizo as informações sobre o meu povo Apyãwa, colocando à disposição históricos, classificação da língua materna, organização social. No segundo coloco a minha autobiografia. No terceiro Capítulo, destaco a educação escolar indígena com a sua trajetória, abrangendo a implantação da escola Apyãwa na aldeia. No quarto Capítulo, apresento o processo de alfabetização na Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa. Por fim apresento as considerações finais deste trabalho de pesquisa.

1. POVO O APYÃWA (TAPIRAPÉ)

Neste capítulo apresento o tronco linguístico do meu povo, disponibilizo informações sobre Terras Indígenas do nosso povo Apyãwa e destaco a totalidade da nossa população atualizada em 2022.

1.1 O USO DA LÍNGUA APYÃWA E DA LÍNGUA PORTUGUESA

O Povo Apyãwa se localiza no nordeste do estado de Mato Grosso, na Terra Indígena Urubu Branco, abrangendo três municípios: Santa Terezinha, Confresa e Porto Alegre do Norte, com extensão de área de 157.533 hectares.

O nosso povo Apyãwa tem outra Terra demarcada, homologada e registrada, conhecida como Terra Indígena Tapirapé/Karajá que abrange dois municípios: Santa Terezinha e Luciara, no estado de Mato Grosso, com sua extensão de área de 66.000 hectares, onde dois povos vivem, o Tapirapé e o Karajá.

No ano de 2022, a população do povo Apyãwa, que vive na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, na Aldeia Majtyritãwa, é formada por cerca de 90 pessoas, e na Terra Indígena Urubu Branco, nas Aldeias Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Akara'ytãwa Tapiparanytãwa, Towajaãtãwa, Wiriaotãwa um, Wiriaotãwa dois e na Aldeia Inataotãwa, o total da população chega a 936 pessoas. Contando todas essas populações das duas Terras Indígenas, ela chega a 1026 pessoas.

A seguir, apresentamos dois desenhos de mapas que representam as duas Terras Indígenas em que vive o povo Apyãwa.

Figura 1: Mapa da Terra Indígena Yrywo'ywawa Urubu Branco



Autor: Tawaxare'i Fabio Tapirapé

Data: 25/08/2022

Figura 2: Mapa da Terra Indígena Tapirapé/Karajá



Autor: Taroko Edimundo Tapirapé

Data: 12/09/2022

Com relação à língua originária do povo Apyãwa, pertence à família tupi-guarani do tronco linguístico Tupi (RODRIGUES, 1986), a qual falamos para nos comunicamos entre o povo Apyãwa no nosso contexto social. Além de falar a língua Apyãwa, falamos também a língua portuguesa. Dessa forma, a língua materna é usada cotidianamente na Aldeia em diversas situações, tais como: para nos comunicarmos verbalmente, para dar conselhos, para contar histórias, para cantar músicas tradicionais do povo, para ensinar algumas práticas de trabalhos Apyãwa e também é utilizada nas reuniões do povo Apyãwa.

Mesmo quando saímos para cidade, com duas pessoas ou em grupo, a língua materna continua sendo utilizada na conversação realizada entre nós. Também na escrita usamos a língua Apyãwa no ensino da língua do nosso povo.

Desta forma, a língua mãe do povo Apyãwa ainda se encontra fortalecida. Já a língua portuguesa é utilizada para a comunicação verbal nos momentos em que recebemos visitas da sociedade envolvente ou quando estamos num evento que a comunidade Apyãwa tenha interesse.

Outros espaços em que também se faz necessário a utilização da língua portuguesa são os locais públicos do contexto urbano frequentados pela população indígenas, tais como: nos hospitais, mercados, lojas, entre outros. Então, o uso da língua portuguesa para o povo Apyãwa depende do contato que os Apyãwa irão fazer com outra comunidade ou outro povo diferente que venha fazer contato com a comunidade Apyãwa. É por meio disso usamos a língua portuguesa.

Devido aos casamentos com membros de outras etnias, algumas pessoas são falantes trilingues; falam língua Karajá, ou Javaé, ou Kayabi, ou Bakairi, ou Avacanoero, além da língua Apyãwa e da língua Portuguesa.

Nós, Apyãwa, utilizamos a língua Portuguesa para nos comunicar com a sociedade envolvente, até porque nos dias atuais nós entendemos que além da nossa língua materna e da nossa cultura, o domínio da língua portuguesa também é fundamental. O domínio desta ferramenta é importante para lutar pelos nossos direitos, fazer com que estes direitos que estão na Constituição Federal de 1988 sejam cumpridos. Assim, o uso e a compreensão dessa segunda língua são fundamentais para ser usada no momento certo, se for necessário.

1.2 ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A organização social do povo Apyãwa segue a decisão tomada pelas comunidades das oito Aldeias, conforme costume tradicional, porque a decisão tomada vale para todos Apyãwa que pertencem à Terra Indígena Urubu Branco. Até porque a Terra demarcada é de todos Apyãwa que permanecem nela, assim como os recursos necessários para a autossustentabilidade da comunidade.

Na organização social do nosso povo Apyãwa também existem dois grupos grandes: Wyraxiga e Araxã. Estes grupos dividem os trabalhos, onde cada um deles atende as demandas como, por exemplo, na construção da *Takãra* (casa cerimonial ou casa dos homens), na caçada de ritual *Tawã* (cara grande ou máscara) e assim segue em todas as organizações das festas tradicionais do povo Apyãwa.

Quando há a necessidade de assumir alguma função culturalmente, o povo Apyãwa reconhece o desempenho, dedicação e domínio daquela área pela pessoa. Esse método ainda é seguido para ser líder da Aldeia, líder de cantos, enfim, para assumir uma função exige-se que a pessoa demonstre ter alguma aptidão para tal.

Com relação às funções novas que foram introduzidas na comunidade Apyãwa atualmente, como os diversos cargos, o primeiro passo é convocar reunião extraordinária onde todos os membros da comunidade podem participar e dessa forma fazer a escolha da pessoa que irá assumir determinado cargo, analisando o grau de conhecimento e o currículo para a área. No momento que uma pessoa se encaixa no processo analisado, a comunidade dá aval final para a pessoa ocupar a função. Então, dessa forma, o povo Apyãwa tenta organizar a distribuição dos cargos que recebem remuneração pelo Estado ou pelo Município, na área da educação, ou mesmo na área da saúde que são pagos pela empresa conveniada com Saúde Indígena ou Município.

1.3 ATIVIDADES PRODUTIVAS

Com relação a organização das atividades produtivas, estas também são organizadas dentro da cultura Apyãwa, sendo desenvolvidas pelas famílias, cultivando produtos agrícolas através do método da roça de toco. Outra forma de trabalho na produção agrícola é organizando em comunidade, onde todos os membros de Apyãwa participam fazendo a sua contribuição.

No que se refere a distribuição da produção da roça, das carnes de caça e pesca dentro da comunidade, o conhecimento tradicional Apyãwa permite a distribuição somente entre famílias. Quando uma coisa é para todos a distribuição é feita para todos. Desta forma até o momento essa é uma prática que está sendo utilizada dentro da cultura Apyãwa.

Nos dias atuais, o povo Apyãwa, ainda sobrevive da agricultura, caça, pesca e da coleta de algumas frutas. Com relação ao consumo de algumas aves, ressaltamos que são permitidas somente depois de passar por um processo de resguardo cultural.

Desde muito tempo a sobrevivência do povo Apyãwa vem se mantendo através dos hábitos alimentares tradicionais, como: mandioca, banana, milho, abóbora e assim por diante. Nesse ponto os produtos agrícolas e demais alimentos fazem parte da alimentação Apyãwa e são celebrados na ocasião da festa cultural, que é realizada anualmente.

Por isso, desde muito tempo, algumas mudas, sementes e ramas são guardadas cuidadosamente para não perder, sendo que a muda de planta é plantada no lugar um pouco úmido e na sombra. Para a conservação de sementes das plantas da roça, em primeiro lugar é necessário secar no sol, até que elas fiquem no ponto para colocar na cuia, um objeto feito com a fruta grande e madura da planta cuité. Já rama de planta é amarrada tudo junto para ser colocada no lugar que tem sombra. Com esse método usado pelos Apyãwa se garante o próximo plantio, a próxima colheita e o próximo consumo de produtos da roça.

Destacando que cada tipo de plantio é realizado seguindo o conhecimento tradicional da época certa em que deve ser realizado e sempre usando em cada plantio a sua forma de plantar, como para mandioca, macaxeira, mandioca doce, banana, abacaxi, cará, inhame, batata doce, amendoim, feijão grade, cana e arroz.

Nessas atividades coletivas, os Apyãwa costumam produzir em comunidade, onde todo mundo participa da atividade, e assim é contemplado para ganhar o produto na época da colheita. Também os trabalhos são organizados com mais de uma família para produzir na roça, na qual somente esse grupo tem direito de ter acesso à colheita do produto, até mesmo de consumir. Outra forma de produzir produtos da roça é trabalhar sozinho sobre a roça, onde a pessoa faz atividade produzindo produtos da roça pensando em atender as necessidades da sua família.

Com relação à caçada e ao pescado, o povo Apyãwa segue a mesma organização; por exemplo: quando a caça e a pesca são feitas para atender a comunidade, todo mundo tem direito de ganhar a caça ou pescado. Mas quando essa prática é feita por um grupo ou com mais de uma família significa que somente essas pessoas terão direito de ter aquela caça ou

pescado. Quando é feito por uma pessoa, a caça ou pescado é direcionado apenas para sua família.

1.4 PRÁTICAS CULTURAIS

Cotidianamente o povo Apyãwa produz os seus artesanatos para utilizar nas festas tradicionais, assim como, remédios caseiros são preparados para serem usados no combate de algumas doenças tradicionais e doenças que vem de fora (do não índio).

O nosso povo Apyãwa tem uma história longa que faz parte da cultura, até porque os nossos avós viviam na Terra Indígena Urubu Branco há muito tempo, tendo naquela época várias Aldeias, como Ipirakwaritãwa, Xanypatãwa, Tokynookwatãwa, Moo'yãwa, Maakotãwa, Xakrywatãwa, Xowatãwa, Tawokotãwa, Xexotawa.

Com relação ao formato da Aldeia, nos dias atuais, as Aldeias Apyãwa são mais quadradas, pois antes eram mais circulares. Também o formato da casa mudou, porque antes as casas eram todas cobertas com palha de banana braba e por cima colocava folhas de bacaba, do teto até a estrutura da parede, tudo coberto. Esse tipo de casa tinha somente uma porta. Hoje a estrutura de algumas casas é de alvenaria. Essa mudança foi provocada a queimada do material, principalmente as palhas são queimadas todos os anos. Em algumas casas, a cobertura ainda é feita de palha, mas as paredes são de tijolo.

Com relação à língua materna, cantos, danças, pinturas, rituais, artes e organização social ainda mantemos fortemente. Sabemos que tudo isso são os nossos alicerces para que nós continuemos existindo e resistindo, tanto na Terra Indígena Urubu Branco Tapi'itãwa, quanto na Terra Indígena Tapirapé/Karajá.

Então todos saberes, conhecimentos e práticas que o povo Apyãwa possui, são de suma importância para que sejam eles mesmos, são constitutivos de sua identidade Apyãwa. Porque, através de cultura própria, tendo variedade de rituais próprios, cada ritual Apyãwa tem sua regra específica de funcionamento, o seu tempo de realizar; como a sua forma de dançar, cantar, produzir material para ser usado nos rituais. Deixando claro também que algum ritual só pode ser praticado pelo sexo masculino Apyãwa, como o ritual de construção da *Takãra* construção da casa dos homens, ritual *Awara'i*, ritual *Marakayja*, ritual *Xiwewexiwewe*, ritual *Tawã* casa grande e ritual *Xepaanogawa*. Esses rituais são específicos

para homens. Por este motivo as mulheres Apyãwa não participam, mas elas podem assistir de longe, ou seja, das suas casas.

Já nos rituais *Iraxao*, *Axywewoja aruanã*, ritual *Ka'o*, ritual *Tataopawa* as mulheres Apyãwa participam juntamente com os homens, por exemplo: o ritual *Ka'o* inicia a partir de 8:00 horas ou, 9:00 horas da noite começando com o canto dos homens dentro da *Takara* e na parte de fora também as mulheres acompanham cantando, onde a dupla de cantor, juntamente com o grupo de homens, canta as músicas que são cantadas nesse horário citado e se estende até a meia noite.

Da meia noite até o dia amanhecer também são cantadas as músicas específicas. Além disso, no decorrer da noite, a dupla de cantores que puxam a cantoria para o grupo, eles vão se revezando com outros colegas até o dia clarear, quando se encerra essa atividade. Dessa forma as mulheres Apyãwa fazem a sua participação no ritual que é praticado junto com homens. Tudo isso vem sendo repassado pelos próprios conhecedores desses saberes dentro das suas comunidades com os seus membros, por meio da oralidade e da prática. Nos dias atuais, os professores(as) Apyãwa trabalham tudo isso na escola, envolvendo a oralidade, prática, escrita, leitura, desenho, enfim, uma série de atividades que privilegiam a cultura do povo.

Usando esse mecanismo os educadores(as) da Aldeia tem a sua metodologia própria para trabalhar saberes e conhecimentos do seu povo, no sentido de renovar os conhecedores do seus próprios saberes e conhecimentos que tanto é falado para não deixar se extinguir.

O resguardo Apyãwa, é um conhecimento tradicional do próprio povo Apyãwa que serve para simbolizar o processo de passagem. Como exemplo desses processos podemos considerarmos o desmame do bebê. Durante esse período, o bebê com sua mãe e seu pai não consomem determinados tipos de alimentos, principalmente, certos tipos de carne. Segundo o conhecimento do povo Apyãwa, isso é feito para que futuramente a criança não sofra qualquer problema de saúde.

A partir do momento que se cumpre o período do resguardo, a criança é enfeitada com o direito de usar pintura corporal específica, usa colar específico e outros usos de adorno. Desta forma, no cabelo da criança se passa urucum, simbolizando liberação do consumo de alimentos que não podia comer durante seu resguardo.

É interessante que nesse primeiro resguardo cultural, a regra do resguardo Apyãwa não proíbe para a criança consumir água pura, ao contrário, permite o consumo dela e também permite beber *kawi*, uma bebida tradicional do povo Apyãwa, feita com água e arroz cozido.

Com relação a primeira e segunda menstruação da menina ela se alimenta com determinados alimentos, não comendo carne “remosa”. Nesse período de resguardo, essa

pessoa só pode beber *kawi*. O uso dessa bebida se pratica para a moça ter a sua barriga e cintura perfeita. Encerrando o período do resguardo, se faz simbolização de sua passagem de menina para moça com o direito de usar pinturas específicas e o uso de adornos. Passando nesse processo, a moça Apyãwa, além de comer outros alimentos que a sua comunidade consome, começa também comer carne de aves que o seu povo come.

Do lado masculino, o menino passa no primeiro resguardo quando se faz como *xyre'i'i*, rapazinho, pintando o seu corpo todo com jenipapo, comendo determinados alimentos e bebendo somente *kawi*, feito com água e arroz cozido.

O segundo resguardo acontece quando o rapazinho passa para a sua fase de rapaz, onde deve seguir respeitando a regra de consumir apenas determinados alimentos. Simbolizando a sua passagem, quando termina de ficar no seu resguardo, o rapaz usa pintura específica e usa o corte do cabelo específico, simbolizando a sua passagem da fase.

O terceiro resguardo acontece quando o rapaz usa pintura específica, adorno completo, cocar grande que é colocado na sua cabeça, amarrado no seu cabelo e, além disso, passa a dançar com ele, juntamente com grupo de *wyrã*, grupo de homens que passa um dia inteiro no ritual *marakayja* e uma noite inteira no ritual *ka'o*. Nesse período, o rapaz passa se alimentando somente com bebida tradicional feito com água e arroz cozido. Esse tipo de bebida que se bebe neste momento é para o homem não ter barrigão futuramente. Então, no dia seguinte, os materiais são retirados para recolher e guardar, onde também o seu resguardo termina.

A partir desse processo, o rapaz Apyãwa, além de se alimentar com outros alimentos que a sua comunidade consome, o rapaz começa a consumir carne das aves que o povo Apyãwa come.

Dentro do contexto do processo de passagem da fase com simbolização da sua primeira menstruação, a moça também deixa de ser chamada com seu primeiro nome, por motivo de ganhar nome novo. Então, a partir disso, ela é chamada pelos membros da sua comunidade pelo nome novo.

Dentro da cultura Apyãwa a troca de nome na fase de rapazinho, na fase de rapaz e na fase de rapaz adulto é seguida na sequência, onde a partir da segunda fase perde a validade do seu primeiro nome. Porém, recebe novo nome para ser chamado. Desta forma, funciona a troca do nome por fase para os sexos feminino e masculino Apyãwa.

Outro tipo de resguardo que Apyãwa pratica na sua cultura é no momento do parto da mulher. Neste momento, esposa e esposo ficam bebendo, no lugar de água pura, a água de *kawi*, uma bebida preparada mais com água e arroz cozido para matar a sede do casal durante

este resguardo. Também, durante essa prática de conhecimento tradicional do seu povo, o casal Apyãwa só pode comer um tipo de alimento não remoso por dia. Isso se faz para evitar que a comida faça mal para o recém-nascido ou para a mãe ou para o pai. Seguindo essa regra, o resguardo do casal só pode terminar quando o umbigo da criança cair.

Então, quando o umbigo cai, a mãe da criança passa urucum no seu cabelo todo e um pouco na sua pele simbolizando o encerramento do resguardo. Além disso, se passa no peito da mãe um pouquinho de líquido de um cipó específico para que a criança se amamente saudavelmente, sem correr perigo na sua saúde.

Já por parte do pai, este se pinta, passa urucum no seu cabelo todo, passa um pouco na sua pele e passa a usar algum adorno como colar masculino, *tamakora*, objeto que é colocado nas suas pernas. Essa simbolização se faz quando ainda o casal tem o cuidado para consumir o alimento até que a vida da criança se afirme no seguimento da vida. Assim, esse conhecimento ainda está sendo praticado no dia atuais.

1.5 DOENÇAS E CONFLITOS EM BUSCA DA POSSE DA TERRA

Ao falar em relação ao fato ocorrido com o povo Apyãwa, os/as sábios/as contam que, antigamente, aconteceu um fato horrível, onde *Koro'i*, grande raizeiro, quase exterminou população Apyãwa, quando ele trouxe uma raiz venenosa que tinha poder de exterminar a raça humana. Segundo o que o conhecedor da história conta, Xywaeri Jose Pio Tapirapé de 74 anos de idade, naquela época morreu muita gente: homens, mulheres e crianças, que foram pegos pelo veneno da raiz.

Por essa ocorrência, a família Apyãwa se espalhou, algumas pessoas levaram no seu corpo o veneno da raiz. Os conhecedores da história contam que desta forma a contaminação pelo veneno foi se expandindo na população Apyãwa. Aqueles ou aquelas que não foram pegos pelo poder do veneno da raiz conseguiram escapar. Essas pessoas fugiram da Aldeia afetada, indo para outras Aldeias ou para outros lugares distante. Devido a esse fato, aconteceu a perda de várias pessoas do povo, as famílias Apyãwa foram procurando outras famílias da sua comunidade para se ajuntar novamente e, dessa forma, voltar a conviver em comunidade. Dizem que até viverem com uma população maior levou um bom tempo, até se juntar novamente todo povo que havia se espalhado em busca de sobrevivência.

Outro episódio que o povo Apyãwa passou, foi quando um grupo da sociedade envolvente fez contato com a comunidade Apyãwa pela primeira vez, no qual foram levadas muitas roupas infectadas com doenças até então desconhecidas pelo povo, tais como: gripe,

sarampo, catapora, malária, etc. Naquela época essas doenças eram uma coisa nova para o povo Apyãwa, o organismo indígena não estava preparado para reagir e combater esses vírus, com isso, muitas mortes passaram a acontecer na população Apyãwa. Os conhecedores dessas histórias afirmam que, para tentar se salvar as famílias usaram a mesma estratégia, se refugiaram indo para outras Aldeias e, com isso, acabavam contribuindo para contaminar também a população das Aldeias que os recebiam.

Passando um bom tempo, Apyãwa e Karajá se confrontaram em um lugar que é chamado na língua Apyãwa *Tawaenawa*. Segundo ancião Apyãwa Xywaeri Jose Pio Tapirapé conta que este lugar é varjão limpo.

Segundo anciões/as Apyãwa contam, o fato ocorreu pelo motivo de que, três pessoas, membros da comunidade karajá, vieram para uma Aldeia Apyãwa e ficaram convivendo um bom tempo. Nesses tempos, o povo Apyãwa desconfiou que essas três pessoas estariam planejando alguma estratégia para ataque, vendo o lugar da Aldeia, a organização do povo, para que tudo isso fosse levado ao conhecimento dos seus guerreiros. Com a desconfiança, os Apyãwa decidiram-se matar os três, sendo que dois foram assassinados e um conseguiu escapar.

Dizem que essa pessoa levou informação ruim para seu povo. Então, a partir disso, os guerreiros Karajá foram de canoa pelo rio para atacar a população da Aldeia que matou dois dos seus membros. O narrador da história Xywaeri Jose Pio Tapirapé conta que guerreiros Karajá usaram como estratégia armar uma emboscada, na qual a pessoa que conseguiu escapar, levou alguns de seus guerreiros até a Aldeia para chamar a população, dizendo que trouxeram missangas para esta comunidade. Desta forma, algumas pessoas daquela Aldeia foram para beira do rio chamado na língua Apyãwa *AwioWy*, que se refere ao rio que é cheio de penas de aves, onde os guerreiros Karajá estavam acampados.

Dizem que ao se aproximar do rio, os guerreiros Karajá saíram de surpresa para pegar as pessoas Apyãwa que estavam indo em busca de missangas e começaram a atacar os Apyãwa, assassinando-os. Por essa ação, os membros Apyãwa perceberam que estavam sendo enganados e, assim, com rapidez, alguns guerreiros reagiram matando alguns guerreiros adversários. Dizem que, desta forma, muitas vidas foram perdidas nesse confronto, tanto pelo lado do povo Apyãwa quanto do lado do povo Karajá.

Outro fato marcante do povo Apyãwa aconteceu quando estes sofreram ataques do povo Kayapó. Nesse episódio, foram mortas três mulheres Apyãwa violentamente e foram raptadas três pessoas, um menino e duas meninas. Segundo o que o sábio Apyãwa, Xywaeri Jose Pio Tapirapé conta, nesse ataque *Taropã*, especialista em arco e flecha, matou uma

grande quantidade de guerreiros Kayapó para defender sua esposa *Iparewao'i* que foi raptada. Depois desse ataque, todos os Apyãwa se reuniram para sair deste território e passaram a procurar um outro lugar bom para viver. Assim, a decisão de toda comunidade Apyãwa foi migrar para outra localidade, deixando o seu lugar de origem, suas aldeias, os cemitérios dos parentes falecidos e até mesmo aquelas mulheres que haviam sido mortas pelos Kayapó. Partiram deixando também seus produtos da roça, tudo aquilo que produziam.

Desta forma, os Apyãwa se dirigiram para a beira do rio *Awioy*, conhecido como rio Tapirapé, se instalando no outro lado rio Tapirapé na localidade chamada de São Pedro. Neste local, as famílias formaram uma Aldeia, onde moraram por um bom tempo. Com isso, o povo Apyãwa deixou o território *Tapi'itãwa* Urubu Branco, abrindo espaço para não indígenas. A dispersão dos Apyãwa ocorreu em 1947, quando as fazenda apoiados pela SUDAM começaram a ser instaladas na década de 60, em 1964, conforme a firmação do Baldus. Então passando 17 anos entre um fato e outro, a mata nativa começou a ser desmatada pelas grandes fazendas financiadas pela própria superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, para formação de pastagens que seriam utilizadas para a criação de grandes rebanhos de gado.

Em São Pedro, os Apyãwa continuaram sofrendo bastante com as doenças trazidas pelos não indígenas como o sarampo, catapora, gripe e malária que levaram muitos parentes a falecer. Assim, o número da população Apyãwa ficou reduzida, restando apenas 48 pessoas entre adultos e crianças.

Com muita preocupação, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), finalmente transferiu essas pessoas para o Posto Indígena Heloísa Alberto Torres, conhecido como Barra do Tapirapé. Por lá, o povo Apyãwa fez contato com povo Karajá, onde o SPI já estava trabalhando com este povo. A mudança do povo Apyãwa para essa região aconteceu entre 1948 e 1950. Entidades não governamentais como a Prelazia de São Félix do Araguaia criada em 1970 e CIMI (Conselho Indigenista Missionário), criado em 1972, se apresentaram para apoiar e ajudar a cuidar o nosso povo da mortalidade desenfreada causada pelas doenças, essa ajuda foi fundamental para o povo Apyãwa.

Foi através deste trabalho que o povo Apyãwa conheceu o padre Francisco Jentel (francês), uma pessoa engajada na luta pela causa indígena e que convidou as Irmãzinhas de Jesus para prestar o serviço na área de saúde e assim impedir que o povo Apyãwa fosse extinto. Naquela época, no século XIX, ainda tinha uma família Apyãwa vivendo e morando na região de *Yrywo'ywãwa*, conhecida como Urubu Branco. Também os sábios Apyãwa contam que essa família vivia sem fazer contato com a sociedade nacional, praticando somente suas festas tradicionais e com sua floresta inteira e nativa. Afirmaram também que,

naquela época, a terra Urubu Branco não era delimitada, por isso circulavam e viviam em liberdade. Então, os sábios Apyãwa afirmavam que, antes de as Irmãzinhas de Jesus chegarem na aldeia, a família foi atraída pelo SPI para se ajuntar com outros Apyãwa que ficaram junto com Karajá.

Em 1952, a irmãzinha Genoveva chegou da França com sua equipe para morar na Aldeia, junto com nosso povo Apyãwa. O trabalho se tornou uma realidade para o nosso povo, freando a mortalidade das pessoas através do atendimento de boa qualidade e com medicamentos sendo usados nos momentos certos. Através da qualidade do trabalho, a população do nosso povo começou a crescer novamente.

Segundo o que o sábio Xywaeri Jose Pio Tapirapé conta, a Área Indígena Tapirapé/Karajá estava no início da reivindicação pelo povo Apyãwa e sendo acompanhado pelo SPI, como Terra Indígena. Nesse ponto, a presença do povo Apyãwa foi significativa e determinante na luta para que a Terra fosse demarcada e reconhecida como Terra Indígena, ou seja, a posse passasse a ser permanente do nosso povo Apyãwa e do povo Karajá.

Depois que essa Terra Indígena Tapirapé/Karajá foi demarcada, homologada e registrada em 1983, o povo Apyãwa passou a reivindicar a retomada do território tradicional denominado *Yrywo'ywãwa*, o qual nunca foi esquecido e permanecia o desejo de ocupá-lo novamente. Dizem que, em todas as conversas noturnas, os mais velhos tocavam no assunto diretamente em relação aos acontecimentos dos parentes falecidos e contavam as histórias daquela época, como viviam felizes, somente realizando várias coisas importantes na vida, seguindo em conformidade com suas práticas culturais. Tudo isso era inesquecível para eles, por isso relembrar esses fatos ainda causam fortes emoções em nosso povo.

Cansado de apenas ouvir e relembrar essas conversas emocionantes, o povo Apyãwa se reuniu para discutir sobre a retomada definitiva do território tradicional, porque ali se encontravam os cemitérios, os vestígios, os lugares sagrados do nosso povo. Por essa razão, todo ano a nossa comunidade visitava o território tradicional, também para buscar taquari para confeccionar as flechas que somente neste território se encontra. As pessoas iam também para fazer a limpeza do cemitério onde estavam enterrados os parentes e para limpar o caminho dos lugares sagrados, principalmente o caminho da cachoeira *Xani'aona* (bagre preto), limpavam também o caminho da cachoeira *Yrywo'ywãwa* “local onde urubu rei bebe água”, casa do espírito *Wareperi*. Esses lugares são considerados como lugares sagrados pelo Apyãwa. Também iam limpar o caminho da serra de *Towajaãwa*, que na língua portuguesa denomina-se serra de São João.

Em busca de conhecer a nossa história, os professores Apyãwa, juntamente com os alunos/as Apyãwa, fizeram as pesquisas e realizaram entrevistas com os anciãos e com as anciãs Apyãwa sobre os processos históricos do nosso povo Apyãwa neste território tradicional, como a origem do nosso povo, informações sobre conhecimentos tradicionais enfim, tinham como objetivo conhecer a nossa história que foi um resultado de pesquisa publicado no livro *Xanetãwa Parageta*. Então, com essas pesquisas fomos adquirindo informações e com isso facilitando o reconhecimento e a reocupação do território tradicional que é o Território Urubu Branco.

A equipe da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), ia na aldeia para conversar com as lideranças Apyãwa sobre a criação de um grupo de trabalho. O grupo de trabalho foi criado e foi chefiado pelo antropólogo André Amaral de Toral de São Paulo. Então, este grupo de trabalho ficou responsável pela definição de limites da Terra tradicional para demarcar para o nosso povo, elaborando um estudo antropológico de identificação dessa terra tradicional. Desta forma, o grupo de trabalho vinha visitar o território tradicional com as lideranças mais experientes.

Em 1993, este território tradicional Urubu Branco foi reconhecido como Terra Indígena. A partir disso a nossa família veio para Urubu Branco ocupar essa Terra reivindicada. Naquele tempo a nossa família encontrou muitas dificuldades por parte de assistência de saúde, pelo transporte e na parte de educação. Nada disso existia. Na questão de alimentação nós conseguíamos do nosso jeito tradicional, assim seguimos firme na luta.

Com o tempo, a FUNAI instalou o meio de comunicação para que pudéssemos nos comunicar com o restante das famílias que haviam ficado na outra Aldeia. Aos poucos outras famílias Apyãwa se mudaram para Urubu Branco e passaram a conviver novamente com os demais parentes.

Naquela época, havia cinco grandes fazendas que ocupavam o Território Indígena, eram: Fazenda Lucrean, Fazenda Santa Laura, Fazenda Córrego da Onça, Fazenda Sapeva e Fazenda Codebra. Mesmo assim o povo Apyãwa ocupou a Terra, formando a primeira Aldeia *Tapi'itãwa*. A luta continuou, sendo que as lideranças marcavam suas presenças em Brasília para pressionar os governos responsáveis pela questão fundiária para fazerem demarcação da Terra Tradicional. Durante essa luta, os fazendeiros continuavam desmatando a nossa mata para formação de pastagem. Nessa época, a fazenda Santa Laura contratou mais de cem peões para derrubar a mata ilegalmente. Mas os guerreiros Apyãwa reagiram imediatamente impedido a derrubada. Neste movimento foram apreendidas trinta motosserras. Tudo isso foi

repassado para a FUNAI, juntamente com a Polícia Federal, para que apurassem o caso, em conformidade com a legislação brasileira.

Em 1994, o presidente da FUNAI aprovou o relatório que foi produzido pelo Grupo de Trabalho. Nessa época já havia bastante famílias Apyãwa ocupando o território tradicional Urubu Branco. A população foi crescendo na Aldeia *Tapi'itãwa*, por isso foi escolhida uma pessoa para assumir o cargo de cacique, se responsabilizando pela organização dessa Aldeia e, ao mesmo tempo, para tomar a frente na luta pela conquista definitiva da Terra. Através da aprovação do relatório, o povo Apyãwa se animou mais ainda para lutar pelo seu território tradicional.

Com muita pressão das lideranças tradicionais Apyãwa, juntamente com a FUNAI, o então ministro da justiça, Nelson Jobim, assinou a portaria nº 599 no mês de outubro de 1996, declarando a Terra Indígena Urubu Branco como posse permanente do nosso povo Apyãwa, a qual foi homologada no mesmo ano.

No momento em que essa Terra foi homologada os fazendeiros retiraram os rebanhos deles imediatamente, porque não tinham mais o direito de deixar os seus gados naquele lugar. Porém, os gerentes de duas fazendas permaneceram nas fazendas, principalmente da fazenda Santa Laura e Sapeva. Os gerentes ficaram um bom tempo nas Fazendas. Por isso, lideranças Apyãwa falavam para FUNAI pedindo providências para a retirada dos gerentes.

Lideranças Apyãwa sabiam que o processo na justiça andava muito lento. Por esta razão, o povo Apyãwa reuniu-se novamente para discutir sobre a retirada dos gerentes de duas fazendas o mais rápido possível. Com a decisão tomada, os próprios Apyãwa foram retirar por conta própria os gerentes das fazendas Santa Laura e Sapeva. Depois dessa retirada, algumas lideranças propuseram que as demais lideranças abrissem as Aldeias em cada fazenda, ocupando a sede da fazenda para que os gerentes não voltassem mais neste lugar. Foi dessa forma que os gerentes foram expulsos desse lugar e foram embora para cidade.

Nos anos de 2000, quase todas as famílias da Aldeia *Majtyritãwa* se mudaram para Aldeia *Tapi'itãwa*. De *Tapi'itãwa*, três famílias foram abrir outra Aldeia, conhecida como *Akara'ytawa*, onde era a fazenda Santa Laura. Dessa forma, foi criada também a Aldeia *Xapi'ikeatãwa*, que, atualmente, mudou o nome para *Towajaatãwa*, localizada onde ficava a Fazenda Sapeva. Em seguida, foi fundada a Aldeia *Wiriaotãwa*, recentemente identificada como *Wiriaotãwa um*, por motivo da criação de outra Aldeia nova, conhecida como *Wiriaotãwa dois*, localizada onde ficava a Fazenda Codebra. Assim também foi criada a Aldeia *Tapiparanytãwa*, onde ficava a fazenda Córrego da Onça. Foi criada também a Aldeia *Myryxitãwa*, Buriti dois. Recentemente foi aberta a Aldeia *Inataotãwa*, onde era a Santa Luzia.

Desta forma, o povo Apyãwa conseguiu ocupar uma parte da Terra Indígena *Tapi'itãwa*. Porém, ainda se encontra invasão no norte da Terra, onde ocupantes ilegais como madeireiros e fazendeiros praticam atividades ilegais: loteamento, aluguel de pasto, extração de madeiras, dentre outras atividades. Então, nessa parte da Terra Indígena, a luta continua para retirar os invasores. Assim que acontecer a retirada, o plano do povo Apyãwa é abrir outra Aldeia naquele local.

Não deixando de destacar que recentemente, em 2020 passamos por uma epidemia causada pelo COVID-19, doença muito perigosa e que matou muita população em vários países. Na Terra Indígena Urubu Branco levou a óbito três pessoas do povo Apyãwa, dois homens adultos e um menino. Já na Terra Indígena Tapirapé/Karaja levou a óbito uma pessoa do povo Apyãwa, um homem adulto. O enfrentamento dessa doença não foi fácil para o povo Apyãwa, porque teve que mudar a rotina para evitar a entrada da doença, a propagação e para evitar que ocorressem muitas mortes. Então, nesse período, foi necessário evitar de ir para cidade, não se fez qualquer ritual tradicional Apyãwa, visitar menos famílias, não comer juntos, não usar vasilha, colher, copo e outros material que outras pessoas usavam, não se podia usar, evitando a sua contaminação. Sempre lembrando de lavar as mãos com água e sabão e com outros produtos evitando a sua contaminação. Outros métodos foram fundamentais também no combate a pandemia, como usar remédio tradicional, preparado por raizeiros e curandeiros/as Apyãwa. Com essa sabedoria, usou-se menos antibiótico farmacêutico que ajudou a combater a doença. Depois de tudo que o povo Apyãwa passou até aqui consideramos que tudo serviu como experiência de vida, de luta, de sobrevivência e assim continuamos lutando pelo bem do povo Apyãwa, desistir jamais.

2 A CONSTITUIÇÃO DO PESQUISADOR: uma autobiografia comentada

Aqui neste capítulo trago um pouco da minha trajetória de vida, bem como da minha família, na qual disponibilizo o processo da vida do meu pai, da minha mãe e a minha com meus irmãos e irmãs. Faço uso desta história como forma de me apresentar enquanto sujeito pertencente a um povo e como isso foi me constituindo como pesquisador indígena.

2.1 A VIDA DO MEU PAI E DA MINHA MÃE

Nesta autobiografia comentada, eu faço questão de me apresentar para os/as leitores/as. Sou Taroko Edimundo Tapirapé, filho de Paxepytygi Cláudio Tapirapé e Eirowa Regina Tapirapé do povo Apyãwa, falante da língua da família Tupi-guarani. Eu tinha cinco irmãos, mas, infelizmente, perdemos um, desta forma tenho quatro irmãos e três irmãs. Moramos todos na Aldeia *Tapi'itãwa*, na Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, Mato Grosso.

Esse relato está organizado conforme a linha do tempo da minha trajetória. Em primeiro lugar, eu registro a vida de meu Pai e da minha Mãe na sua família. Pelas lembranças da minha Mãe, ela me contou que, na sua infância, a sua família foi sustentada pela comida tradicional, pelos produtos da roça, caçada e pesca. Dizem que o Pai dela, meu avô Korirã Tapirapé foi uma pessoa muito trabalhadora, fazia roça de toco sozinho, onde plantava mandioca, mandioca-doce, macaxeira, banana, batata, cana, cará. Na caça abatiam porco queixada, cateto, paca, quati, cuxiu e jabuti. No pescado, pescava tucunaré, piranha, traíra. Tudo isso, a sua mãe Taparawoo Tapirapé preparava de acordo com a receita tradicional de cada produto da roça, carne de caça e os peixes, sempre fazendo conforme alimentação tradicional do povo Apyãwa para o consumo da sua família. Ela disse também que, nesta época, a convivência com a família, principalmente, com a sua mãe foi o momento de aprendizagem de fazer o trabalho das mulheres Apyãwa. Então, pela visão dela, entendeu que não encontrou muita dificuldade neste modo de vida.

Em relação aos recursos financeiros, a minha mãe relata que a família encontrou muita dificuldade nessa época. Assim, para o seu pai e a sua mãe era muito difícil pegar dinheiro, até porque o seu pai e a sua mãe não eram funcionários e nem existia um programa do Governo para beneficiar nessa época. Mas, segundo minha mãe confirma, que o pai dela

usava outro método para conseguir dinheiro, como vendendo produtos da roça para alguns posseiros que existiam ao próximo da Terra Indígena Tapirapé e Karajá. Com esse dinheiro compravam algumas ferramentas como faca, facão, machado, foice, enxada. Compravam também algumas peças de roupa e chinelos. Conseguiram também comprar sabão em barra, açúcar e outros produtos que necessitavam. Dizem que, outro meio de conseguir dinheiro, era também o pai da minha mãe produzir artesanato para comercializar junto ao comprador de artesanato que ia uma vez por ano na Aldeia. Dessa forma, foi levando a vida da sua família equilibradamente no sustento.

A minha mãe destaca também que na sua vida de criança, mais um menos com 10 anos de idade ficou doente, sentindo muita dor da sua perna esquerda. Para fazer tratamento a Irmãzinha de Jesus, juntamente com seu pai tinha que sair da Aldeia para ir até a Cidade. Nesse tratamento descobriu que ela estava com reumatismo. Então, tinha que ficar internada no hospital. Nesse processo de tratamento, ela conta que, por um momento, o pai dela acompanhou no hospital para fazer o tratamento. Mas, o maior período do tratamento ela ficou sozinha no hospital, somente recebendo visita da irmãzinha. Segundo ela conta, que chorava, querendo ir para sua casa, sentia falta da sua família. Disse que, com o decorrer do tempo, ela foi se acostumando e assim ficou fazendo o seu tratamento por muito tempo. Ela relata que a primeira menstruação aconteceu no hospital. Assim também aconteceu a segunda menstruação, e ela não pode seguir o seu resguardo de menstruação conforme a sua cultura. A minha mãe acha que, na sua adolescência, mais ou menos com 15 ou 16 anos de idade, ela melhorou, e, assim, pode vir para sua casa, ficando novamente junto com a sua família.

Já a vida do meu pai, na sua família, foi muito difícil, como ele coloca no seu relato. Disse que, desde pequeno, o seu pai e sua mãe se separaram, o seu pai se casou com outra mulher da etnia Karajá. Neste tempo, ele me afirma que a sua mãe deu a sua guarda e a guarda do seu irmão para sua avó. Sendo assim, ele e seu irmão ficaram sob a responsabilidade da sua avó materna. No entendimento do meu pai, talvez isso aconteceu porque não tinham sua casa própria para ficar sustentando e criando seus filhos. Então, neste momento, ele conta que encontrou muita dificuldade na parte de conseguir se alimentar. Afirma que ele e seu irmão ainda eram meninos para buscar aquilo que precisavam. Por este motivo, a sua avó fazia o possível para conseguir alimento para os dois. Ele conta também que, a avó, às vezes, os levava no cerrado colher frutas maduras que consumiam e assim se sustentavam. Às vezes, os levava na pescaria e por lá comiam o que conseguiam pescar, mas, muitas vezes, dormiam sem comer. Passando esse sofrimento durante o seu processo de

crescimento, ele disse que, pouco a pouco, foi aprendendo a se sustentar, conseguindo pescado, buscar fruta do cerrado e buscar produto da roça quando os seus tios ou o seu pai convidava. Ficando um pouco maiorzinho, desde então ele mesmo se sustentou, começando fazer desde cedo o trabalho de homem adulto Apyãwa.

Ele lembra também que a parte financeira era mais difícil ainda, afirmando que: *“ainda bem que, naquela época, vivíamos simplesinho, não se importando de usar roupa bem usada, ficar sem chinelo. Por isso, sempre eu falo pra vocês aprenderem a nossa forma de viver pra, futuramente, vocês ensinarem os seus filhos sobre aquilo que vocês têm de conhecimento. A mesma forma nos dias atuais, vocês, têm que estudar, aprender esse conhecimento do ocidental que irá servir para a vida de vocês”*, disse ele.

Com relação ao encontro do meu pai e minha mãe, os dois contam que isso aconteceu pela iniciativa da minha avó e do avô paterno, quando ele e ela pediram ao pai da minha mãe o casamento dos dois. Disse que, certo dia, os tios da minha mãe também reforçaram para que os dois se casassem. Pela narração do encontro, ele e ela confirmam que desta forma aconteceu o casamento, normalmente, conforme a tradição do povo Apyãwa. Disse que para os dois ali começou outra história e a responsabilidade de como se comportar dentro da família da minha mãe, respeitar as famílias da esposa conforme a cultura exige, sustentar sua esposa, enfim. Além disso, também cuidar do outro com muito carinho. Disse que, desta forma, foi levando a vida do casal na casa do sogro como exige a cultura Apyãwa, onde o genro deve morar certo tempo na mesma casa do sogro. Pela avaliação do meu pai, a sua sogra não se dava bem com ele, muitas vezes, o tratava mal, usando palavras desrespeitosas. Acontecendo um bom tempo esse fato, ele decidiu construir a sua própria casa para nela seguir a sua vida, ele, minha mãe e minha irmã, primeira filha. Então, construiu a sua casa, onde ficou tranquilamente sustentando a sua família conforme a necessidade, produzindo rocinha, nela plantando os produtos da roça, da mesma forma conseguindo pescado para o sustento da família.

Em relação aos recursos financeiros ele tinha que produzir artesanato para comercializar, o comprador vinha uma vez por ano comprar o seu artesanato. Esse era outro meio de conseguir dinheiro e, com isso, comprar as coisas que necessitavam. Conta que mariscava nos rios e nos lagos, matando jacaré para vender o couro. Também matava piroasca conhecido também como pirarucu e comercializava a carne. Nesse trabalho, meu pai afirma que, às vezes, voltava depois de completar quatro ou oito meses. Disse que, uma vez, ficou um ano somente se dedicando nesse trabalho para sustentar sua família. Ele compartilhou

conosco que esse trabalho é ariscado, perigoso e pesado, porque é feito de dia e de noite. Por isso, é muito sofrido e não sabe se o trabalho pode sair bem ou pode acontecer uma coisa ruim com a pessoa. Nessas questões tem que redobrar a atenção. Dessa forma nós vivemos até aqui, disse meu pai.

Mesmo diante dessa dificuldade, a minha mãe contou para meu pai que ela estava grávida. Tendo essa notícia, os dois ficaram felizes, desejando que o bebê fosse um menino, já que tinham uma menina. Disse que, dessa forma, a minha vida fez parte nessa família. Então, a partir disso, começou novamente o processo de cuidado, de não comer alimentos que na cultura Apyãwa não se pode consumir durante a gestação. Isso valia para os dois, evitando a lesão da minha saúde psicológica e mental no processo do meu desenvolvimento. Também neste momento não faziam algumas atividades que são proibidas de praticar, também evitando a lesão de qualquer parte do meu corpo, por exemplo; nascer sem braço, sem dedo, sem orelha, com lábio rachado, enfim. Evitando tudo isso, meu pai e a minha mãe não rachavam lenha, não repartiam carne de caça e assim por diante. Desta forma, foram seguindo as regras de cuidados conforme entendimento do povo Apyãwa.

2.2 MINHA HISTÓRIA DE INFÂNCIA

No dia vinte e sete de setembro de mil e novecentos e oitenta e três nasci na Aldeia *Orokotãwa*, onde a minha família e demais Apyãwa moravam naquela época. No momento do parto, o casal fica no resguardo se alimentando somente com *kawi*, bebida tradicional feita com determinado produto como arroz. Além de ser alimento, o *kawi* tem função de ajudar a mãe a ter mais leite. A minha mãe disse que, desta forma, pouco a pouco, foi consumindo outros alimentos leves, sem comer em seguida outro tipo de comida. Isso evita dar dor de barriga para o bebê. Segundo contam meu pai e minha mãe, seguiram esse processo para não acontecer nada de mal comigo. Quando caiu o meu umbigo, meu pai se pintou, oficializando a caída do meu umbigo. Disse que, neste momento, para o pai do bebê é fundamental tomar um pouquinho de líquido do cipó venenoso. Em seguida, passa o líquido em todos os ligamentos dos ossos, para evitar futuramente dor no ligamento dos ossos. Também neste momento, a cultura exige passar o líquido de cipó no peito da mãe do bebê para que o peito fique protegido das coisas ruins. Conforme a cultura, esse líquido foi passado na minha barriga para me proteger das coisas ruins. Já a minha mãe continuou passando este líquido um pouco mais, até o término do sangue. Então, somente a partir disso, ela pode passar urucum na sua

cabeça para oficializar também o consumo de alimentos leves. Nesse processo da minha vida de bebê ainda continuou o cuidado de não consumir alimentos proibidos e, assim, me cuidando fisicamente.

Durante esse tempo, meu pai e minha mãe foram entendendo que filho e filha é uma parte que garante a continuidade da sua família e a resistência do seu povo. Também no entender deles, filho e filha é uma questão de responsabilidade, deve ser amado, cuidado, dar conselhos, ensinar sobre a vida, tudo que vai servir para sobreviver no mundo. Com essa luta, enfrentar junto os problemas e juntos, buscar cada vez mais melhorias. Por tudo isso, eles entenderam que essa experiência de vida tem suma importância, porque sabe que, no futuro, nós, como filhos, faremos o nosso papel de cuidar do nosso pai e da nossa mãe, da forma que a cultura Apyãwa coloca para nós como dever.

Ficando um pouco maiorzinho, meu pai e minha mãe me colocavam no chão para que eu pudesse treinar a engatinhar, assim eles também me ensinavam. Até que, no dia certo comecei a engatinhar. Da mesma forma, pouco a pouco, fui incentivado pelo meu pai e pela minha mãe a aprender a caminhar. No dia certo, caminhei pela primeira vez sozinho. Com esse tamanho, também fui ensinado em algumas palavras na língua materna, exemplo; Api - mãe, Xeropy – papai, enfim. Ela disse que, com a convivência, fui aprendendo a falar Apyãwa.

Chegando no momento de me desmamar, significa que é o último resguardo triplo com duração de um mês. Nesse resguardo, meu pai e minha mãe e eu não consumíamos carne de porcão, caititu, veado, vaca, tucunaré, pintado, bagre, pirarara, para evitar que eu não sofresse hemorroida. Os produtos que são permitidos ao consumo são: tamanduá bandeira, cuxiu, piranha, traíra, peixe aruanã, piau, pacu e as frutas que consumimos. Chegando no momento de simbolizar o meu desmame, tinha que me pintar com a pintura corporal específica com jenipapo. Assim, no dia seguinte, bem cedo a minha mãe e meu pai me enfeitaram com material feito para esse tipo de ritual. Com essa demonstração, os membros da comunidade veem que fui desmamado. Simbolizando essa passagem, tínhamos que continuar seguindo a regra do resguardo, ficando mais um mês. Somente a partir de completar um mês é que consumimos aqueles alimentos que não podíamos comer durante o desmame, alguns alimentos de adultos foram liberados para meu pai e para minha mãe. Assim foi liberado para mim aquele alimento que a criança consome normalmente antes de passar no processo de desmame. Mas, somente no momento de desmame é que o consumo desses alimentos é interrompido. Meu pai e minha mãe explicaram que o momento de desmame é o

momento de resguardar o corpo e depois continuar a vida conforme a cultura Apyãwa permite, sem a criança comer carne de aves. Meu pai e minha mãe relataram que esse momento foi um grande aprendizado para cumprir esse desafio “*foi difícil, mas vencemos junto*”, disseram os dois.

Meu pai e minha mãe contaram que, desde pequeno, presenciei e participei diretamente do momento de trabalho da roça. Segundo eles me afirmaram, o envolvimento foi para que me acostumassem a conviver nesse espaço.

Atingindo pelo menos cinco anos de idade, já na minha vida de criança, lembro um pouco que só queria viver o mundo da criança, brincar, pescar, fazer arco e flecha, ir na roça, colher algumas frutas... Hoje eu entendo que esse momento foi o momento de aprender a conviver com a natureza e, por isso, eu levo em consideração a natureza como o meu material didático de ensino.

Então, nessa fase comecei participar ativamente nos trabalhos da roça, fazendo atividades leves, carregando sementes de melancia, abóbora, milho, ramas de mandioca, macaxeira cortada, pequenas mudas de banana, pequenas mudas de cana, mudas de abacaxi, raízes de batata e cará para plantar. Meu pai foi responsável para me orientar a colocar em cada cova três sementes de melancia, abóbora e milho. Com seu conhecimento, meu pai ia me informando que essa é prática de plantar, ele usava para plantar sementes das plantas citadas. De rama de mandioca e macaxeira plantava-se dois pedaços em cada cova. Já muda de banana e abacaxi plantávamos por peça, um em cada cova. Muda de cana é plantada com duas mudas em cada cova. Pela experiência, a minha mãe e meu pai plantavam plantas de raiz como batata, cará, por uma peça em cada cova. Também para cada tipo de planta faziam uma reza tradicional do nosso povo Apyãwa, pedindo crescimento saudável, produzisse bom fruto ou produtividade.

Com o decorrer do tempo, fui aprendendo pouco a pouco o conhecimento, onde percebi que o início de trabalho da roça não se começava no trabalho de plantio. Por entender e aprender o assunto tratado, o trabalho da roça começa pela vontade de uma pessoa, ou seja, querer plantar determinada planta. Isso, muitas vezes, se decide através da necessidade de uma família. Por este encaminhamento, escolhe-se o tipo de produto para ser plantado na roça, atendendo certa necessidade da pessoa ou da família. Quando se pensa em plantar determinada variedade de planta, se trata de plantar plantas que dão certo uma com a outra. A partir da decisão da pessoa ou da família começa a procura do solo ideal para plantar a planta

escolhida. No momento que consegue achar o lugar ideal para fazer roça, começa a delimitação, marcando comprimento e largura da roça. Dependendo da pessoa, a roçada começa, às vezes roçando sozinho ou com a participação da família como filhos, irmãos, tios, sobrinhos, cunhados, enfim. Terminando a roçada, o trabalho se procede para a derrubada. Ao terminar a derrubada é o momento de deixar a roça secar, é a preparação para uma boa queimada. No tempo certo, a roça é queimada de uma forma tradicional da cultura, colocando fogo na beirada da roça. Dessa forma, as pessoas cantam música do vento, chamando-o para ter um bom vento e fazer uma boa queimada. Nesses tempos são preparadas as sementes, ramas, raízes, mudas, se estiver tudo pronto imediatamente são plantadas, sempre seguindo a regra de plantio Apyãwa. Todo esse conhecimento adquiri participando, praticando junto com minha família no trabalho comunitário. O método de ensinar e aprender, de participar e praticar na comunidade Apyãwa é fundamental no preparo de criança e jovem, o qual renova os saberes tradicionais do seu próprio povo, como são feitos na atividade da roça. Então, nessa linha de pensar, até o momento esse conhecimento próprio dos Apyãwa está bem ativo ainda e assim estamos levando.

Pelo depoimento da minha mãe, percebi que na colheita de alguma fruta, o meu envolvimento começou desde pequeno. Para ela este momento foi importante, porque com isso íamos nos sustentando, com a fruta do cerrado; *inataiyma* coco babão, *xaraywa*, *xano'apya* 'puçá', *ywae'e*, *ywaxi*, *ywaona*, *morio* 'muricizão'. Ela disse também que a fruta da mata fechada são *totaywa*, fruta de jatobá, *ywai*, *ãpi*.

Então aqui eu coloco a minha participação nessas atividades, na qual eu venho praticando conforme eu aprendi participando dessas práticas. Eu, como membro da comunidade Apyãwa, agradeço muito meu pai e minha mãe por terem me envolvido muito cedo nessa colheita de frutas, até mesmo a conhecer tipo de frutas, lugares de frutas, enfim. Além disso, agradeço por ter, desde pequeno, terem me orientado a seguir o máximo possível a regra de consumo dos alimentos Apyãwa.

Assim eu venho fazendo o meu papel de orientar o meu irmão e minha irmã para consumir frutas que comemos, porque sabemos que elas têm vitaminas e elas são naturais. Assim, também recomendo para eles seguirem a regra de consumo de alimentos Apyãwa para não sofrer consequências.

Fazendo a minha parte na minha família conscientizando, incentivando a praticar e valorizar a nossa cultura, eu me sinto fortalecido por estar permitindo a circulação desses

saberes dentro da minha família, até mesmo renovando os conhecimentos dessa prática. Quando não faço isso, eu estou me auto excluindo da minha família ou do meu povo, permitindo o aumento da desvalorização dessas práticas. Nessa parte eu sei que todos nós somos responsáveis para manter vivo os nossos próprios conhecimentos, sempre pensando nas pessoas que virão a utilizá-los futuramente. Assim eu penso particularmente sobre nós Apyãwa, e sobre esse conhecimento aqui tratado.

Segundo meu pai, a minha presença foi importante na prática de pescaria para estar aprendendo a pescar com arco e flecha desde pequeno. Destaca também que na pescaria é importante manter a paciência, a tranquilidade para capturar os peixinhos. Então, esse processo eu segui, no qual pouco a pouco fui me aperfeiçoando como pescador. Essa prática de arco e flecha pequena é bem utilizada na pescaria de timbó, devido a facilidade da captura dos peixes. Nos outros momentos, venho usando mais linha de pesca e anzol para pescar. Eu sei que essa interferência substitui um pouco o uso da ferramenta de pesca tradicional do povo Apyãwa, mas por outro lado entendo que ganhei outro parceiro para facilitar a minha pescaria, na qual, por meio dela, tenho sustentado a minha família.

Na pescaria costumava praticar piquenique com a minha família, onde é o momento das crianças aprenderem e conviver com o lugar, aprenderem os nomes dos lugares, nomes das plantas, dos peixes, das aves, dos animais aquáticos, contar histórias e também é o momento de exercitar a sua forma de pescar com arco e flecha e com a linha de pesca e anzol. O espaço também se usa como um lugar de dar conselhos sobre a vida ao seu filho/a ou a sua família, para aprender e fazer coisas boas. Essa questão foi importante, aprendi com meu pai e com a minha mãe para estar no caminho certo de fazer as coisas boas.

Nesse conhecimento o nosso povo Apyãwa costuma envolver as suas filhas e seus filhos desde pequenos, até porque a realização de ritual exige preparação, como o uso da pintura feminina; menina, moça, idosa e o uso da pintura masculina; menino, rapaz e idoso. Assim são preparados os materiais para as pinturas feminina de acordo com o tamanho como; *tamakora*, *myxo'y*, *paapy*, *tamakoramapipoko*, *awaj*, *xywaypyaramoro*, *akapiywaryja*, *apiwaawa*, *kywexo*, *yyka* e *wyraawa*. Da mesma forma, são preparados os materiais masculinos; *tamakora*, *paapy*, *tamakoramapipoko*, *awaj*, *xywaypyaramoro*, *ma'yranemaja*, *ma'yra ipepyra*, *yyka* e *wyraawa*. Assim, desde criança, os Apyãwa envolvem as suas filhas e seus filhos na música e na dança tradicional do seu povo. Neste processo e, com seu crescimento, vão percebendo a época certa de fazer ritual, tipo de material utilizado, tipo de oferenda, regra de cada tipo de ritual e a música específica para cada ritual.

Então, esse processo passei acompanhado por meu pai, ficando junto com os demais Apyãwa na *Takãra*, casa cerimonial, ou nos outros espaços onde são praticados os nossos rituais.

Destaco também que além de aprender os nossos rituais com a minha família, aprendi também com os especialistas que ensinavam os jovens sobre as suas especialidades como; narrar histórias tradicionais Apyãwa, fazer confecção de arte, aprender música Apyãwa, aprender o ritmo das danças tradicionais Apyãwa, enfim. Tudo isso se aprende na *Takãra* e fora da *Takãra* durante a realização dos rituais. Neste espaço, os Apyãwa formam os seus jovens em diversas especialidades do seu próprio povo. Por isso, esse método ainda é usado cotidianamente pelo povo Apyãwa. Na concepção da família e da comunidade é relevante o uso do método e o uso do espaço para fortalecimento e valorização da continuidade dos saberes próprios. Dessa forma, essa luta levo adiante para que as próximas gerações tenham a oportunidade de conhecer e aprender como eu aprendi o conhecimento do nosso povo. Esse é o nosso papel, contribuir dentro da família e na comunidade.

2.3 MUDANÇAS DA MINHA FASE DE VIDA

Atingindo o tamanho ideal para simbolizar a minha passagem da fase *awa'yao'i*, rapazinho, no ritual *xiwewexiwewe*, meu pai me levou onde o grupo de *wyrã* estavam se juntando para fazer máscaras e vestidos com palha de buriti, um ritual do qual somente os homens participam. Então, naquele lugar, meu pai me levou para pintar o meu corpo todo com jenipapo, simbolizando a minha primeira passagem *awa'yao'i*. Infelizmente, isso não aconteceu, porque, no entendimento do meu avô paterno, eu tinha ultrapassado o tamanho para simbolizar a passagem da primeira fase. Por isso, ele falou com meu pai para pintar o meu corpo todo até no meu pescoço. Uma pintura usada para simbolizar segunda passagem da fase *awa'yao xe'atowakara*. No momento que me pintou eu não podia mais beber água, só podia beber água de *kawi*. Durante o dia e a noite, fiquei me alimentado somente com esse alimento. Também a noite tinha que ir dormir na *Takãra* junto com os demais colegas que passaram da fase. Por lá tinha um idoso nos acompanhando, contando histórias de vida e nos orientando sobre a vida. Segundo ele falou, isso é uma aula, por isso ele estava presente falando. No segundo dia, eu tive que cortar meu cabelo no modelo que simboliza a segunda passagem da fase. Em seguida eu e os demais colegas fomos enfrentar o desafio de arco e flecha, o momento de atirar no passarinho, mostrando a nossa habilidade em manusear essa

arma. Esse dia foi muito especial para cada um de nós, por exigir a captura de passarinho. A pessoa que conseguir capturar passarinho, futuramente será um bom atirador de arco e flecha, um bom guerreiro, um bom caçador, um bom pescador, enfim. Porém, a pessoa que não conseguir vencer esse desafio, é visto como pessoa que tem menos habilidade no manuseio de arco e flecha. Então, nenhum de nós conseguiu capturar um passarinho. Voltando dessa prática, foi liberado para mim comer somente comida cozida no sentido de futuramente eu ter um corpo fortinho. A noite no terreiro da *Takãra* recebi o meu segundo nome Taroko deixando o primeiro nome Xirawa.

Ficando um bom tempo mudei novamente o meu nome para Maxa'io'i, disponibilizando o meu segundo nome Taroko para outra pessoa da minha família. É importante lembrar também que a terceira simbolização de passagem da fase, infelizmente, não consegui fazer devido que eu não estava me preparando. Por essa razão eu não troquei até o momento o meu terceiro nome Maxa'io'i. Mas, um dia, posso mudar para o meu quarto nome, quando minha filha *Atamaro'i* passar na fase da sua primeira menstruação.

2.4 MINHA ALFABETIZAÇÃO

Na sala de aula comecei estudar a partir de 7 anos de idade na “Escola Estadual Indígena Tapirapé” na Aldeia *Orokotãwa* que foi extinta devido a abertura da Aldeia *Majtyritãwa*, na mesma terra Indígena e no mesmo Município de Santa Terezinha, Mato Grosso. A segunda Escola Estadual Indígena Tapirapé ainda se encontra em funcionamento na Área Indígena Tapirapé/Karajá.

A turma que frequentei na época era conhecida como Pré, nos dias atuais é conhecida como séries iniciais, turma 1º Ciclo 1º Ano. Os educadores foram somente Apyãwa, assim. até hoje a maioria dos professores e professoras são da comunidade Apyãwa.

Nas séries iniciais até a 4ª Série, os conteúdos trabalhados eram somente sobre conhecimento tradicional do próprio povo como: língua materna e demais saberes tradicionais Apyãwa “Tapirapé”. Nos dias atuais, esse modo de alfabetizar ainda continua dessa forma. Nessas séries iniciais encontrei muita dificuldade, até porque a educação escolar foi uma coisa nova para mim. Assim eu tive dificuldade com a escrita, letras, palavras, pequenas frases e pequenos textos. Com o tempo fui pegando o jeito de escrever. Conforme meu esforço, fui compreendendo algumas letras, palavras e produzindo pequenas frases e textos na língua materna. Lembro que, nessa época, a família do meu avô materno, incluindo nossa família,

vieram para a retomada da Terra Indígena Urubu Branco. Foi a primeira família a vir e ficar se hospedando em uma casa da fazenda. Foi neste momento que, eu e meus irmãos, minha irmã e minhas tias fomos prejudicados por não poder estudar. Ficamos um bom tempo sem estudar por não ter uma escola naquela época neste lugar. Por ter recebido a notícia do seu irmão que estava doente, minha mãe decidiu voltar para Aldeia *Orokotawa*. Indo para essa Aldeia, eu e meus irmãos e minha irmã continuamos a estudar. Até que, novamente, o meu avô materno e a minha mãe decidiram voltar à Terra Indígena Urubu Branco, dessa vez para construir casas. Por essa ida e volta eu fui prejudicado sobre o meu estudo. Levando um bom tempo na Terra Indígena Urubu Branco, na Aldeia *Tapi'itawa* ficamos sem estudo escolar. Até que enfim, depois de ficar um bom tempo sem estudar, conseguiram instalar uma escola anexa vinculada à escola que ficou na outra Aldeia chamada *Majtyritãwa*. Com essa oportunidade eu consegui levar adiante o meu estudo escolar.

A partir da 5ª série até a 8ª série fui alfabetizado de forma bilíngue, na língua materna e língua portuguesa. Lembrando que até a conclusão de ensino fundamental foi criado definitivamente a sede da escola, Escola Estadual Indígena *Tapi'itãwa* já tendo a quantidade suficiente dos alunos para criar turmas completas.

2.5 CURSANDO ENSINO MÉDIO E MAGISTÉRIO INTERCULTURAL

Para fazer o Ensino Médio eu tive que ficar aguardando um bom tempo pela aprovação de projeto *Aranowa'yao* – Novo Pensamento. Porque até naquele momento, a Escola Estadual Indígena “*Tapi'itãwa*” não estava oferecendo essa oportunidade na aldeia *Tapi'itãwa*. Evitando sair da aldeia para a cidade próxima, fazer o ensino médio, muitos jovens Apyãwa ficaram na mesma situação, esperando que um dia a comunidade, lideranças ou professores/as Apyãwa conseguissem trazer o ensino médio para a aldeia Apyãwa para atender a demanda de formar estudantes do próprio povo no ensino médio.

No ano de 2004 foi aprovado o ensino Médio *Aranowa'yao* – Novo Pensamento, começou o curso no mesmo ano, no período de férias, nele estudando Apyãwa da Terra Indígena *Urywo'ywawa* Urubu Branco, da aldeia *Tapi'itãwa*, *Myryxitãwa*, *Akara'ytãwa*, *Tapiparanytãwa*, *Towajaatãwa*, *Wiriaotãwa*. No trabalho da sala de aula alguns Professores/as tradicionais e Professores/as formados na academia que residem na Terra Indígena Urubu Branco tiveram a oportunidade de trabalhar conosco, tanto na parte do conhecimento Apyãwa, quanto na parte dos conhecimentos ocidentais, acompanhado pelos

professores ou professoras convidados/as que vinham de fora para orientar os Professores Apyãwa. Durante os trabalhos, as metodologias eram nas práticas de estudo de campo, produção de texto, leitura de apostilas e na apresentação de produtos produzidos para a comunidade.

Atividade pratica na aula de Ensino Médio, Aranowa'yão – Novos Pensamentos. Acadêmica Koxawiri Tapitapé, Pirixigoo Tapirapé, Marewira Tapirapé fiando algodão.



Foto tirado pelo Luiz Gouvea de Paula.

Data: 18/07/2004

Com bom aproveitamento e trabalho eu finalizei o meu estudo defendendo o meu TCC, Trabalho de Conclusão do Curso que teve como tema “TIPOS DE KAWI” Bebida tradicional do povo Apyãwa, em 2014.

No ano seguinte, em 2012, a comunidade Apyãwa, juntamente com a Escola Estadual Indígena “*Tapi'itãwa*” conquistou um sonho da comunidade Apyãwa, o Magistério Intercultural, que veio no momento certo para dar oportunidade aos jovens do local em *Tapi'itãwa*. Esse fato foi inédito, porque foi a primeira aldeia a receber esse tipo de formação. Então, no ano citado, no mês das férias começou o curso de Magistério Intercultural, ingressando nele o povo Apyãwa da Terra *Yrywo'ywawa* Urubu Branco, o povo *Iny* “Karajá”

da Terra Indígena Tapirapé/Karajá, dando a preferência para os profissionais que estavam precisando da formação para atuar e fazer um bom trabalho na sua escola.

Nesse contexto, o Magistério Intercultural foi fundamental para preparar os acadêmicos na prática pedagógica, de como trabalhar o conhecimento do seu povo e da ciência nas suas comunidades, no fortalecimento e valorização de seus povos. Nessa linha de pensar, o meu aperfeiçoamento foi fundamental para fazer a política de fortalecimento na riqueza tradicional e adquirir conhecimento ocidental que de alguma forma nos ajuda em qualquer situação. Tudo isso é dentro de ensinar e aprender ou aprender ao ensinar.

Lembrando também que os materiais didáticos utilizados durante o curso foram alguns livros produzidos pelos próprios Professores/as e acadêmicos/as Apyãwa sobre a língua materna, cultura, história, artes e assim por diante.

Atividade pratica feita na aula Magistério Intercultura, área de conhecimento Arte com Professora Chang Whan, Acadêmico Taroko Edimundo Tapirapé, Koxawiri Tapirapé, Koxamy'i Tapirapé, fazendo apiwaawa, objeto produzido com palha nova no seu certo uso, como colocar na sua cabeça.



Foto tirado pelo Luiz Gouvea de Paula.

Data: 10/01/2005

Com relação a avaliação dos estudos dos acadêmicos, se procedeu conforme regimento escolar do povo Apyãwa, onde são avaliados a presença, comportamento, esforço,

dificuldade, produção de atividade, contribuição com o grupo, debate, atividade prática, assim por diante.

No ano de 2014, consegui concluir o Magistério na Escola Estadual Indígena “*Tapi’itãwa*” na aldeia *Tapi’itãwa*, defendendo Trabalho de Conclusão do Curso em “PITYGA MAO’IAWA”, Cantiga de Ninar. Conquistando ou chegando até nesse nível de estudo, meu pai e minha mãe foram sempre meus incentivadores, sempre falando para mim que eu tenho que aprender saberes tradicionais do nosso povo e estudar para ter uma formação e assim entrar no mercado de trabalho. Com essa motivação, prevendo o meu futuro para fazer a diferença pela dificuldade e sofrimento que passemos.

2.6 VIDA ACADÊMICA

Prosseguindo os meus estudos, na graduação consegui cursar na modalidade parcelada, julho e janeiro em Goiânia, na Universidade Federal de Goiás, UFG a “LICENCIATURA INTERCULTURAL”. As etapas realizadas em Goiânia proporcionavam deslocamentos com antecedência para a gente se organizar e fazer um bom estudo. Além de fazer essa etapa, nós fazíamos outra etapa na Terra Indígena, na qual professores/as se deslocavam para as aldeias para fazer o trabalho de orientação dos acadêmicos sobre as atividades. É importante também lembrar que nas atividades locais fazíamos de forma extraescolar, atividades que possibilitaram envolvimento e participação ativa da comunidade local. Esse momento foi muito bom, porque trabalhar com a presença da sua comunidade, principalmente com os sábios/as do seu povo, as informações de atividades ficam mais ricas para serem debatidas, sendo que, por meio dela, aprendemos os assuntos tratados. Todos esses trabalhos se iniciaram quando optamos trabalhar com a alimentação típica do povo Apyãwa, a partir de 2010 a 2014, na qual iniciei o meu estudo e encerrei me formando em Ciências da Cultura. Desta forma, o ritual de defesa do meu trabalho de conclusão aconteceu na aldeia *Tapi’itãwa* com a participação da comunidade Apyãwa, equipe da escola local e equipe orientadora do curso. Já a colação de grau foi realizada em Goiânia na UFG.

Após esse estudo cursei uma segunda Licenciatura de Pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT em Confresa, MT. Porém esse desafio não consegui concluir por motivos pessoais, não tendo veículo para deslocamento da Aldeia para a Cidade. Essa experiência foi boa para me preparar melhor no enfrentamento desse tipo de desafio. Por ter cursado a metade do curso eu acredito que adquiri os conhecimentos trabalhados.

No ano de 2018 testei o meu conhecimento concorrendo ao Mestrado na UFG, Universidade Federal de Goiás. Nessa tentativa fiquei no terceiro lugar, suplente, aguardando surgimento da vaga. Essa experiência foi muito boa, por sentir e saber que poderia participar desse processo de seleção para cursar Mestrado. No ano seguinte outra oportunidade surgiu para concorrer Mestrado na UNEMAT, Barra do Bugres, MT. Então não pensei duas vezes para concorrer, me inscrevi e fui fazer o processo de seleção. Nesse segundo desafio novamente não conseguir entrar. Ao me ver despreparado ainda, busquei estudar um pouco, lendo edital, buscado informação no YouTube referente explicação do processo seletivo, e ouvindo depoimentos de pessoas que conseguiram ingressar no Mestrado, como Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé, Koria Valdivane Tapirapé, Korewygi Iranildo Tapirapé, na Universidade Federal de Goiás; Nivaldo Korira'i Tapirapé, Koxawiri Tapirapé na UNEMAT. As informações adquiridas me motivaram mais ainda para enfrentar esse desafio. Então, em 2021 veio a terceira oportunidade, proporcionando duas linhas de pesquisa; ENSINO E LÍNGUAGENS EM CONTEXTO INTERCULTURAL E ENSINO, DOCÊNCIA E INTERCULTURAL. Na linha de pesquisa, Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural me identifiquei, na qual concorri ao processo de seleção. Desta vez, veio o bom resultado, aprovação para ingressar Mestrado em UNEMAT, Barra do Bugres, turma 2021.

A experiência que eu estou vivendo nessa jornada é de complemento do conhecimento acadêmico e profissional como educador. Me sinto mais amadurecido no pensar, me posicionar, colocar o meu ponto de vista, positivo, negativo, colaborando na tomada de decisão da minha comunidade nos assuntos de seu interesse. Toda essa trajetória me ajudou bastante no amadurecimento para fazer um bom trabalho. Por este motivo, não deixo de lembrar de todas as pessoas que me ajudaram a me tornar esse cidadão. Então, só tenho a agradecer essas pessoas nesse processo da minha trajetória até aqui.

2.7 PRIMEIRO EMPREGO E ATUAL EMPREGO

Na organização social do povo Apyãwa há uma forma própria de escolher os funcionários da Escola, por exemplo: a comunidade local, juntamente com a Diretoria, analisa em público a responsabilidade, perfil, dedicação, escolaridade e vínculo pessoal para chegar numa decisão, ou seja, a escolha. Esse procedimento foi criado para ser seguido quando surgiu emprego na comunidade Apyãwa devido a instalação de educação escolar. Essa decisão é valorizada e praticada ainda hoje na comunidade Apyãwa.

Então, no ano de 2000, surgiu uma vaga na Escola Estadual Indígena “Tapi’itãwa” na função de serviços gerais. Naquele momento, o Diretor da escola da época levou o assunto no período noturno no terreiro da *Takãra*, pátio da casa cerimonial, também considerado como espaço de tomar decisão, para os demais membros da comunidade Apyãwa escolherem uma pessoa para preencher a vaga. Então, naquela noite, teve a troca de ideias procurando o nome e pessoa interessado para trabalhar naquela função citada. Nessa noite eu estava presente, na qual estava escutando as trocas de opiniões e indicações de alguns nomes para ocupar a vaga. Infelizmente, os nomes de pessoas que eram indicadas já tinham o seu emprego. Por este motivo não se encaixavam, até porque na organização social Apyãwa não se permite ter dois vínculos para uma pessoa, e assim dando também oportunidade para outra pessoa se empregar. Com esse procedimento, foi encaminhando a escolha, onde eu fiquei pensando em me candidatar para tentar preencher a vaga. Naquela hora fiquei com falta de coragem de falar no público para eu me apresentar aos demais e me disponibilizar como um concorrente para ocupar a função. Além de timidez, também fiquei com medo de os demais não aprovarem o meu nome por questão de eu ser muito jovem. Mas, durante a conversa refleti também que eu estava presente e ninguém citou meu nome. Isso me encorajou para falar no público, me apresentei como um candidato para a função. Com a minha exposição, os demais avaliaram que eu tinha a possibilidade de ocupar a vaga por ser uma pessoa responsável e dedicado em alguns trabalhos que vinha fazendo na família. Por este procedimento, ao final, os demais se posicionaram por unanimidade em meu favor para ocupar a vaga aberta.

Essa conquista quebrou o tabu de eu ser o primeiro empregado na família. Essa primeira jornada foi um aprendizado e amadurecimento como pessoa. Porque durante esse período pratiquei a minha responsabilidade, dedicação no meu trabalho, como deixar o espaço escolar limpo e, além disso, contribuir com a Diretoria em algumas atividades que me disponibilizava a fazer dentro da minha função. Superando as minhas dificuldades fui me afirmando pouco a pouco na função que atuei. Desta forma, fiquei quatro anos, de Fevereiro de 2000 a Dezembro de 2004.

Nos anos seguintes, Fevereiro de 2005 a Dezembro de 2007, fui contratado na função de Técnico de Informática Educativa na mesma escola. Essa jornada de trabalho foi uma experiência nova para mim, até porque não tinha mínima ideia por onde começar o ensino de informática para os estudantes, apesar de eu conhecer um pouco a questão básica de informática. Para praticar esse conhecimento básico de informática, eu comecei a trabalhar explicando na oralidade e por escrito a função da CPU, Monitor e teclado. A partir disso

comecei a trabalhar com o Word para escrever. Também ali trabalhei a forma de usar letra maiúscula, minúscula, uso de parágrafo, vírgula, acento, circunflexo, pontuação, espaçamento do texto, tamanho do texto, enfim. Dando os nomes para equipamentos e funções de objetos na língua materna, por exemplo: *ywyrape apiawa rexakawa* ‘monitor’, *ywyrape apiawa apyto’oma* ‘CPU’, teclado *ywyrape apiawa, anoxa’i* ‘mouse’, facilitou bastante entendimento e aprendizado dos estudantes nos conteúdos trabalhados. Criando o meu próprio método de trabalho, fui construindo o caminho de trabalhar com os estudantes de forma mais fácil.

Em fevereiro de 2008, fui atuar na função de Bibliotecário, onde também foi um grande desafio para mim. Durante a atuação, eu fiz o possível para atender a demanda da minha função, uma delas era deixar tudo separado e numerado. Outra parte também foi fundamental, registrar a saída e a entrega de materiais didáticos. Desta forma na linha de cuidar, prossegui o meu trabalho dentro dessa função até dezembro de 2010.

Nos anos de 2011 a 2013, assumi o cargo de professor, uma oportunidade desafiadora e de muita responsabilidade para fazer o trabalho de ensino. Praticando o meu conhecimento dentro da turma de ensino médio, em primeiro lugar, eu preparava o planejamento de aulas e organizava os materiais de apoio, como apostilas e outros materiais que ia usar no ensino. Com relação a atividade dentro da sala de aula, eu sempre apresento o planejamento aos estudantes para deixá-los por dentro da proposta de trabalho. Também costumo trabalhar com Tema, método contextualizado, sempre respeitando a realidade da comunidade local, na qual venho também trabalhando conhecimentos Apyãwa e os conhecimentos de outras comunidades indígenas, que são tão importantes no complemento do conhecimento da nossa comunidade como está assegurado no parágrafo 78 da LDB. É nesse ponto que eu vejo o trabalho feito de forma bilíngue, é o Professor, principalmente, que precisa valorizar os dois conhecimentos para facilitar o entendimento e compreensão das atividades por parte dos estudantes; sendo fundamental fazer atividade na língua Portuguesa e explicar na língua Apyãwa ou fazer atividade na língua Apyãwa e explicar na língua Portuguesa. Essa parceria tem dado certo na colaboração do ensino durante o meu trabalho como Professor do ensino médio.

Tive oportunidade também trabalhar com ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, anteriormente conhecido como quinta série a oitava série. Nessa experiência percebi a diferença de lidar com a turma, principalmente ao preparar o planejamento de aula ao nível da turma para motivar aprendizado, facilitar aprendizado, não atrapalhar ou dificultar o aprendizado. Outra experiência que eu tive é trabalhar o tema que a turma tem interesse em

estudar. Ao conduzir as atividades, a maior parte utilizei o método de explicar as atividades na língua materna, até porque nessa fase, para os estudantes, a segunda língua é uma coisa nova, onde encontram dificuldade de escrever e de praticar na oralidade a língua da sociedade envolvente. Porém, pouco a pouco, íamos trabalhando na segunda língua, conhecimentos indígenas e não indígenas, superando dificuldades. Então, essa experiência eu vivi nos anos de 2016 a 2019.

No ano seguinte, 2020, lecionei com séries iniciais, turma 1º Ciclo, 2º ano. Essa oportunidade vivida foi mais uma experiência para exercitar a minha prática pedagógica de fato, colaborando no sentido no desenvolvimento e aprendizagem de cada estudante, na alfabetização dentro do conhecimento tradicional Apyãwa, envolvendo escrita, números e leitura. Durante os trabalhos, eu tenho organizado o plano de aula dentro das vivências das crianças Apyãwa para dar estímulo ao estudo no assunto abordado. Usando essa estratégia eu afirmo pela minha experiência, o trabalho, as atividades tinham mais incentivo para serem estudadas pela turma. Até porque sempre pensei na relação de facilitar entendimento e compreensão de conteúdos aplicados, tanto na prática como na escrita. Desta forma, trabalhei relacionando a vida do povo Apyãwa com a biodiversidade que existe na Terra Indígena *Yrywo Ywawa* Urubu Branco e outros saberes, conhecimentos que a comunidade local envolvente. Tudo isso trabalhando com material produzido por nós mesmos, por exemplo: desenho com os nomes, desenho com frase, palavras e números, por meio lúdico, gincana do próprio povo e com outros mecanismos, o estudo e as atividades ficavam mais divertidos. Quando nas aulas de campo fazíamos visitas, observando seres vivos residente no local, contar história tradicional do próprio povo, e assim usando outros mecanismos que é ideal para alfabetização respeitando e valorizando a realidade Apyãwa. Tudo isso construindo pela minha própria criatividade para atender as demandas na turma que lecionei até no período de dezembro de 2020.

Em 2021, fiquei afastado da sala de aula devido não ser contratado. Porém, no ano de 2022, novamente, retornei para trabalhar na função de integrador pedagógico, um papel que me coloca numa responsabilidade grande para fazer o meu trabalho. Então, com essa oportunidade tenho me esforçado para contribuir com a Diretoria e fazer o trabalho administrativo e o trabalho pedagógico. Com esta oportunidade, venho construindo a minha história profissional até onde cheguei, na qual eu completo 20 anos na educação escolar da Escola Estadual Indígena “Tapi’itãwa”.

Desta forma, acreditamos que nosso trabalho de pesquisa está inteiramente integrado com nossas vivências e nossas práticas profissionais. Desde sempre buscamos trabalhar as atividades escolares contextualizadas com a realidade que nos cerca. Sendo assim, a proposta de apresentar desenhos de plantas e animais com os quais as crianças estão familiarizadas, facilita na compreensão das mesmas e contribui na aprendizagem dos conceitos e na escrita das crianças.

3. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Neste capítulo buscaremos retratar um pouco da trajetória da educação escolar indígena, sobre a luta dos povos originários para ter educação diferenciada e específica, apresentando também a conquista dos seus direitos na educação.

3.1 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A Educação Escolar Indígena é um assunto desafiador para ser entendido, para se fazer na prática e até mesmo para ser reconhecido pelos órgãos competentes, como de fato isso deve acontecer. Há muito tempo atrás, não se falava sobre ela, até porque esse mundo escolarizado e esse tipo de conhecimento não era uma prática do povo indígena. Por isso, até então, a comunidade indígena não tinha a mínima ideia sobre o que isso representava e seguia vivendo as suas vidas a partir de seus próprios processos de aprendizagens.

Podemos dizer que a história da educação escolar indígena no Brasil começa com o trabalho dos padres Jesuítas, no início da colonização, que tinha como objetivo evangelizar, catequizar indígenas expondo-os a um tipo de ensino, fundamentado em princípios religiosos, que não tinha nada a ver com a realidade dos povos nativos, como bem destaca a autora Clarice Cohn no seu trabalho de dissertação “Uma escola diferenciada”:

Jesuítas se esmeravam na catequese dos índios, preparando gramáticas da língua do “gentio” e encerrando crianças em seminários; em seu rastro, diversas ordens religiosas católicas, como os salesianos e os capuchinhos, montaram suas escolas para alunos indígenas. O estado laico também atuou, desde o Império, na educação dos índios e, em dado momento, em parceria com missões evangélicas especializadas na grafia e alfabetização das línguas indígenas. Ainda hoje, missionários evangélicos atuam em grande parte do território nacional em projetos de alfabetização e educação escolar entre índios. Em comum a todos esses projetos, uma intenção de salvação do gentio – salvação de si mesmo, seja em sua alma (e daí a catequese ou a evangelização), seja em seus modos (e daí projetos de civilização). Portanto, na maior parte dessa longa história, aos índios eram oferecidos serviços educacionais para mudar o que são e para serem integrados à sociedade que os envolvem (COHN, 2005, p. 486).

Com os trabalhos de campo que foram feitos por alguns pesquisadores da sociedade envolvente, interessados na temática educacional e sobre os costumes, a cultura, o idioma, a organização social, entre outros saberes e conhecimentos dos povos originários, nas conferências de educação escolar, debatendo, compartilhando experiências, na década de 1970, o assunto ganhou mais espaço para ser aprimorado. Por todo este movimento, a

educação escolar indígena começou a ser percebida e vista pelas pessoas interessadas como assunto de extrema importância, no sentido de entender melhor ou compreender um pouco mais o assunto que se tratava.

Com longa trajetória percorrida, a educação escolar indígena, após a constituição de 1988, surge com uma nova proposta, tendo como objetivo abranger saberes e conhecimentos dos povos nativos como algo único, onde cada comunidade possa demonstrar na prática, na oralidade e na observação seus processos próprios de aprendizagens, diferentemente de qualquer outro povo, ou então, como dizem os povos originários: “cada povo tem os seus saberes e os seus conhecimentos”. Por outro lado, por meio da proposta de educação escolar indígena, o ensino tradicional ganhou um parceiro que tem potencial de trabalhar no mundo escrito, no qual saberes e conhecimentos indígenas foram inseridos no mundo da escrita para serem documentados e, a partir disso, cada povo pudesse usar seus conhecimentos, respeitando a finalidade determinada pelos próprios indígenas.

Fazendo uma pequena análise referente a educação escolar indígena, é que na prática pouca coisa foi implementada daquilo que a legislação apontava, pois a política educacional na hora de chegar nas escolas indígenas, continuou a desconsiderar as especificidades que seriam encontradas em cada comunidade, a pluriétnicidade, as pluriculturas e outras variedades de saberes e conhecimentos de cada sociedade indígena. Mesmo conscientes de que o Brasil é um lugar formado por uma enorme diversidade étnica indígena, cada qual com seus costumes, culturas, idiomas, rituais, artes, danças, cantos e outros saberes e conhecimentos que são características específicas que cada povo possui e que é isso que os identifica e os diferencia dos demais, ainda assim, insiste-se em políticas que não respeitam essas diferenças, desrespeitando a própria legislação brasileira. Também a educação escolar indígena, com a sua expressão, tem que olhar para cada povo indígena, deixando de lado a generalização, no conceito de centralizar, formando uma opinião e uma visão de que existe somente uma única sociedade indígena. Nesse ponto, essa política não atende os anseios de cada comunidade indígena e nem mesmo as próprias determinações constitucionais.

Por continuar articulado na luta e reivindicando educação escolar que atenda de fato as necessidades e demais fatores de cada comunidade, ou seja, uma demanda sobre a alfabetização e outros mais, complementando o ensino da oralidade, das práticas e da observação, surgiu a proposta de ter um educação escolar indígena específica e diferenciada de fato, que demonstre respeito às especificidades de cada povo originário conforme os seus costumes, cultura, língua materna e outros saberes e conhecimentos que envolvem cada povo, de acordo com a sua realidade. Porém, depois de longas batalhas, a proposta de educação

escolar indígena específica e diferenciada são escritas no papel, como aponta o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, RCNEI, título “Em busca de consenso”:

Para preparar a primeira versão do documento, o MEC constituiu uma equipe formada por um conjunto de educadores vinculados, em sua maioria, a ações de implantação e assessoria às escolas indígenas e à formação de professores índios. Paralelamente, através de um roteiro de discussão curricular, um significativo grupo de professores indígenas foi convidado a enviar suas reflexões para subsidiar a elaboração do texto. Foram também consideradas, na elaboração deste texto, propostas curriculares de algumas Secretarias de Educação e de Organizações Não - Governamentais entendidas como paradigmáticas. (BRASIL, 1998, p. 15)

Seguindo os trabalhos, aconteceu a consulta dos principais interessados sobre a proposta de educação escolar indígena diferenciada e específica transcrita no documento, a qual passou a ser revisada ou complementada pelos próprios indígenas, acompanhada por algumas instituições envolvidas, como o RCNEI destaca, no título: Em busca de consenso:

Finalizada a redação de uma primeira versão do documento, este foi submetido a avaliação por um conjunto, ainda mais amplo, de educadores, especialistas e instituições - indígenas e não-indígenas - envolvidos com a questão da educação escolar indígena. As contribuições advindas desses pareceristas serviram para aprimorar e enriquecer o texto original. (BRASIL, 1998, p.15)

Levando um bom tempo, o resultado de grande luta dos povos indígenas sobre o direito de ter educação escolar indígena específica e diferenciada veio exigindo respeito aos saberes e conhecimentos tradicionais de cada comunidade, como a Constituição Federal de 1988 reafirma no título “Os Decretos”:

O reconhecimento dos direitos educacionais específicos dos povos indígenas foi reafirmado no Decreto nº 1.904/96, que institui o Programa Nacional de Direitos Humanos. Ali se estabelece como meta a ser atingida em curto prazo a formulação e implementação de uma "política de proteção e promoção dos direitos das populações indígenas, em substituição a políticas assimilacionistas e assistencialistas", assegurando "às sociedades indígenas uma educação escolar diferenciada, respeitando seu universo sociocultural" (BRASIL, 1988, p. 32).

É importante recordar que essa conquista veio através de muita luta dos povos nativos para ter o direito à educação escolar indígena diferenciada e específica, um direito que dá a cada comunidade indígena a possibilidade de trabalhar os seus saberes e conhecimentos específicos e também trabalhar com outros saberes e conhecimentos com seus jovens e crianças na sala de aula. Além disso, o objetivo maior foi para documentar, registrar os seus

próprios saberes e conhecimentos tradicionais pela escrita ou pelos outros recursos que essa política educacional disponibiliza para afirmar seus costumes, sua cultura, sua língua, entre outros saberes e conhecimentos que se fazem necessários para sua resistência e sobrevivência.

A partir do reconhecimento de seus direitos dentro da educação, cada povo indígena pode trabalhar a sua realidade vivida com as suas crianças na sala de aula, usando o método do ensino escolar de acordo com a sua vida e com seus costumes. Desta forma, a Constituição Federal de 1988, no artigo 210, garantiu às comunidades o uso das próprias línguas e a utilização de seus processos próprios de aprendizagem em suas escolas.

Complementando também a LDB, no artigo 79, delibera sobre o desenvolvimento dos currículos e dos programas específicos pelo Sistema de ensino, incluindo-se processos pedagógicos, línguas e conteúdos culturais correspondentes às diversas sociedades indígenas. A LDB acentua, enfaticamente, a diferenciação da escola indígena em relação às demais escolas dos outros sistemas de ensino pelo bilinguismo e pela interculturalidade presentes em cada comunidade. Outros dispositivos que aparecem na LDB também abrem a possibilidade para que a escola indígena, na definição de seu projeto pedagógico, estabeleça não só a sua forma de funcionamento, mas os objetivos e os meios para atingi-los.

3.2 INSTALAÇÃO DA ESCOLA APYÃWA

Com instituição da educação escolar, o povo Apyãwa também passou a sentir e exigir o direito de ter a sua própria escola diferenciada e específica Apyãwa. A construção deste projeto pedagógico possibilitou que povo pudesse pensar na sua escola, conforme a sua realidade e ser reconhecida pelos órgãos competentes.

Com esse entendimento, a comunidade Apyãwa “Tapirapé” solicitou a primeira implantação da escola na sua aldeia para atender a demanda da alfabetização escolar do povo Apyãwa. Segundo os idosos Apyãwa relatam, esse pedido foi feito por motivo de que estavam encontrando muitas dificuldades para dialogar com a sociedade envolvente, quando estavam lutando pela demarcação da Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Nessa época também o objetivo maior da comunidade Apyãwa era aprender a falar a língua portuguesa para facilitar comunicação com os “*maira*”. Desta forma, na visão do povo Apyãwa, a língua portuguesa ajudaria na conquista e na demarcação da Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Afirmavam também que, outro objetivo era aprender escrever e ler, como no seu trabalho os professores Apyãwa destacam, XANEXEMA’EÃWA PARAGETÃ, História da Educação Escolar

Apyãwa, no ponto 3.2, é relatado o início da educação escolar entre os Apyãwa. Silva *et al*, assim escreve sobre este fato:

Na década de 70 do século passado, os Apyãwa queriam uma escola para poder aprender a língua portuguesa com o objetivo de entender o que estava escrito nos documentos e poder lutar pelos seus direitos com mais segurança. E solicitaram, então, as Irmãzinhas de Jesus, que levaram esse pedido a Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia na época (SILVA *et al*, 2019, p.55).

Os Apyãwa acreditam que o pedido foi analisado com muito cuidado pelo bispo Dom Pedro, porque antes de receber a solicitação da escola na Aldeia Orokotãwa já havia a instalação de igreja, onde o início das atividades desenvolvidas pelo pe. Francisco Jentel já estava sendo praticadas, levando o povo Apyãwa a frequentar e fazer missas na igreja. Segundo os Apyãwa afirmam, neste momento, o pe. Francisco trouxe um professor inglês e, algumas pessoas, membros Apyãwa, começaram falar algumas palavras da língua inglesa. No entanto, poucas pessoas se interessaram em continuar a praticar essa nova vida dentro da sua comunidade e na sua aldeia. Diziam que desta forma, o trabalho não teve continuidade por motivo de a maioria Apyãwa não ter se interessado nessa vida inserida pelo padre que ficou junto com essa comunidade. A partir daí, a própria comunidade local propôs às Irmãzinhas de ter uma escola na sua Aldeia. Com essa proposta desafiadora, a irmãzinha Genoveva, com sua equipe, teve outro desafio, buscar outra pessoa para ajudar na execução de trabalho da educação escolar na comunidade Apyãwa. Então, o primeiro professor a chegar na Aldeia Apyãwa ocorreu no ano de 1968, como destacam os professores Apyãwa no seu trabalho XANEXEMA'EÃWA PARAGETÃ - História da Educação Escolar Apyãwa; 3.2. O início da educação escolar entre os Apyãwa:

- 1º Chegada da professora Wanda à aldeia Orokotãwa, através da FUNAI;
- 2º Chegada dos professores Mike, Hosana e Maximino, que vieram convidados pelo Padre Francisco Jentel. O professor Mike era inglês e ensinava somente na língua inglesa. Por isso mesmo, os mais velhos sabiam algumas palavras em inglês, até hoje, os anciãos Korako e Warini sabem algumas palavras e cantos. Todos esses professores que passaram pela nossa comunidade não se acostumavam a morar na aldeia, que era totalmente diferente da cidade. Foi nessa mesma época (1970), que os professores Luiz Gouvêa de Paula e Eunice Dias de Paula chegaram à nossa aldeia somente para fazer uma breve visita (pp. 54-55).

Ainda no prédio da igreja, em 1973, foi instalada a Escola Tapirapé, a qual inicia a primeira aula com a organização de duas turmas, uma turma feminina que estudava no período matutino e uma turma masculina, estudando no período vespertino como “jovens e adultos”. Segundo os sábios da comunidade Apyãwa, Xywaeri José Pio Tapirapé relata, o trabalho desenvolvido se relacionava com os aspectos dentro da vida Apyãwa. Afirma também que era a própria comunidade Apyãwa que sugeria os temas e os métodos para sua alfabetização.

Em seu depoimento, José Pio Xywaeri Tapirapé, de setenta e três anos de idade, morador da Aldeia *Tapi'itãwa*, Terra Indígena Urubu Branco, conta que, naquela época, os Apyãwa não pensaram na questão de valorização dos saberes e conhecimento do seu povo, a finalidade era saber escrever e ler. Disse que, com o tempo, os Apyãwa foram percebendo que a escola não era só para saber escrever e saber ler, a escola ia para além disso.

Então, no ano de 1973, Luiz Dias de Paula, Eunice Dia de Paula e seu filho André, retornaram definitivamente para a aldeia *Orokotãwa*, para fazer os seus trabalhos com a comunidade Apyãwa. Segundo relato do povo Apyãwa, em primeiro lugar, o casal estudou a língua materna da comunidade local, costumes, cultura e outros saberes e conhecimentos do povo. Com essa preparação, a família se inseriu bem na vida do meu povo, respeitando a forma de vida do meu povo. Disse que, com essa consideração, o trabalho educativo não tinha uma data certa de parar, ou seja, acompanhavam a realidade Apyãwa. Por exemplo: parando na realização de trabalho coletivo, trabalho da roça, pescaria, caçada, luto quando perdia um ente querido/a e parava na realização de rituais. Porém, tudo isso se tornava como tema de estudo, para reafirmação, valorização dos saberes e conhecimentos Apyãwa. Desta forma, prosseguiu o trabalho escolar da comunidade citada.

No ano de 1975, houve uma experiência com duas mulheres Apyãwa para serem professoras, Maria Rita Ipaware Tapirapé e Tarywaja Rosilda Tapirapé. Então, elas acompanhavam as aulas realizadas junto com a professora Eunice Dias de Paula. Segundo informe do povo Apyãwa, as duas foram as alunas que mais se destacaram, sabiam escrever, sabiam fazer a leitura na língua materna, em português e sabiam resolver questões de matemática que estudavam. Com isso, elas foram escolhidas para serem as primeiras professoras Apyãwa. Porém, essa experiência não prosseguiu, porque houve um problema de saúde com os filhos. Por este motivo elas foram desistindo. Além disso, também a FUNAI tinha a proposta de levar para outra aldeia, para que elas pudessem participar de Curso de Formação, organizados pela FUNAI e que iam estudar com os Karajá, povo de outra etnia. Como elas não tinham o costume de sair das suas famílias ou das suas comunidades, elas desistiram definitivamente.

No ano de 1983, a Prefeitura de Santa Terezinha reconheceu a escola como Escola Municipal de 1º Grau Indígena na Aldeia *Orokotãwa*. Em 1988, a mesma escola foi reconhecida pelo órgão competente, a Seduc de Mato Grosso, como Escola Estadual Indígena “Tapirapé”. A partir disso, a educação escolar “Tapirapé” foi se organizando e normalizando juridicamente, possibilitando o direito de ter professor Apyãwa, onde também se passou a exigir a matrícula dos alunos Apyãwa. Por isso, nessa oportunidade povo Apyãwa indicou

três jovens; Kamoriwa'i Ellber Tapirapé, Alberto Orokomy'i Tapirapé e o finado Ronaldo Komaoro'i Tapirapé para atuar como professores, trabalhando na sala de aula junto com crianças, jovens e adultos da sua comunidade.

Foto de primeiros Professores contratados pelo Município de Santa Terezinha Mato Grosso, Kamoriwa'i Ellber Tapirapé, Alberto Orokomy'i Tapirapé e o finado Ronaldo Komaoro'i Tapirapé.



Fonte: Acervo Projeto Inajá I, 1985.

Inicialmente, o contrato foi feito por meio da Prefeitura de Santa Terezinha – MT, onde houve a contratação de um professor indicado pelo povo Apyãwa o finado Ronaldo Komaoro'i Tapirapé. Os outros dois professores escolhidos não foram remunerados por motivo que, nessa época, Alberto Orokomy'i Tapirapé e Kamoriwa'i Elber Tapirapé eram menores de idade. Mesmo sem contrato, os dois professores ajudaram na escola e para que não desistissem, o professor Kamoriwa'i Elber Tapiarapé, que teve seu contrato efetivado, com gentileza, decidiu dividir o seu salário com seus dois colegas, no sentido de motivar a atuação deles como docentes. Dizem que com esse fortalecimento e com muito interesse os dois prosseguiram os seus trabalhos, onde por outro lado tiveram a oportunidade de adquirir muita experiência e tendo oportunidade de participar de cursos de formação continuada, aprimorando os seus conhecimentos pedagógicos, no intuito de melhorar mais ainda os trabalhos de alfabetização. Então, por meio disso, foram buscar solucionar as dificuldades de aprendizagem dos discentes, em nome da melhoria de ensino, fortalecendo o processo de ensino tradicional Apyãwa e para ter mais domínio sobre os saberes e conhecimentos também na teoria.

A escola estadual do povo Apyãwa tem o seu Projeto Político Pedagógico próprio, como também a matriz curricular e regimento escolar próprios e seu calendário específico, fazendo a escola ser de fato uma escola diferenciada e específica do povo Apyãwa. Tudo isso foi construído juntamente com a comunidade Apyãwa, colocando no papel os anseios da comunidade e a educação que desejava e precisava para colocar em prática o projeto educativo, atendendo o desejo do povo Apyãwa.

No decorrer dos trabalhos a comunidade local vem acompanhando o resultado da escola, pela preparação de seus membros para se tornarem lideranças de ritual, para o trabalho da roça, caçada, pescaria e até mesmo para lutar nas questões fundiárias, educação, saúde e meio ambiente em geral. Esse desempenho, a comunidade espera para o seu povo existir e resistir na luta sem fim. Desta forma, os Apyãwa e a escola vêm trabalhando lado a lado na alfabetização da língua materna, língua portuguesa, registro de saberes e conhecimentos tradicionais e, ao mesmo tempo, buscando conhecimentos dos povos não indígenas para trabalhar com eles a seu favor.

Com relação à alfabetização das crianças Apyãwa, esta se faz a partir do 1º ciclo, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos, somente na língua materna. Do 2º ciclo, 6º, 7º, 8º e 9º ano o ensino é feito de forma bilíngue, língua materna e língua portuguesa, sendo que a língua Apyãwa é a língua de instrução. Quando falo “somente na língua materna” é que nesse processo o ensino na língua materna se faz para organizar a oralidade, atividade feita na prática, transformando esses saberes e conhecimentos em escrita tanto pelas palavras, frases, textos. Envolvendo também uma forma de organizar e praticar a leitura.

Dentro do método, tem várias formas de trabalhar com essas turmas, contextualizando todas essas riquezas tradicionais, facilitando o ensino e aprendizagem das crianças Apyãwa. Na visão e no entendimento Apyãwa a oralidade, a prática e a escrita se complementam. Nessa consideração o ensino e aprendizagem da escola do povo Apyãwa se procede no caminho do fortalecimento das temáticas de acordo com realidade da comunidade local. Através disso entendemos que alfabetizamos as nossas crianças a partir do ensino fundamental na oralidade, exercitando essa prática e na escrita, na língua Apyãwa para atender às demandas dessa alfabetização, destacando que o ensino da língua portuguesa só se inicia a partir do 6º ano.

Quando me refiro ao ensino bilíngue é que, nesse processo, o ensino acontece na língua materna. Mesmo trabalhando língua portuguesa e outros conhecimentos da sociedade envolvente, sempre se procura aproximar ou relacionar ao conhecimento tradicional. Por isso, todas as temáticas são trabalhadas em três linhas: oralidade, prática e teoria, valorizando os

conhecimentos dos homens e conhecimentos das mulheres, garantindo nesse processo a oportunidade às próximas gerações conhecerem, apreenderem e tentar prosseguir o processo de continuidade dessa prática.

Continuando acreditando na luta e no seu trabalho, o povo Apyãwa conseguiu instalar na sua Aldeia o Ensino Médio Intercultural por meio de Projeto *Aranowa'yao* – Novos Pensamentos, contemplando Comunidade Apyãwa “Tapirapé” no ano de 2004. Para o seu funcionamento e para acontecerem as aulas, foi definido que o mesmo seria ministrado de modo parcelado, acontecendo as aulas duas vezes por ano, ou seja, somente em períodos de férias de julho e agosto e de dezembro à janeiro. Também como forma de complementar a escolaridade conseguiu-se a criação e implantação de um curso de Magistério Intercultural na Escola Estadual Indígena “*Tapi'itãwa*” seguindo o mesmo cronograma para lecionar as aulas. Nesse curso de Magistério participaram também professores da etnia Iny (Karajá) da Aldeia Itxala.

Todas essas oportunidades vêm surgindo e sendo conquistadas através de grande luta, uma vez que os direitos à educação escolar diferenciada e específica estão assegurados na lei maior, que trata claramente sobre ela no artigo 210, na LDB artigo 78, 79, o que não significa que, por estar claramente na lei, isso chega nas escolas, se a comunidade não se mobilizar e lutar pelos seus direitos, isso não se materializa no chão da escola.

4. ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA APYÃWA (TAPIRAPÉ)

Neste capítulo falaremos mais especificamente da escola Apyãwa, apresentando a localização, sua criação na aldeia Tapi'itãwa e a sua forma de ser escola Apyãwa.

4.1 A ESCOLA APYÃWA

A Escola Estadual Indígena “*Tapi'itãwa*” se localiza no Noroeste do estado de Mato Grosso, na Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa, Porto Alegre do Norte e Santa Terezinha – MT, a 29 km do Município de Confresa - MT.

Em 2002, na Terra Indígena Urubu Branco, foi criada a sede da Escola Estadual Indígena “*Tapi'itãwa*”, pelo decreto nº 4.823, de 16 de agosto de 2002, através do qual foi reconhecida como Escola Estadual Indígena “*Tapi'itãwa*” na aldeia *Tapi'itãwa*. Isso possibilitou a construção do prédio escolar, nele existem seis salas de aulas, uma sala de biblioteca, uma sala de secretaria, uma sala de cozinha com pia e torneira, uma sala para guardar merenda escolar, dois banheiros sanitários, feminino e masculino. Essas estruturas foram feitas de alvenaria; a cobertura é de telha de barro, parede com tijolo rebocado, coluna de concreto, porta de alumínio, janela de alumínio e todo pintado.

Foto da Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa na Terra Indígena Yrywo'ywawa Urubu Branco, na Aldeia Tapi'itãwa.



Foto tirado pelo Luiz Gouvea de Paula.

Data:20/08/2013

Por terem sido criadas sete aldeias, além de Tapi'itãwa: *Myryxitãwa*, *Akara'ytãwa*, *Tapiparanytãwa*, *Towajaatãwa*, *Wiriaotãwa I*, *Wiriaotãwa II* e *Inataotãwa*, foram

distribuídas salas anexas em cada aldeia devido ao fato de as aldeias ficarem distante umas das outras. Essa foi uma alternativa para atender o ensino das crianças e jovens do povo Apyãwa que residem nas aldeias menores. Então, as estruturas das escolas anexas de *Myryxitãwa*, *Akara'ytãwa*, *Tapiparanytãwa*, *Towajaatãwa*, *Wiriaotãwa* também são construídas com o mesmo material, com direito de uma sala de aula, uma sala de cozinha, dois banheiros sanitários, feminino e masculino. Já nas aldeias *Inataotãwa* e *Wiriaotãwa II* ainda não tem construção de escola, até porque elas são recém criadas. Porém, nelas os/as professores/as trabalham no espaço que a comunidade local disponibilizou para a construção da casa de palha. Neste espaço tem os materiais que envolvem a educação para os profissionais utilizarem nos seus trabalhos.

É importante também destacar que, nos dias atuais, na escola sede e nas escolas anexas, prestam serviço somente os profissionais Apyãwa como Diretor, Secretário, Coordenador Pedagógico, Professores/as, Bibliotecário, Merendeiras, Apoio Administrativa e Vigias. Tudo isso são conquistas de longa data na preparação e na formação dos profissionais Apyãwa para conduzir a escola.

Com essa organização a Diretoria, os Professores/as e comunidade construíram o P.P.P, Matriz Curricular, Regimento Escolar, Calendário Escolar próprio, através da troca de ideias, experiências, analisando e inserindo os seus saberes e conhecimentos tradicionais, juntamente com os saberes da sociedade envolvente.

Então, a Escola Estadual Indígena “*Tapi'itãwa*” tem o seu Projeto Político Pedagógico próprio, no qual foram descritas as ações que comunidade e a escola irão executar ou buscar para seu ano letivo, sendo auxiliados de forma política e pedagógica pelo Coordenador da escola, professores, alunos e familiares, dentro do contexto da escola Apyãwa. Também na Matriz Curricular foi inserido e definido a organização das práticas educativas para cumprir as exigências culturais e outros saberes e conhecimentos que envolve o povo Apyãwa. Além disso, dá respaldo para a formação profissional dos estudantes, tornando-se assim um mecanismo importante para escola Apyãwa. No regimento escolar também se colocou a organização administrativa, didática, pedagógica e as normas a serem seguidas, dando direito e deveres para todos que convivem no ambiente da forma que os Apyãwa vivem cotidianamente e respeitosamente. Também no calendário escolar próprio Apyãwa se organiza o período letivo conforme as vivências Apyãwa, por exemplo: execução de trabalho comunitário ou da família, produção da roça, plantio, coleta, coleta de fruta do cerrado ou da mata fechada, pescaria, caçada, rituais e outros que a comunidade pratica. Além disso se coloca o início e término das aulas, período de férias, planejamento escolar, dentre outros.

Desta forma, o Calendário escolar Apyãwa se torna específico e representa o pensamento da comunidade.

Essa organização define a identidade da escola como uma escola diferenciada e específica, demonstrando caminhos da educação que a nossa comunidade deseja e desenvolve os nossos projetos societários com a finalidade de atender as nossas crianças e jovens. Pois a escola tem objetivos para alcançar e cumprir metas sobre aquilo que está escrito nos documentos, na qual a comunidade espera os resultados através dos avanços dos estudantes, referente ao domínio pela prática e pela escrita dos nossos conhecimentos tradicionais e dos conhecimentos da sociedade envolvente, que a escola proporciona aos estudantes.

Por isso mesmo, conforme os documentos próprios da Escola, os professores/as Apyãwa lecionam em sala de aula, por área de conhecimento, na qual os professores/as de alfabetização se organizam para elaboração dos seus planejamentos de aula. Assim como também os professores/as de ensino fundamental e professores/as do ensino médio, se organizam nos dias da semana pedagógica, que é realizada pela equipe gestora Apyãwa. A partir do momento que o planejamento geral é concluído, cada professor define em qual tema contextual vai trabalhar junto com os seus educandos. Isso é realizado para cada professor assumir a sua responsabilidade de aprender a elaborar o seu planejamento específico de acordo com a sua turma no sentido de atender possivelmente os seus educandos.

Então, a alfabetização das crianças Apyãwa se inicia primeiramente a partir do 1º ciclo, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos somente na língua materna, relacionando todos os conhecimentos tradicionais Apyãwa, e, a partir do 2º ciclo, 6º, 7º, 8º e 9º ano o ensino é realizado de modo bilíngue, relacionando os conhecimentos tradicionais da comunidade local e inserindo os conhecimentos da sociedade não indígena. O ensino na língua materna é realizado nas séries iniciais para conhecer bem as letras, palavras e aprender escrever melhor para continuar fortalecendo e mantendo a escrita e a oralidade do nosso idioma originário. Nessa fase as crianças têm as experiências de aprendizagem no letramento e em numeramento que nós professores sempre ensinamos a partir da nossa realidade, com a finalidade de facilitar a compreensão das crianças na produção de conhecimentos do seu universo de convívio, conforme os seus conhecimentos vão sendo construídos. Por isso, lecionando conforme essa regra consideramos que alfabetizamos as nossas crianças do ensino fundamental para atender à demanda da nossa comunidade em relação ao ensino bilíngue.

O ensino bilíngue que realizamos, acontece de acordo com a nossa realidade para os estudantes aprenderem produzir bastante e desenvolverem os seus conhecimentos sobre a organização social que presenciam no dia a dia e em diferentes momentos. Pois o ensino é

voltado para o nosso conhecimento e assim ajuda a fortalecer a aprendizagem e enriquece os conhecimentos dos educandos em determinadas organizações que são específicas para os homens e para as mulheres. Nessa parte, os homens e as mulheres se especializam para continuar repassando os seus conhecimentos que são praticados em diferentes organizações, preparando as novas gerações Apyãwa para o futuro, conhecendo o patrimônio cultural de sua comunidade.

Os métodos conduzidos pelos professores/as são sempre baseados nos nossos conhecimentos tradicionais e são desenvolvidos através de entrevistas em forma de teatro, produção de livrinhos, produção de jogos através de ilustrações, produção de numeramento em diversas operações de matemática.

Atividade, Tapekwany e Eirywa produzindo jogo com os nomes de temiara animais, wyra aves, ipira peixes.



Foto tirada pelo Taroko Edimundo Tapirapé

Data: 25/05/2023

Os exercícios e procedimentos mais utilizados dos professores/as envolvem a realização atividades através da formação de palavras, das sílabas e na formação de frases, buscando sempre temáticas que são próprias da vida das crianças.

Sendo assim, os textos produzidos, ilustrações em figurinhas pelas características dos animais, das aves, dos peixes e das frutas, sempre buscam os elementos que fazem parte da vida das crianças. Esses métodos utilizados no ensino não são específicos para os estudantes de alfabetização, pois esse mesmo mecanismo é utilizado para os educandos de 6º ano adquirirem a língua portuguesa. A partir do momento que os estudantes têm domínio da escrita em língua portuguesa, o professor passa a ensinar na ortografia, na gramática, na

produção de textos e realizar a aula de campo, fazendo pesquisas. Com as turmas de alfabetização também é realizado a aula de campo para conhecer de perto os espaços sagrados, os espaços educativos tradicionais, os rios, os produtos da roça, as frutas, os peixes, as aves e os animais que são essenciais na aprendizagem dos educandos Apyãwa.

“A Aprendizagem na Concepção Cultural” no primeiro verso da sua introdução, Vygotsky (1984, página), colocou um foco importantíssimo sobre o processo de aprendizagem da criança, esse meio é um dos principais objetivos da prática pedagógica. Através disso, a compreensão se desenvolve para aprender aquilo que é fundamental na construção de uma proposta no âmbito escolar.

De acordo com a teoria do Vygotsky (1984), o mediador tem o seu papel importante para conduzir o ensino e o desenvolvimento do conhecimento da criança, ajudando a adquirir novos aprendizados, ou seja, construir novos conhecimentos. Assim como também na cultura Apyãwa, os avós e os pais têm o seu papel importante de ensinar os seus filhos e os seus netos sobre diferentes conhecimentos que desenvolvemos na prática. Então, o papel dos avós se realiza na família como mediadores de conhecimentos para os pais e os netos no desenvolvimento da prática de ensino e da aprendizagem. A partir do momento em que os pais mostram o seu papel de mediar o ensino e a aprendizagem dos seus filhos, vão ser considerados como novos mediadores de conhecimento da sua família.

Da mesma forma, as práticas culturais que são realizadas na nossa comunidade Apyãwa são mediadas pelas nossas lideranças tradicionais, são eles os conhecedores dos nossos saberes milenares no âmbito da comunidade. A partir do conhecimento que é adquirido durante as práticas culturais é que se constrói um novo mediador para continuar mantendo o desenvolvimento de ensino aprendizagem para as próximas gerações do povo Apyãwa.

Na cultura Apyãwa, o conhecimento no ensino aprendizagem pelo gênero masculino e gênero feminino é desenvolvido de forma diferente. Nessa prática de ensino de conhecimento pelo gênero masculino, a aquisição de conhecimento é mediada pelos avós, pai e os tios. Assim também o ensino desenvolvido pelo gênero feminino é mediado pelas avós, mãe e as tias. Então, dessa forma, relaciono a prática de ensino com a teoria de Vygotsky (1984) no nosso processo de aprendizagem em relação a esse contexto que se trata sobre como devemos fazer o nosso papel de mediador.

Quando a criança Apyãwa frequenta as aulas, ela busca desenvolver os seus conhecimentos que são adquiridos na educação indígena da nossa comunidade para complementar com o desenvolvimento no conhecimento da educação escolar indígena. Nessa

prática de ensino de conhecimento o professor faz o seu papel de mediador, preparando os estudantes na escrita padrão da nossa língua materna, tanto quanto da língua portuguesa, para entender e saber organizar aquilo que estão produzindo. A partir do conhecimento produzido, o professor Apyãwa se planeja, levando a metodologia que estimule os alunos para continuar desenvolvendo o seu conhecimento sobre aquilo que ainda não conhece.

Compartilhamos a ideia que o autor coloca claramente de que a aprendizagem é uma atividade continua que se inicia já nos primeiros minutos da vida e se estende por toda a vida. As considerações propostas por Vygotsky (1984) revelam que a mediação possibilita a constituição dos processos mentais superiores. Uma atividade é mediada quando é socialmente significativa e com isso se produz aprendizagens. Essa teoria do Vygotsky me fez refletir muito no ensino da criança quando vejo alguns professores Apyãwa deixando os seus alunos fazendo as suas atividades sozinhos sem fazer acompanhamento por perto. Esse conhecimento colabora muito na minha experiência pedagógica quando vou lecionar com as crianças de alfabetização. Então, dessa forma, destaco como é importante estudar aspectos dos conhecimentos dos autores no sentido de complementar as experiências no ensino aprendizagem.

A instalação da escola na aldeia se realizou na época de 1970, quando a maioria do nosso povo Apyãwa (Tapirapé) percebeu as suas dificuldades de falar língua portuguesa para se comunicar com outras pessoas. Então, isso era muito preocupante para nossa sociedade, quando se envolvia pela luta da demarcação da sua terra. No entanto, entendemos que, somente agora, quando se tornou possível ter professores do próprio povo formados e exercendo as atividades de docência e de administração da escola, é que esta se torna, de fato, uma escola indígena. Sabemos que ainda temos um longo caminho para avançar, mas alguns passos firmes começaram a ser trilhados na construção desta escola que queremos.

4.2 ANÁLISE DO PRODUTO EDUCACIONAL COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO APYÃWA E APRIMORAMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA.

O produto pedagógico Temiara, wyrã, Ipira trata dos animais, aves, peixes da Terra Indígena Urubu Branco - Yrywo'ywawa foi pensado com a finalidade de produzir materiais como uma proposta e estratégia de experiência para os professores que atuam na alfabetização para que fosse trabalhado com os seus educandos de uma maneira tranquila na língua materna, preparando as nossas crianças no mundo da escrita através dos desenhos. Então, esse material poderá servir como guia ou exemplo de ensino contextualizado, e, principalmente, como uma

reflexão para os professores que iniciam na vida profissional e pretendem trabalhar na área de alfabetização. Essa experiência prática também foi desenvolvida na busca de facilitar e melhorar o ensino das crianças Apyãwa, para superar as dificuldades que se encontram nessas fases. O material produzido visa ajudar bastante os educandos (as) a produzirem e desenvolverem os seus conhecimentos por meio do desenho. Por esta razão, o desenvolvimento deste produto pedagógico com desenhos de animais, aves e peixes da Terra Indígena Urubu Branco - Yrywo'ywawa incluindo algumas atividades foi fundamental para fortalecer mais ainda essa forma de ensinar, a qual tem papel de facilitar a alfabetização e a aprendizagem do assunto abordado, podendo assim ser considerado como a parte diversificada do currículo que trata da realidade das crianças do Povo Apyãwa, respeitando o que se apregoa na LDB (1996).

Para a realização deste trabalho foram utilizados desenhos de animais, aves e peixes da Terra Indígena Urubu Branco - Yrywo'ywawa. Também os desenhos foram utilizados para identificar sílabas, os qual possibilitaram a construção de palavras na língua materna.

Foi também usado desenho com palavras na intenção de facilitar entendimento e compreensão das, palavras e ter facilidade de leitura. Através do trabalho com desenho consegui mostrar ou contar a sequência dos fatos ocorridos ou contar a história do passado, presente ou do futuro, como afirmou Freire (1989) de que sempre é necessário considerar o conhecimento da realidade do aluno para assim proporcionar uma aprendizagem significativa.

Entendemos, assim como apontou Vygotsky (2009), que o desenho é uma atividade especificamente humana e intrinsecamente relacionada à apropriação da cultura, neste sentido, precisamos compreender que, para que isso aconteça, a criança precisa ter uma participação ativa na cultura, desenvolvendo ela mesma os modos de ver o mundo a sua volta por meio da fala, do sentir e do relacionar-se com os outros. “Ninguém cria do nada, tudo que se cria é apropriado na cultura e na história. É na base do trabalho e no que já foi historicamente produzido que se cria e produz o novo” (FRANCIOLI & STEINHEUSER, 2023, p. 31).

Muitas vezes o desenho é usado em sala de aula como um passatempo, sem ter atividades planejadas para explorar este recurso como fonte de aprendizagem, quando muito tem como objetivo estimular a coordenação motora da criança. Silva (2002) descreve que a atividade gráfica, nesses casos, deixa de proporcionar a naturalidade da criança.

Neste sentido afirma que:

Embora seja frequentemente empregada, a atividade gráfica é equivocadamente valorizada dentro do 'currículo' na educação infantil. Valoriza-se aquilo que pode ficar registrado no papel, para que outras pessoas possam ver não só o trabalho da

criança, mas também a atuação da professora. [...]. Não são questionadas as implicações cognitivas, afetivas, motoras e sociais provocadas por tal adestramento (SILVA, 2002, p. 66)

Dessa forma, foi muito bom trabalhar a narrativas das histórias que envolvem animais, aves e peixes. Assim também foi relevante trabalhar com as gincanas tradicionais do povo Apyãwa que envolvem também animais, aves e peixes. Pois, assim como Vygotsky entendemos que: “A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores” (VYGOTSKY, 2009, p. 42). O desenho usado como técnica pode ser um instrumento para observar o desenvolvimento intelectual, social e cultural da criança durante todo o seu processo de aprendizagem.

Esse material por meio do desenho tem potencial para contribuir com os professores (as) no fortalecimento dos conhecimentos das crianças, estimulando os estudantes na produção das atividades relacionadas aos temas trabalhados na sala de aula. As crianças Apyãwa, desde a infância, carregam na sua bagagem os conhecimentos tradicionais por meio dos desenhos e, dentro da sala de aula, levam esses conhecimentos para multiplicar e transformar para o mundo da escrita. Então, a melhor forma de as crianças Apyãwa reconhecerem as palavras é por meio dos desenhos dos animais, aves, peixes e pelos outros desenhos que podem ser produzidos. Até porque, com isso os nomes são pronunciados na oralidade, e assim cada desenho facilita identificar determinada com as quais são construídas as palavras e os nomes dos próprios seres vivos da Terra Indígena Urubu Branco - Yrywo'ywawa na língua materna Apyãwa.

Essa experiência foi produzida para atender especificamente os estudantes de séries iniciais, os professores e até mesmo atender a reivindicação da comunidade Apyãwa de poder produzir material didático dentro da vivência do povo local. Porque até o momento temos poucos livros publicados como este para trabalhar com as crianças na fase de alfabetização. Com este trabalho feito, o material produzido vai contribuir para fortalecer o conhecimento de nosso povo com relação à riqueza da Terra indígena. Então, dessa forma, eu coloco a minha análise referente essa prática de experiência produzida durante a pesquisa.

Com intuito de conhecer melhor as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, entrevistei um professor para falar sobre o trabalho com as crianças. Segundo o professor Kaxowari'i Tapirapé da turma 1º ciclo, 1º ano, afirma que o planejamento para trabalhar na sala de aula com a turma citada foi escrito na língua materna. Também o planejamento foi preparado no eixo temático *Apyãwa xemi'orogawa*, alimentação tradicional do povo Apyãwa dentro da linha de construção da roça de toco, envolvendo o método usado

para fazer a roça de toco, plantio de plantas, tipo de conhecimento tradicional do povo Apyãwa usado para colheita do produto, forma de transportar o produto da roça para residência, o tipo de cardápio do alimento preparado com os produtos da roça.

Então, na sua entrevista, ele destaca a importância de trabalhar com alunos ou (as) desde pequenos sobre os assuntos que cada aluno vê cotidianamente, como com relação ao tema abordado. O senhor entrevistado afirma que é muito bom trabalhar o conhecimento tradicional do seu povo sobre a sequência do trabalho para fazer uma roça de toco, por exemplo: identificar o lugar e o solo ideal para determinada planta. Também trabalhar o conhecimento e fazer a atividade de marcar a roça de toco no tamanho ideal que a pessoa prefere.

No seu objetivo, o professor ressalta a importância da oralidade o conhecimento de roçar e de como se faz a roça. Também relatou a importância de contribuir com os alunos o processo de derrubada de árvores da roça com machado. Recorda também que tem suma importância de contribuir, explicando na oralidade, o conhecimento de fazer a queimada da roça na época certa, com preferência no mês de setembro, outubro na primeira chuva ou na segunda chuva para evitar incêndio na mata. O entrevistado falou também que é muito bom ensinar os alunos no processo de plantar tradicionalmente os tipos de produtos da roça no tempo ideal para garantir um bom desenvolvimento das plantas. Nesses termos, ele reforça como é fundamental fazer plantio das plantas no dia seguinte da queimada, o seja, levar em consideração a primeira e segunda chuva no sentido de aproveitar desde o início a chegada do inverno. Com isso, ele trouxe para nós o método que trabalhou sobre a forma de plantar cada tipo da planta, por exemplo: antes de plantar muda de banana se faz uma fala pedindo para a muda se desenvolver bem, dando um bom fruto.

Com a finalidade de gerar bons frutos com os produtos da roça, promove-se a prática da socialização das receitas para o consumo da alimentação tradicional Apyãwa que, desde muito tempo, vem sendo feito conforme os cardápios dos ancestrais.

Na parte de temas tradicionais, o professor abordou os nomes dos tipos de solos; *ywy'yjxiga* 'solo arenoso', *ywyona* 'solo preto', *ywyptyga* 'solo vermelho', *ywy'itakorowa* 'solo pedregoso'. Disse que abordou também sobre variação do tamanho da roça de toco, roçada da roça, derrubada, queimada, forma de plantar tradicionalmente determinados tipos de plantas. Informou também que envolveu a época de colher determinado produto. Relatou também que foi muito bom envolver os preparos de cada tipo de produto como alimento tradicional que cada família prefere.

Aplicando na prática a sua metodologia, o professor explicou que, no primeiro momento, trabalhou na oralidade explicando a escolha de terreno conforme o interesse das pessoas que querem plantar o tipo de planta, por exemplo: para plantar *tata* ‘banana’ são escolhidos lugares úmidos com solo amarelo, solo preto ou no solo um pouco arenoso. A partir disso, a roça é marcada, a largura e comprimento. O professor me explicou que, nesse tempo, continuou trabalhando na oralidade, comentando a forma de fazer a medida com uma vara cortada na medida de um metro ou cinco metros. Disse que deixou claro para os estudantes a variação de metragem, que ocorre de acordo com a escolha da pessoa, deixando uma vara no tamanho da medida que prefere. Em seguida prosseguiu, se referindo sobre a roçada, falando sobre o cuidado para não acontecer acidente de trabalho. No seu relato trouxe também a importância de trabalhar a derrubada de árvores com machado para exercitar o seu corpo. Prosseguindo a sua fala, relatou também que é muito bom fazer no tempo certo a queimada, como na primeira chuva ou na segunda chuva para que as plantas se desenvolvam bem. Outro motivo que leva a fazer essa queimada nessa época também é evitar alastramento do incêndio. Então, com esse processo, as plantas são plantadas conforme o conhecimento do povo Apyãwa, por exemplo: antes de plantar banana nanica, banana da terra, banana maçã e outras bananas, os Apyãwa falam para a muda ter um bom desenvolvimento, dar um bom fruto e, depois disso, a planta é plantada. Conforme o seu conhecimento, o professor afirma o uso do mesmo processo para plantar outras mudas.

Com relação a colheita de produtos, o professor comentou da seguinte forma: o povo Apyãwa percebe e conhece o produto que está no ponto de colher pelo tamanho, às vezes, outros ficam amarelos e através disso se faz a colheita. Referente à forma de transportar o produto da roça, o professor recorda do tempo dos antigos Apyãwa que acostumavam transportar o produto da roça com *pe'yra*, um artefato feito com palha de bacaba e, até hoje, algumas pessoas carregam praticando esse modo de conhecimento. Porém, não descartou também a mudança de hoje que, nos dias atuais, se transporta com algum veículo como bicicleta, moto e carro o produto da roça.

Sistematizando o trabalho, o professor relatou que a atividade foi direcionada para o desenho, pedindo que todos os alunos ilustrassem aquilo que tinha acabado de explicar. Disse que a intenção foi para visualizar o processo de trabalho da roça e plantio, colheita e consumo. O entrevistado afirma que o desenho ajuda a entender melhor aquilo que se explica na oralidade possibilitando mais motivação de estudar o assunto trabalhado. No seu relato trouxe também que trabalhou juntamente com alunos os nomes das plantas na língua Apyãwa listando-as no quadro branco. Levando em consideração a importância do ato de ler, o

entrevistado afirmou também que trabalhou a leitura dos nomes das plantas que conseguiu listar no quadro. Conforme a afirmação do professor sobre a dificuldade detectada em alguns alunos com relação ao reconhecimento da palavra, se usou o desenho organizado conforme a construção das palavras, ou seja, cada desenho apresentando uma sílaba, assim construindo palavras de um produto.

Disse que com esse material facilitou-se o reconhecimento das palavras, ou seja, os nomes de produtos das roças. Ele conta também que trabalhou com material impresso, no qual trouxe desenho ou fotografia dos produtos possibilitando a cada aluno fazer embaixo o nome de cada desenho ou foto na língua Apyãwa, por exemplo: *tata* ‘banana’, *monowi* ‘amendoim’, assim por diante. Além dessa atividade, o professor mostrou também o trabalho feito com frases, onde cada aluno tinha produzido de uma a cinco frases referente a cada desenho de produto da roça. Assim também produziu pequenos textos na língua materna, contando o processo de fazer a roça ou o processo de plantio do produto da roça. Destacou também a importância de trabalhar com a leitura para que possa ter o domínio da leitura escrita, como no domínio das letras, sílabas, palavras, frases e textos. Assim complementando tendo a leitura do mundo, ou seja, aquilo cada aluno conhece através da disponibilidade da natureza. Sistematizando, fez o trabalho de campo, quando foram na roça, ver a estrutura da roça e nela observar os produtos plantados.

Fazendo uma análise com relação ao trabalho feito pelo professor Kaxowari’i Tapirapé, o tema abordado foi bem de acordo com a vivência do povo Apyãwa, da forma como as crianças observam e participam diretamente nas atividades praticadas. Por esse ponto, o professor foi feliz em usar uma metodologia que, culturalmente, é bem usada ao explicar na oralidade e fazer na prática as atividades. Com essa experiência, conseguiu também mostrar a sua metodologia e a forma de alfabetizar na escrita usando a língua Apyãwa, envolvendo o conhecimento tradicional do povo Apyãwa.

Foi importante usar o desenho como o meio de motivação para colorir e, ao mesmo tempo, falar o nome dos produtos das roças, mesmo que alunos ou (as) não conheçam ainda as palavras na forma escrita. Mas, através da leitura visual, já ajudou a pronunciar palavras, possibilitando a exercitar a pronúncia da palavra e ter noção como é formada e organizada o nome de cada produto na língua materna. Colocando os nomes embaixo dos desenhos em determinados produtos, ajudou mais ainda a conhecer as palavras que para eles (as) é um conhecimento novo, ou seja, o mundo escolar, no qual a Escola Indígena Estadual *Tapi’itãwa* também trabalha por meio de alfabetização e por meio de outros mecanismos, dando oportunidade e dando direito de ter esse conhecimento para a vida de cada Apyãwa.

Então, os desenhos foram as ferramentas principais para facilitar a pronunciar as palavras. Com isso, os alunos foram apreendendo as palavras escritas na língua Apyãwa, como o regimento da Escola Indígena Estadual “*Tapi’itãwa*” determina, falando que no ensino fundamental de séries iniciais o trabalho de alfabetização tem que ser feito na língua materna Apyãwa, desde o primeiro Ciclo 1º, 1º ano a 2º Ciclo ao 5º ano. Assim até o regimento assegura esse modo de alfabetização na nossa escola.

Também durante o trabalho de pesquisa eu, Taroko Edimundo Tapirapé, Mestrando da UNEMAT, tive oportunidade de acompanhar as aulas ministradas pelo acadêmico da Licenciatura Intercultural da UFG, Kamoriwa Kaiki Tapirapé, de 25 anos de idade, que estava iniciando o trabalho de estágio em 16/05/2022 na Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa.

O acadêmico fez um breve relato sobre a sua pesquisa *yropema* ‘peneira’, no qual ele fala sobre o planejamento da entrevista para colher informações sobre *yropema* ‘peneira’ com o sábio Apyãwa, Xywaeri José Pio Tapirapé, de 77 anos de idade, morador de Tapi’itãwa. No seu breve relato, o acadêmico ressalta a importância da entrevista como mecanismo de buscar e colher informação sobre o assunto tratado, assim compreendendo aquilo que não sabe referente à *yropema*. Kamoriwa ressalta que a entrevista foi direcionada sobre as matérias primas necessárias para a *yropema*, forma de preparo do material, forma de confecção e regra de uso. Deixa claro também que o planejamento do trabalho do estágio foi feito na língua portuguesa, mesmo que trabalhou com a turma 1º Ciclo, 1º ano na língua apyãwa. O acadêmico falou também que o planejamento foi feito de acordo com a turma, no qual colocou a proposta de trabalhar conhecimento sobre o tema citado. Afirmou também que, além de planejamento, foi preparado material de ensino com foto de material de peneira, foto de peneira embaixo, tendo um espaço de colocar o nome ou de fazer frase na língua materna. Assim, a seguir apresento abaixo o desenvolvimento da aula.

Iniciando o trabalho na sala de aula da Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa fazendo estágio juntamente com os alunos, Kamoriwa fez uma breve apresentação, onde se apresentou para os alunos e falou um pouco sobre o estágio; que, durante as aulas, ele vai estar abordando tema *yropema*, trabalhando sobre os nomes das matérias primas utilizadas na *yropema*, forma de preparo de material, forma de confecção e regra de uso. Desta forma, o tema *yropema* foi contextualizado na oralidade na língua apyãwa para os alunos entenderem e compreenderem o assunto que estava sendo tratado durante as aulas.

A partir disso o trabalho foi direcionado para a escrita, sendo que o acadêmico organizou no quadro os nomes dos materiais a serem utilizados para a produção de *yropema*, com a participação dos alunos falando os nomes em apyãwa e Kamoriwa transcrevendo no

quadro as palavras, por exemplo: *myryxi pe*, talo de buriti; *yypapytyga*, cipó específico; *inima*, barbante.

Com essas palavras, o professor trabalhou com alunos as sílabas, para entender quantas sílabas tem cada nome de matéria prima, e assim percebendo as pronúncias de cada uma delas na leitura de cada palavra, ou seja, os nomes de cada material necessário para a fabricação de *yropema*. Isso foi muito bom para ajudar os alunos a entenderem como se produz a escrita de cada palavra falada. Nesse sentido, foi importante trabalhar a pronúncia de cada sílaba por meio de leitura no mundo da alfabetização e escrita.

Continuando o trabalho, o professor deu sequência, explicando na oralidade, tratando sobre o modo de preparar os materiais, por exemplo: os talos de buriti são afinados com a faca no tamanho ideal para facilitar o trançado da *yropema*. Da mesma forma, a pele do cipó é raspada e assim é cortada no tamanho certo, sendo que as duas pontas são amarradas, uma na outra, formando um círculo no tamanho certo da beirada de *yropema*.

Então, Kamoriwa explicou para os alunos a sequência do trabalho que são feitos na produção de *yropema*, por exemplo: após deixar tudo no jeito o material, o trançado de *yropema* começa a ser feito até deixar a *yropema* pronta. Ao terminar o trançado, o cipó amarrado em formato de círculo é costurado na beirada para finalização de *yropema*.

Com relação ao uso de *yropema*, o professor destacou muito bem o uso específico de *yropema*, a qual as mulheres apyãwa utilizam para preparar a massa de mandioca fazendo farinha com ela. Serve também para secar os grãos de milhos e sementes de melancia, abóbora preparando para guardar e garantindo para próximo ano o plantio do produto. Também a *yropema* é usada como ferramenta para pegar peixinho na pescaria com timbó. Além disso, nela se coloca peixe assado para mais tarde ou no dia seguinte consumir.

Então, todas essas informações, o professor sistematizou e materializou juntamente com os alunos fazendo os desenhos na cartolina, as sílabas na cartolina para formação dos nomes dos materiais necessários para confeccionar *yropema* que foram ilustrados. Foi muito importante também ser organizar as palavras em forma de bingo possibilitando leituras e identificação de certos desenho e palavras. Além disso, foi trabalhado também com desenho preparado em forma de joguinho. Foi relevante também trabalhar com a construção de frase na língua apyãwa conforme entendimento ou interpretação de cada aluno referente a cada desenho de material utilizado na peneira. Da mesma forma, foi de suma importância de trabalhar no grupo, produzindo desenho de peneira, sendo que cada aluno fez apresentação do seu desenho para seus colegas de estudo. Segundo professor afirma, o trabalho foi feito para que os alunos compartilhassem os seus conhecimentos referentes a peneira.

Então, desta forma, o professor conduziu o seu trabalho com essa turma escolhida.

Portanto, Kamoriwa relatou a sua experiência vivida nesse trabalho feito, e afirmou que o trabalho de estágio exige muita responsabilidade para assumir o ensino de uma turma, porque a construção de plano de aula é feita com cautela e dentro da realidade do povo Apyãwa, como está explicitado no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa que a comunidade e professores construíram. Também, além do plano de aula, é fundamental construir material de apoio para facilitar o ensino do tema abordado durante os estudos, fazendo atividades mais divertidas, acompanhando o ritmo de estudo da turma e assim facilitando a aprendizagem do educando. Desta forma, o objetivo é de ajudar alunos na sua formação de ser como cidadão Apyãwa, e cidadão Apyãwa no conhecimento do seu próprio povo, na atividade prática e na teoria. Porém, deparamos na sala de escolas com diversos graus de conhecimento de estudantes, por exemplo, alguns compreendem mais rapidamente a como escrever as palavras, enquanto outros demoram um pouco.

Para superarmos essa barreira, o professor tem que ser criativo, para estimular o desempenho de estudo dos estudantes, no qual as atividades escritas são transformadas em jogos didático ou em gincana, uma metodologia que está dentro do mundo das crianças e, assim, concretizando o objetivo de facilitar a aprendizagem dos estudantes. Desta forma, estaremos respeitando a forma de aprendizagem de cada aluno.

O professor estagiário assim se expressou a respeito de seu trabalho: “Por este motivo, eu como acadêmico Kamoriwa Tapirapé, tive que mudar o plano, por entender que algum aluno ainda estava encontrando dificuldade em escrever, assim busquei trabalhar com eles (as) uma forma de brincar, usando o corpo para fazer letras e assim, formando algumas palavras que dava para fazer. Com isso, também, fomos estimulando o domínio da leitura. Então, eu como acadêmico, usei o meu conhecimento neste estágio, quando estava trabalhando com a turma escolhida. Desta forma, o trabalho de estágio foi feito na Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa junto com os estudantes da turma de 1º ciclo, 1º ano”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este trabalho é um fruto da pesquisa realizada no Mestrado em **ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL**, com o tema o **AS NARRATIVAS APYÃWA A PARTIR DOS DESENHO DAS CRIANÇAS**. Nele buscamos desenvolver uma reflexão referente a construção de uma nova forma mais colaborativa para alfabetizar as crianças Apyãwa por meio de Desenho e da Escrita, fortalecendo o contexto da escola Apyãwa, facilitando o ensino e a aprendizagem da criança da nossa comunidade. Neste sentido entendemos que a pesquisa tem suma importância, pois traz a oportunidade de outros acadêmicos pesquisadores, bem como a sociedade nacional pensar e repensar sobre a questão da aprendizagem e suas metodologias.

Nessa perspectiva, buscamos propor uma metodologia do ensino de forma mais adequada ao nível de aprendizagem das crianças, contribuindo com o processo educativo sociocultural do nosso povo Apyãwa, estabelecendo uma alfabetização que se preocupe e atenda às necessidades da criança Apyãwa. Com essa relevância entendemos que o processo de alfabetização precisa partir do contexto sociocultural da criança e da nossa comunidade.

Então, o objetivo proposto na pesquisa foi alcançado, uma vez que deparamos com a situação de elaboração do planejamento de aulas de alguns educadores (as) não adequados para serem trabalhados com a turma específica citada, começando o ensino sem o uso da língua materna na produção do plano de aula, falta de enriquecimento do plano envolvendo a realidade vivida pelas crianças Apyãwa e, assim, fragilizando o processo de alfabetização da turma referida.

Através do trabalho feito e com os dados coletados e analisados, recomendamos a valorização de metodologias que contemplem a realidade da turma em que o trabalho é desenvolvido, por exemplo: convivência dentro da família, na comunidade, pesca com timbó tanto no córregos, lagos, rios, trabalho da roça, plantio da roça, festa tradicional, música tradicional, brincadeira tradicional, animais, aves, peixes, frutas, natureza e outras, indicando que toda essa realidade em que a criança está inserida deve ser vista como uma possibilidade de alfabetização a partir de desenhos contextualizados, envolvendo produtos da vivência diária das crianças Apyãwa, relacionados com a vida cotidiana do nosso povo, para facilitar a aprendizagem e assim ajudar a superar as dificuldades que se encontram no processo de alfabetização. Por este motivo, é muito importante a utilização de material de apoio ao ensino pelos professores (as) Apyãwa da turma de séries iniciais da turma 1º Ciclo, 1ª Ano, para criar

caminhos que atendam às demandas do ensino de qualidade da nossa criança com relação a aprendizagem através de desenhos e escrita.

Deste modo, o assunto pesquisado demonstra a importância de valorização de produção de conhecimento contextualizada em escrita na língua materna por meio de desenhos. Espero que este trabalho sirva de incentivo a outros pesquisadores que se dedicam a estudar ou pesquisar junto ao povo Apyãwa, contribuindo no fortalecimento da resistência da comunidade como um povo autônomo, tanto na política do ensino escolar na “alfabetização”, bem como no desenvolvimento de todos os aspectos que envolvem a cultura e os modos de vida do povo Apyãwa.

CONSULTORES APYÃWA

TAPIRAPÉ, José Pio Xywaeri Ancião grande liderança, foi cacique geral do povo, grande conhecedor da cultura Apyãwa, morador da Terra Indígena Urubu Branco, com 74 anos de idade.

REFERÊNCIAS

- APYÃWA, Professores. **XANEXEMA'EÃWA PARAGETÃ História da Educação Escolar Apyãwa**, Tangará da Serra, MT: Ideias Editora, 2019.
- BRASIL. Constituição Federal. Brasília, DF: Presidência da República. 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- COHN, Clarice. **Educação escolar indígena**: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. Dissertação em Educação escolar indígena apresentada à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2005.
- FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza; STEINHEUSER, Débora Buss. O desenho como atividade da imaginação e criação na infância. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 29–52, 2020. DOI: 10.30681/21787476.2020.33.2952. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4783>. Acesso em: 11 set. 2023.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PAULA, Eunice Dias de. **Os Tapirapé e a escrita**: indícios de uma relação singular. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos apresentada à Faculdade de Letras, UFG, 2001.
- SILVA, Silvia Maria Cintra da. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras** – para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edição Loyola. 1986
- TAPIRAPÉ, Koxawiri. **Alfabetização da crianças Apyãwa e letramento em língua materna**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino em

Contexto Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Barra do Bugres, 2022.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância.** Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Preste. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TAROKO EDIMUNDO TAPIRAPÉ

AS NARRATIVAS APYÃWA A PARTIR DOS DESENHO DAS CRIANÇAS

**Aldeia Tapi'itãwa – MT
2023**

TAROKO EDIMUNDO TAPIRAPÉ

AS NARRATIVAS APYÃWA A PARTIR DOS DESENHO DAS CRIANÇAS

Mestrando: **Taroko Edimundo Tapirapé**

Orientador: Prof Dr. Alceu Zoia

**Aldeia Tapi'itãwa – MT
2023**

SUMÁRIO

Atividade.....	Erro! Indicador não definido.
Introdução	Erro! Indicador não definido.
Aplicações_(público_alvo).....	5
Objetivo_Geral	5
Objetivos_Específicos	5
Materiais_e_Metodologias	6
Conteúdos	6
Sugestões_e_orientações_aos_professores	29
Relato da experiência com a atividade.....	30
Referências	31

1. Atividade

Este produto educacional foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural que buscou analisar a importância da utilização de desenhos e da escrita na alfabetização do povo Apyãwa.

2. Introdução

A intensão da elaboração deste Produto Pedagógico foi com a finalidade de ser um material didático que apresenta os conteúdos a serem trabalhados com as crianças do primeiro ano, primeiro ciclo, no formato de atividades que envolvem a elaboração de desenhos com os quais as crianças estão familiarizadas e que façam parte dos elementos do seu convívio diário.

Esses materiais são usados principalmente em sala de aula e podem ter diversos formatos, livro com desenho para colorir, desenho para identificação de letras ou alfabeto, na construção de palavras, desenho com palavras, jogos de desenho ou jogo de desenho com palavra, e muitas outras possibilidades que a sala de aula de alfabetização possa criar. Desta forma, o que queremos apresentar é uma proposta para trabalhar nas atividades de alfabetização de forma sistematizada e contextualizada no intuito de facilitar a aprendizagem, ajudando no entedimento da escrita ou para superar dificuldades encontradas pelos professores e estudantes, melhorando a compreensão do assunto trabalhado.

Desta forma produto pedagógico é considerado como material que propoe uma alternativa complementar para as atividades de alfabetização e que tem a potencialidade de melhorar a aprendizagem das crianças apyãwa, pois as mesmas estarão aprendendo a partir do contexto em que estão inseridas.

Entendemos com isso, que o trabalho com os desenho possam ter grande importância no ensino das crianças.

3. Aplicações (público-alvo)

O desenvolvimento destas atividades com o uso do desenho e da escrita foi pensado para ser trabalhada com estudantes Apyãwa da turma 1º Ciclo, 1º Ano na Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa localizada na Terra Indígena Yrywo'ywawa, na aldeia Tapi'itãwa.

Nestas atividades abordamos assunto referentes aos animais, aves, peixes e plantas existem na Terra Indígena Yrywo'ywawa.

A intenção de trabalhar com essa turma foi para desenvolver a consciência crítica e para respeitar os seres vivos e assim fazer o manejo certo para não colocar no risco de extinção, mas sim valorizar e fazer com que elas multipliquem as quantidades existentes na Terra Indígena Yrywo'ywawa. Conforme afirma Freire (1989) a educação é a única maneira das pessoas formarem uma consciência crítica e desenvolverem a participação na vida em sociedade. Com essas atividades foi possível disponibilizar um riquíssimo conhecimento para as crianças e que são considerados preciosos para a vida Apyãwa, pois representa a continuidade da vida e da continuidade dos saberes e conhecimentos tradicionais.

4. Objetivo Geral

- ✓ Elaborar um material didático pedagógico que tenha o potencial de proporcionar uma alfabetização contextualizada, com a elaboração de desenhos e posteriormente a escrita dos nomes das plantas, aves, frutas animais e demais objetos que fazem parte do cotidiano do povo Apyãwa.

5. Objetivos Específicos

- ✓ Elaborar um material teórico-metodológico que possa servir como instrumento que auxilie na alfabetização das crianças Apyãwa;

- ✓ Contribuir na formação didático pedagógica dos professores propondo atividades que envolvem o contexto das crianças, atuando de forma interdisciplinar na aprendizagem;
- ✓ Propor outras formas de alfabetizar as crianças de modo que as mesmas possam compreender e conhecer a forma de escrever os nomes dos objetos desenhados;

6. Materiais e Metodologias

Foi muito bom trabalhar fortalecimento de metodologia de alfabetização que atende a necessidade, realidade das crianças Apyãwa que envolve conhecimento tradicional do seu próprio povo. Com isso ter um ensino eficiente e satisfatório para encaminhar desempenho e aprendizagem da turma 1º Ciclo, 1º Anos no processo de alfabetiza por meio de desenho.

Tive oportunidade utilizar cartilha MARAGETA'I EYJETE HISTÓRIA DE QUADRINHO que consta nela natureza, animais, aves e peixes e que foi produzida por professores Apyãwa.

7. Conteúdos

- Trabalhar contando histórias sobre os saberes tradicionais do povo Apyãwa, envolvendo aves, peixes e animas;
- Elaborar desenhos de aves, animais e peixes que são encontrados na Área Indígena Yrywo'ywawa Urubu Branco;
- Formar os nomes de aves, animais e peixes com desenho e palavra produzida;
- Produzir desenhos de ave, peixe e animal disponibilizando as sílabas para formação dos nomes dos seus próprios alimentos;
- Fazer desenho de aves, peixes e animas com os nomes para formação de jogo;
- Trabalhar apresentação de atividade elaborado, envolvendo leitura dos nomes de certos desenhos que aparece como alimentos da ave, peixe e animal;
- Aula de campo, pescaria no rio awiowy, rio Tapirapé;
- Atividade com cama de gato envolvendo demonstração de desenho aves, peixes e animas;

ATIVIDADE 1

WYRAWYRA, IPIRAPIRA, TEMIAMIARA RA'YGAWA AVES, PEIXES E ANIMAIS.

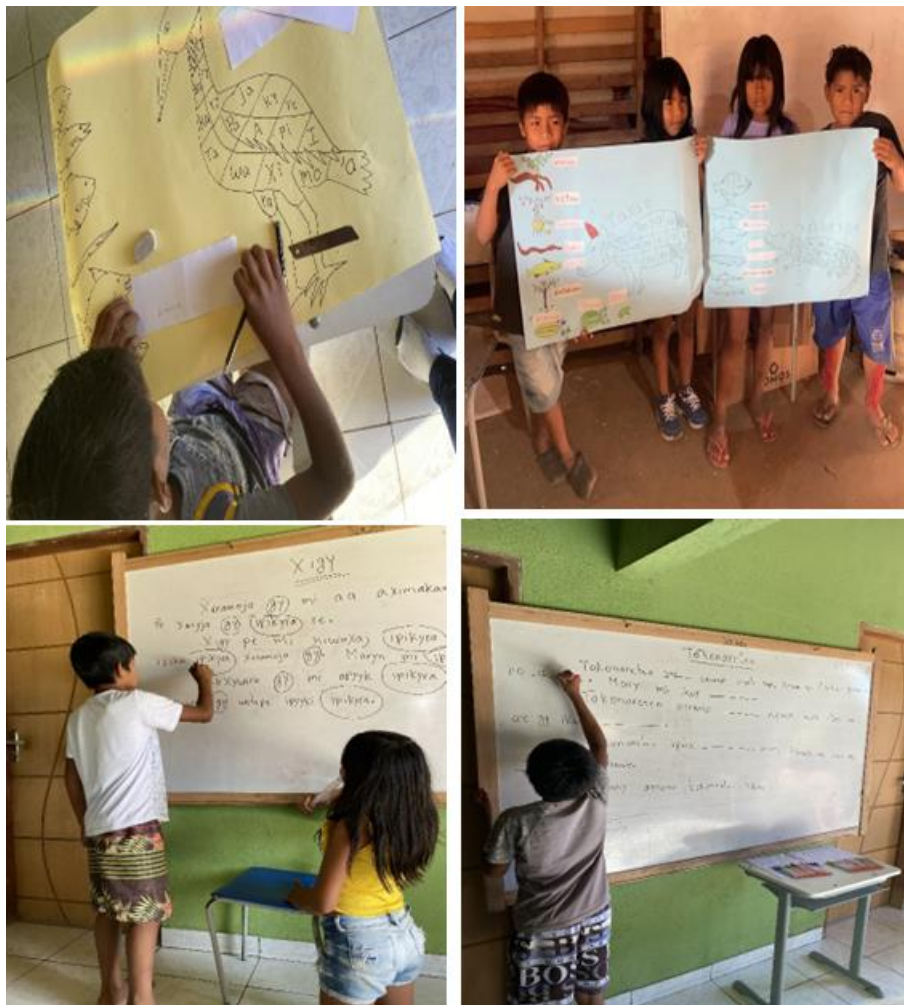


Nessa atividade foi trabalhado os nomes de aves, peixes e animais existentes na área indígena Yrywo'ywawa Urubu Branco, na qual nelas foram feitos levantamento como forma de classificar. A partir disso também foi trabalhada criação de palavras envolvendo os nomes de seres vivos classificados. Em seguida foi feito ilustração com frases na língua materna.

Fonte: registros realizados pelo autor.

ATIVIDADE 2

WYRAWYRA, IPIRAPIRA, TEMIAMIARA RERERA, AVES, PEIXES E ANIMAS COM OS NOMES



Fonte: registros realizados pelo autor.

Desenho grande de aves, peixe e animal com cartolina possibilitou produções dos nomes de cada seres vivos e sobre o seu tipo de alimento.

Também oportunizou de trabalha com produção de pequenos textos na língua materna, onde os textos envolveram peixes como o tucunaré, nela tendo um espaço para alunos preencherem completando o texto corretamente. Isso estimula produção de texto. Outro texto trabalhado foi o que envolve timbó, a refletindo sobre a forma de capturar mais fácil os peixes. Essa atividade proporcionou a trabalhar com pesquisa e desenvolver mais o conhecimento sobre essa prática cultural de capturar peixes usando a técnica do timbó.

Apresentação das atividades envolve leitura dos nomes das aves, peixes e animais, da mesma forma tivemos a oportunidade de fazer leitura individual ou coletiva das frases e textos na língua materna.

ATIVIDADE 3

PRODUÇÃO DE JOGO COM DESENHOS E OS NOMES.

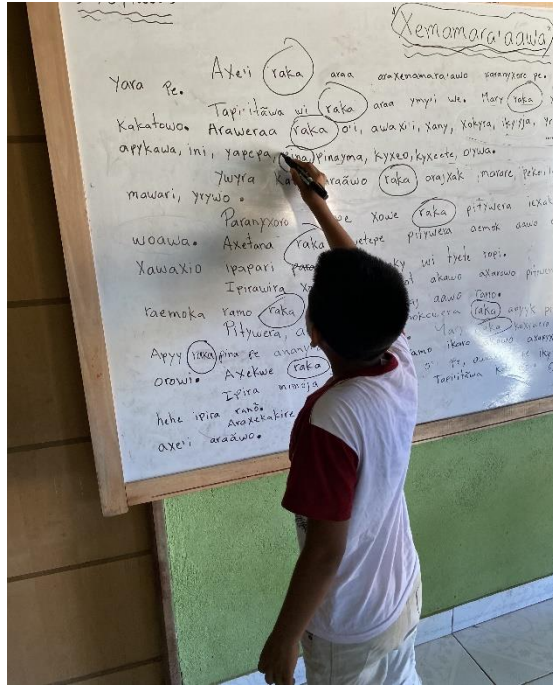


Fonte: registros realizados pelo autor.

Na produção de desenho com os nomes de aves, peixes e animais foi criado o jogo para estudante jogar exercitando a memória de reconhecer pelo desenho as palavras e os nomes de certos seres vivos. Isso mostrou também que é possível brincar e aprender e é fundamental no desenvolvimento da aprendizagem de cada estudante.

ATIVIDADE 4

PIQUENIQUE NA BEIRA DO RIO AWIOYWY RIO TAPIRAPÉ



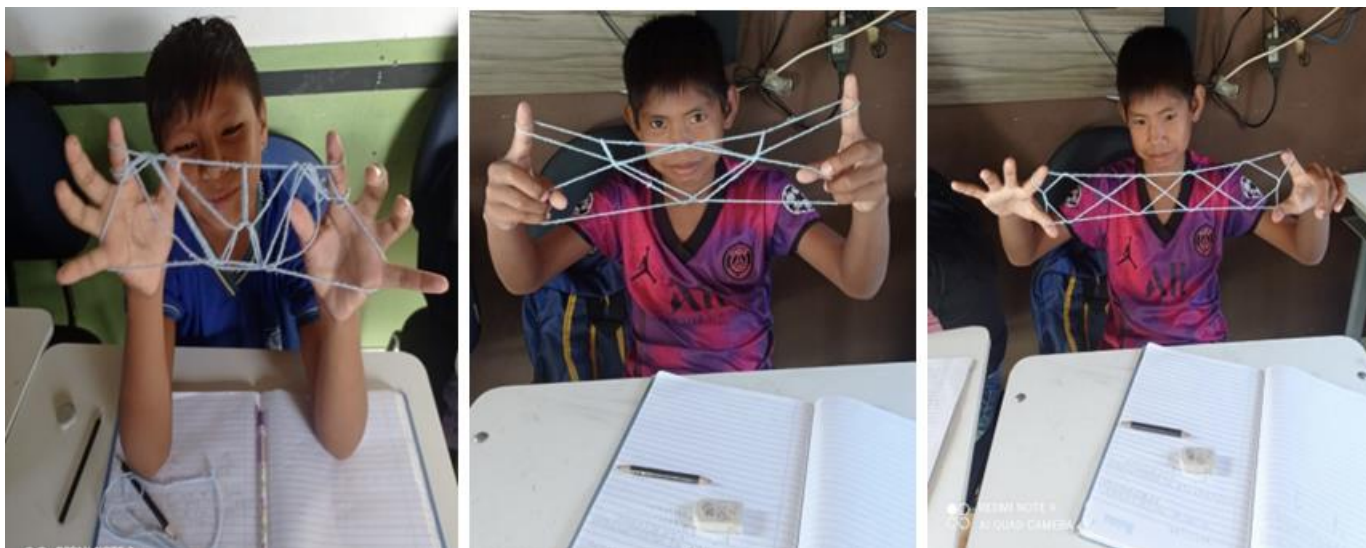
Fonte: registros realizados pelo autor.

Na atividade de campo se oportunizou praticar pescaria de peixes com anzol e com arco e flecha. Também durante este momento foi proporcionado a buscar de ovos de tracajá nas praias. Possibilitou-se também a procura dos filhotes de periquito, periquito estra e martim pescador para domesticar. Oportunizou-se também aos estudantes comer peixes assados e cozidos, tudo junto conforme a cultura Apyãwa. Durante o piquenique a convivência da turma foi muito boa por motivo da troca de conhecimento. Tudo isso com certeza aprendendo aquilo que viu ou praticou.

Na sala de aula foi trabalhado por escrita e o registro do piquenique. Com isso também foi trabalhada leitura de forma individual e coletiva, onde também foi trabalhada identificação de determinadas palavras.

ATIVIDADE 5

CAMA DE GATO – DESENHO DE AVES, PEIXES E ANIMAIS.



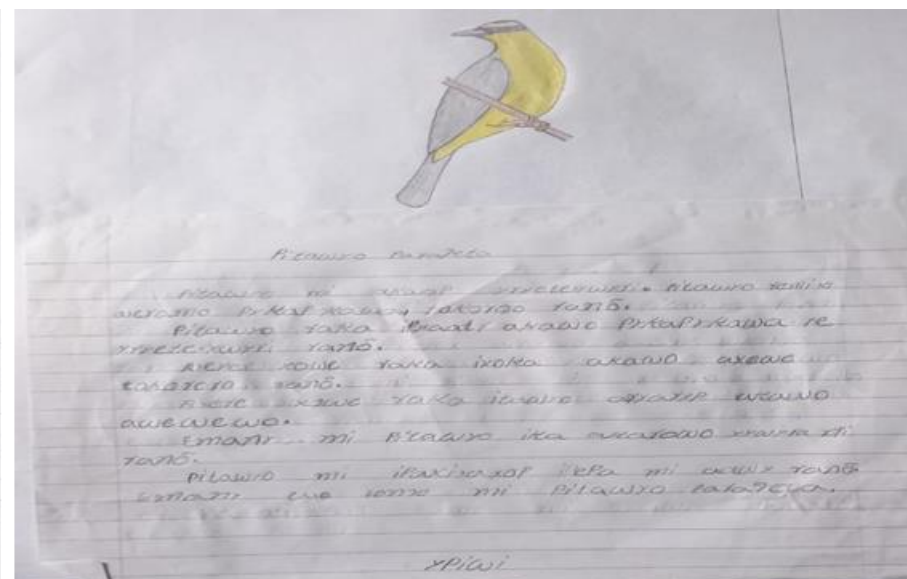
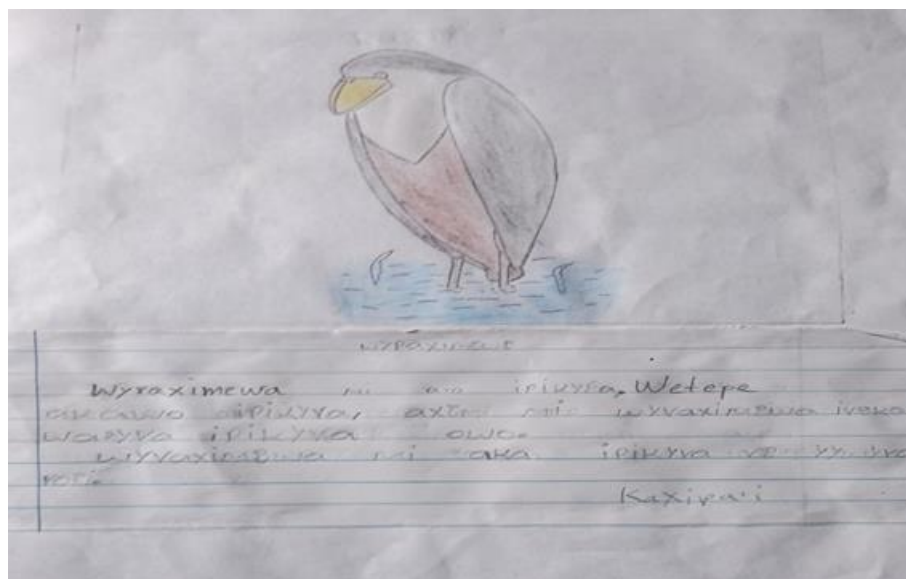
Fonte: registros realizados pelo autor.

Com o trabalho de cama de gato se proporcionou perceber que é possível mostrar os desenhos de algumas aves, peixes e animais.

Então foi muito legal para mostrar as habilidades dos estudantes com essas práticas. Isso possibilitou também explicação de seguir o processo de fazer cada desenho com barbante. Da mesma forma tivemos a oportunidade de pronunciar os nomes de cada desenho, em envolvendo os alimentos, habitat de cada uma dela enfim explorar diversas características de cada animal representado e com isso gerando ensino e aprendizagem.

ATIVIDADE 6

ELABORAÇÃO DE DESENHOS E TEXTOS NA LÍNGUA APYAWÃ



Fonte: registros realizados pelo autor.

WYRAXIMEWA

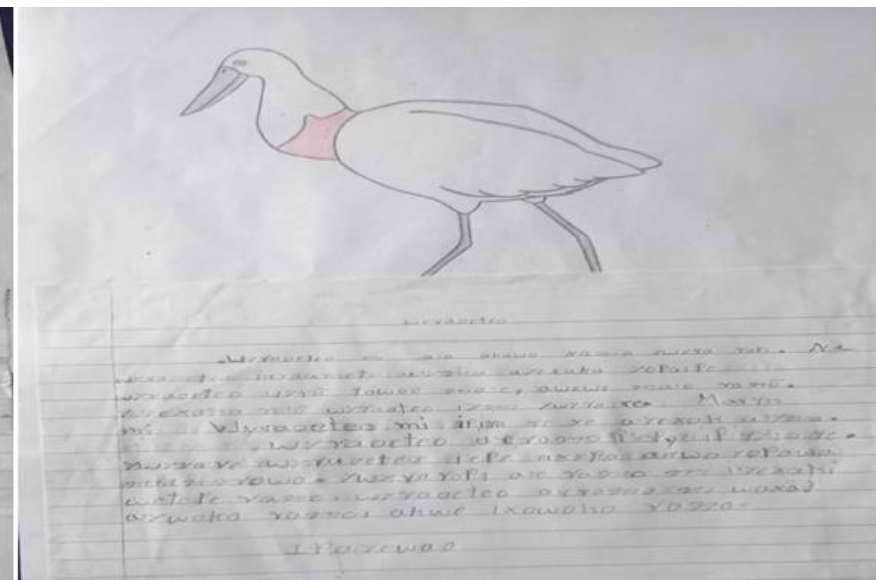
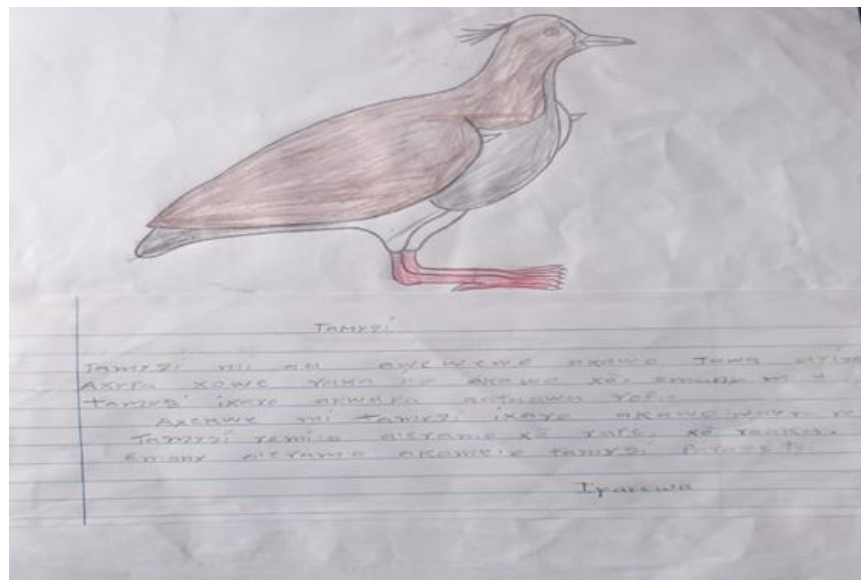
Wyraximewa mi a'o ipikyra wetepe akawo yopaibe.
 Axekwe wyraximewa ireka wewiri wa'ya ipikyra owo.

Emany raka Wyraximewa yywira ropi i'yexaki akawo
 ipikyra re.

PITAWYO

Pitawyo mi akwap yryete 'ywyri. Pitywera remi'o a'eramo
 pykapykawa, tokoroo ranõ.

Pitawyo raka ipy'at akawo pykapykawa re yryete 'ywyri
 ranõ. A'e raka aoxetee axoka axewe tokoroo ranõ. A'ere xowe raka
 pitawyo aryaryp akawo awewewo. Emanyn mi pitawyo ika
 akarowo yywira ropi ranõ. Pitawyo ipaxi'axop, ipepa mi awy ranõ.
 Emanyn a'eramo pitawyo parageta.



Fonte: registros realizados pelo autor.

TAMYGI

Tamygi aa awewewo akawo Tāwa arimo. Axypa xowe raka i'ō akawo xõ. Emanyn mi tamygi ikaro akwapa aataawa ropi. Axekwe tamygi ixarõ akawo wa'ya re.

Tamygi remi'ō a'eramo xõ rape, xõ rakyra. Emanyn a'eramo akome'ō tamygi parageta.

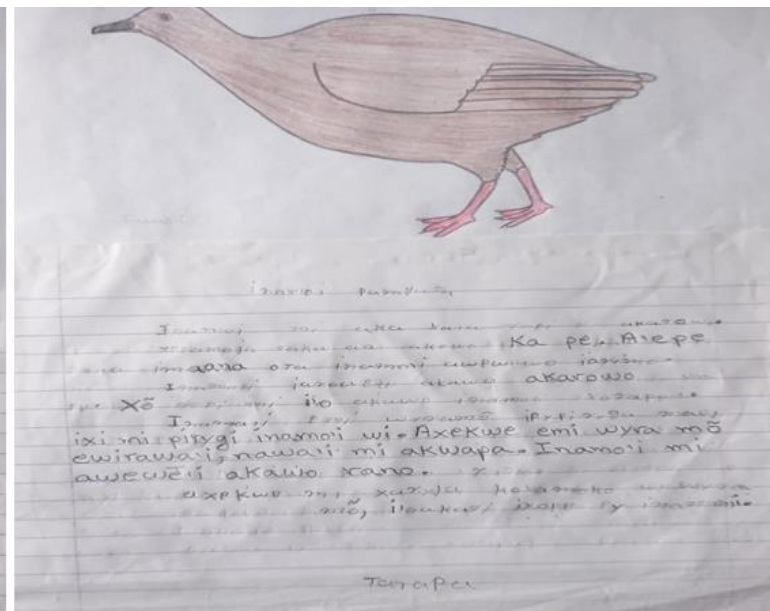
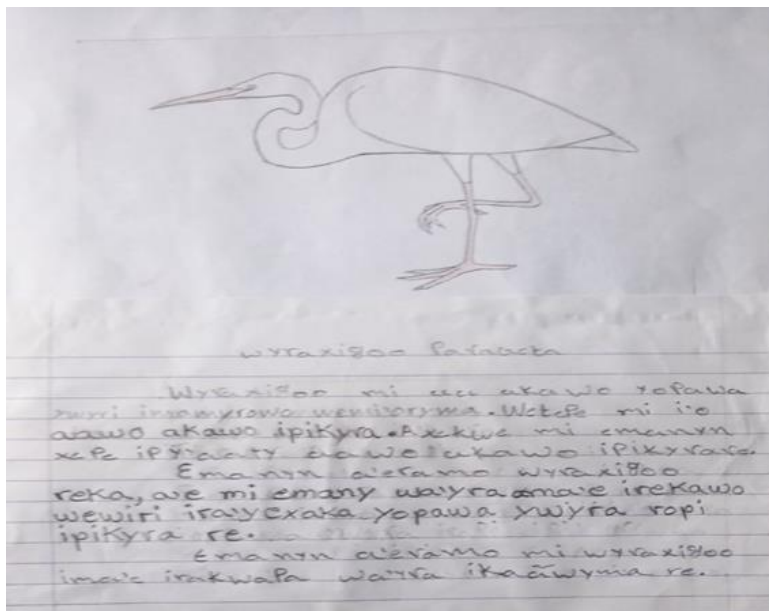
WYRAOETEO

Wyraoeteo a'ō akawo xani'a yywya ropi. A'e wyraoeteo iaroaroete a'yma a'yexaka yopaibe.

Wyraoeteo wyrã towoo ma'e, awewe ma'e ranõ. A'yexaka ro'õ wyraoeteo i'ymi ywya re axepytaroga. Emanyn mi wyraoeteo ipira re xe i'yexaki akwapa.

Yopawa mamyrowo xowe mi Wyraoeteo iwewe akawo. Yopawa howa mo xowe mi wyraoeteo i'yexaki akawo yopawa reme'ywyri wa'ya parakawyma re.

Emi wyra mo a'eramo niwaxaj a'ywoko ramo, axekwe ixowoko ranõ. Emanyn a'eramo wyraoeteo.



Fonte: registros realizados pelo autor

WYRAXIGOO

Wyraxigoo aa akawo yopawa ywyrí imamyrowo wemi'oryma. Wetepe mi i'ó aawo akawo ipikyra. Axekwe mi emanyñ xepe ipy'aaty aawo akawo ipikyra re. Emanyn a'eramo wyraxigoo reka. Emiwera re a'eramo wa'yra ima'e irekawo wewiri irayexaka yopawa ywyrá ropi ipikyra re.

Emanyn a'eramo wyraxigoo ima'e irakwapa wa'yra ikaãwyma re.

INAMO'I

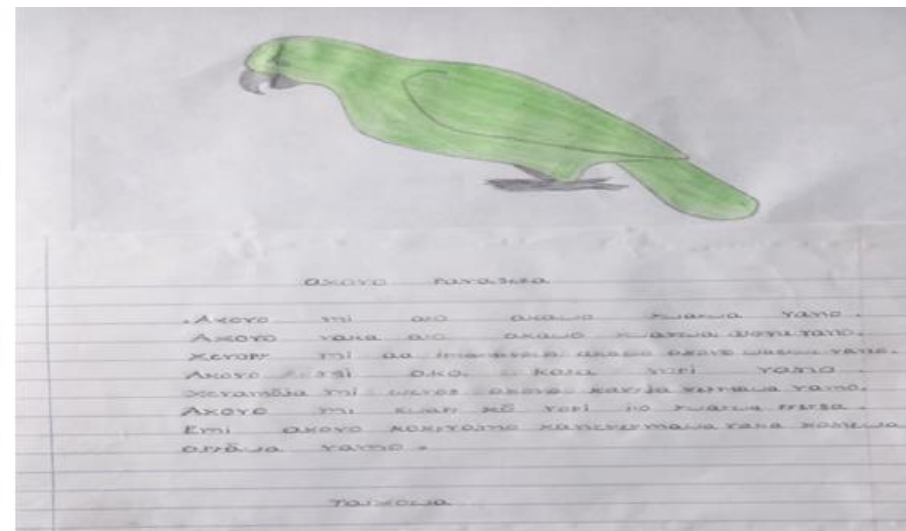
Inamo'i mi aka ka'ã ropi akarowo.

Xeramoja raka aa akawo ka pe. A'e pe raka imaana ota inamo'i awewewo i'arimo.

Inamo'i iaroaroete akawo akarowo xõ pe. Xõ ropi mi i'ó akawo inamo'i.

Inamo'i emi wyra mō ipypirya ma'e, ixi mi pirygi inamo'i wi. Axekwe emi wyra mō ewirawa'i, nawaj'i mi akwapa. Inamo'i awewe'i akawo warywarywa ranõ.

Xaryja a'oakat inamo'i miyra koxamoko we ixemany'arire. Inamo'i miyra py mi a'o axemany'ara ma'e wyra owo.



Fonte: registros realizados pelo autor

ARAKORA

Arakora mi axa'y rak ywyrã xõ røpi warã re akawo.
 Wetepe mi ikwawi xõ røpi arakora axa'y raka.

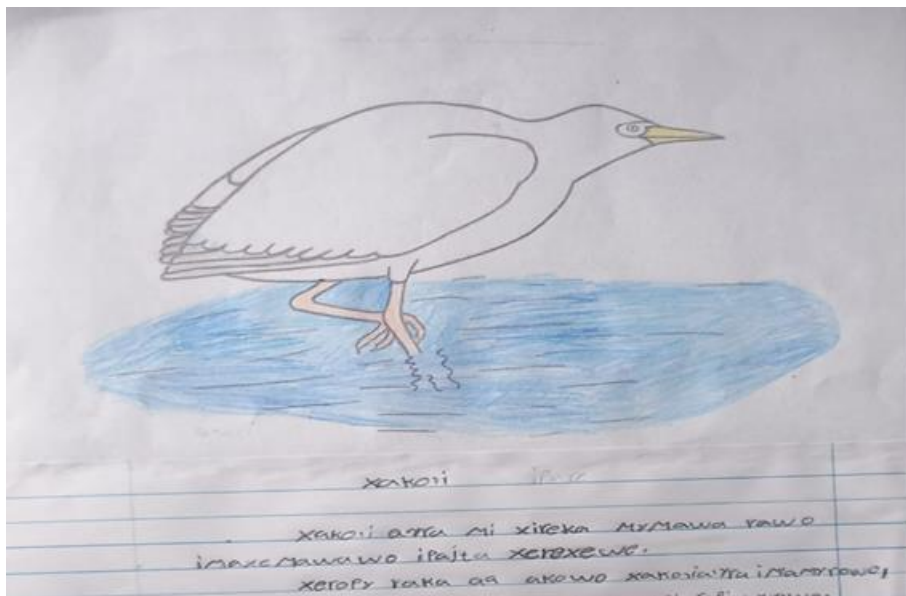
Arakora a'eramo niwaxaj ayja ramo ywy røpi. Axekwe
 arakora nawewei. Arakora kaawa a'eramo xõ. Emany
 a'eramo mi ka ikwawi arakora.

AXORO

Axoro a'o akawo ywaywa ka'ã røpi ranõ. A'e raka axoro a'o
 akawo ywaywa akyra, pytyga ranõ.

Xeropy mi aa imamyrowo akawo axoro ayra watywe xõ røpi
 ranõ. Xeramoja xowe raka werot xaryja we axoroa'yra eymawa
 ramo. Emiga a'eramo koxy reymawa ramo aoxekatoete.

Axoro a'eramo ka'ã pe aka ma'e ranõ. Emany n mi ka ikwawi a'e gy
 ranõ.

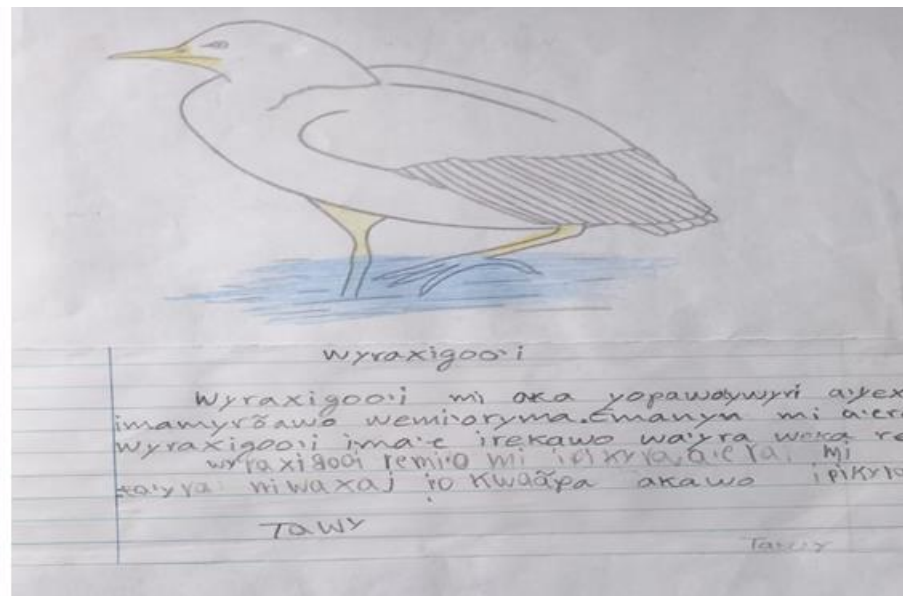


Fonte: registros realizados pelo autor

WYRAXIGOO'I

Wyraxigoo'i mi aka yopawa'ywiri a'yexaaka imamyrowo wemi'oryma. Emanyn a'eramo mi wyraxigoo'i ima'e irexawo wa'yra weka re.

Wyraxigoo'i remi'o ipiktra, a'e mi ta'yra niwaxai i'owo kwaãpa akawo ipikyra.



XAKA'I

Xaka'i a'yra mi xireka mymawa ramo imaxemawawo ipaita xerexewe.

Xeropy raka aa akawo xaka'ia'yra imamyrowo yryete reme'ywiri, yopawa reme'ywiri, yekwapi ropi, a'e raka awewe amo aawo ixowi yekwapi ropi ay'owo. Axekwe mi wemi'oe'yma ramo xaka'i ipai wa'yra irekawo ywaywa akyra pe.



Fonte: registros realizados pelo autor

YWIYWI

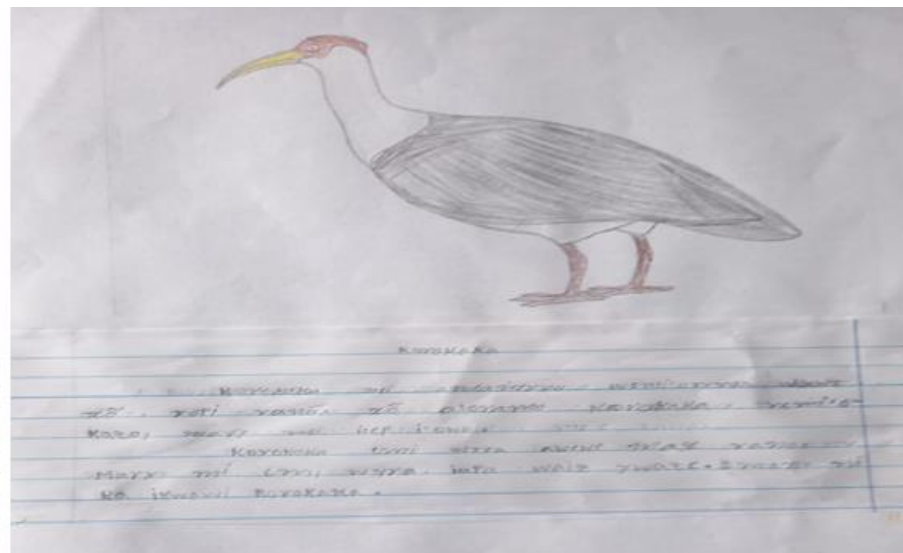
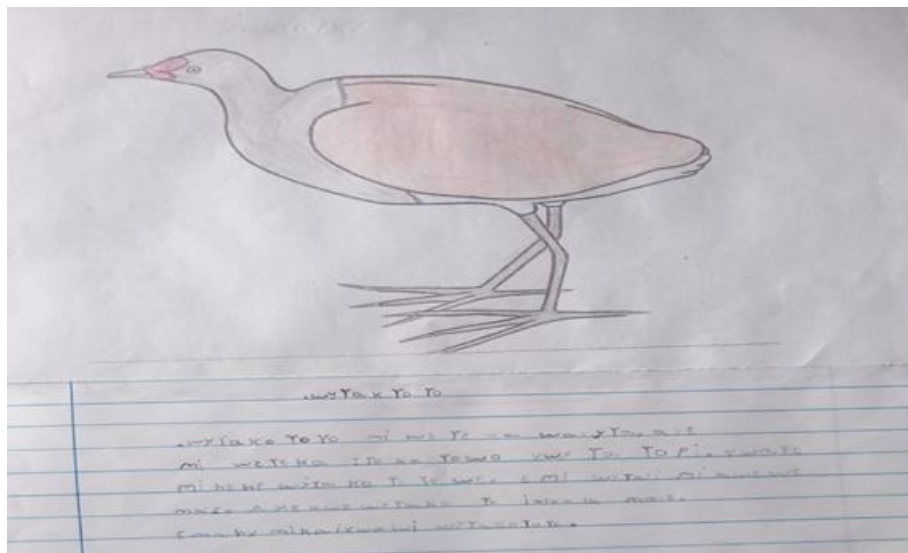
Ywiywi mi a'o wyrakaja'yra irawewe iraawo ka'ã pe. Wyrakaja mi pane akaro akawo, a'e mi ywiywi a'ewi axoka iraawo. A'e wyrakaja ra'a pe mi ywiywi ipaj wa'yra. Mary mi axewe eraa ramo we ixexowya ywiywia'yra wowa we. Emany mi ywiywi ipaj irekawo wa'yra waity pe. Aty'ara ramo xowe mi ixaj'a opa waity pe.

A'e mi ixai'a ropi xyre'i aop aawo iraxypa aitywi. Emany mi irori xyre'i'i ywiywi a'yra wetyma kat weymawa ramo.

WARA

Wara aka yixigi pe i'owo ipikyra, itya'ya'yra ranõ. Wa'yrera mi weraa irekawo yixigipe. Emany xepe a'eramo a'e gy iparakari irakawapa wa'yra ranõ.

A'e pe raka wara ra'yrera ixowyki itya'yra a'o ramo. Mary raka taneme ima'yxewyri wemi'o kwera. Emany mi ka ikwawi wara.



Fonte: registros realizados pelo autor

WYRAKORORO

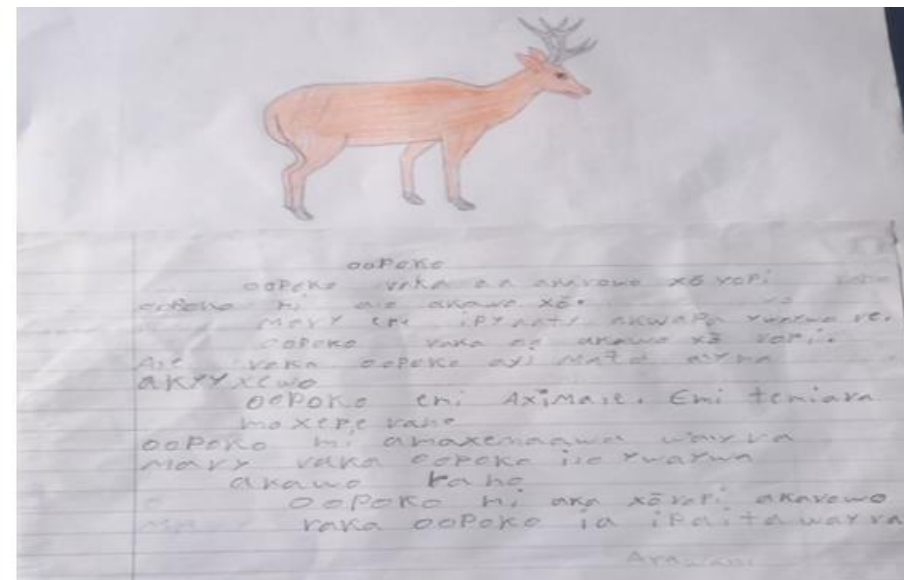
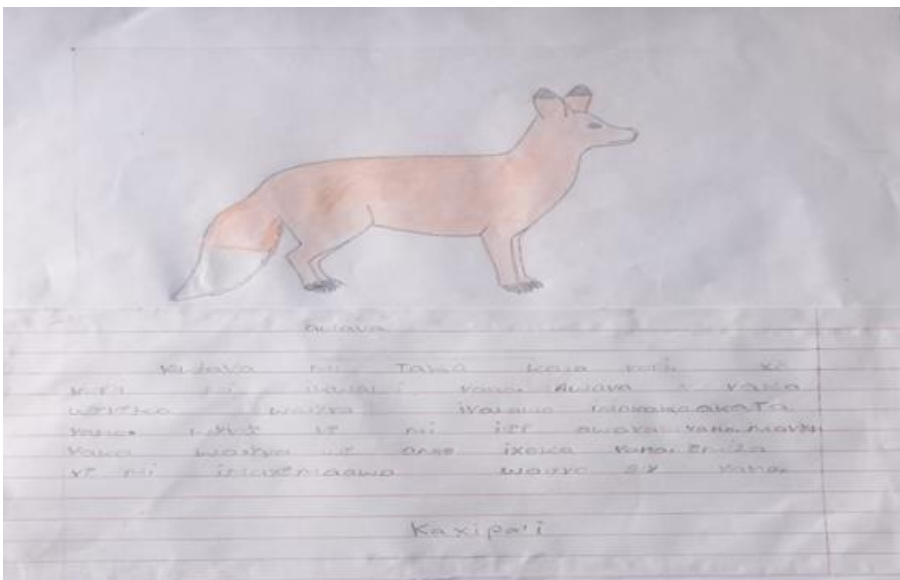
Wyrakororo mi weraka wa'ya, a'e wereka irakarowo yywya ropi.
Wyrakororo we mi hehe ywape.

Emi wyra'i mo awewe ma'e. Axekwe wyrakororo iaroaro ma'e.
Emanyn mi ka ikawi wyrakororo.

KOROKAKA

Korokaka mi amamyro wemi'oryma akawo xõ ropi ranõ. Korokaka
remi'o kato a'eramo xõ, mary mi i'ep i'owo.

Korokaka emi wyra awewe ma'e ranõ. Mary emi wyra iapa wait
ywate. Emanyn ka ikwawi korokaka.



Fonte: registros realizados pelo autor

AWARA

Awara mi aata akawo ka'ã ropi, xõ ropi mi ikwawi ranõ. Awara raka wereka wa'yra iraatawo imakaroakata ranõ.

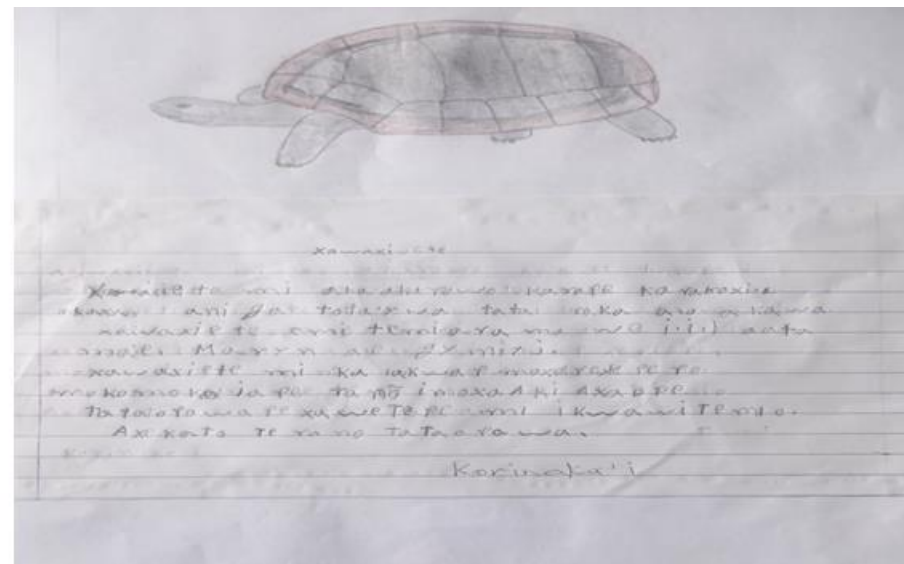
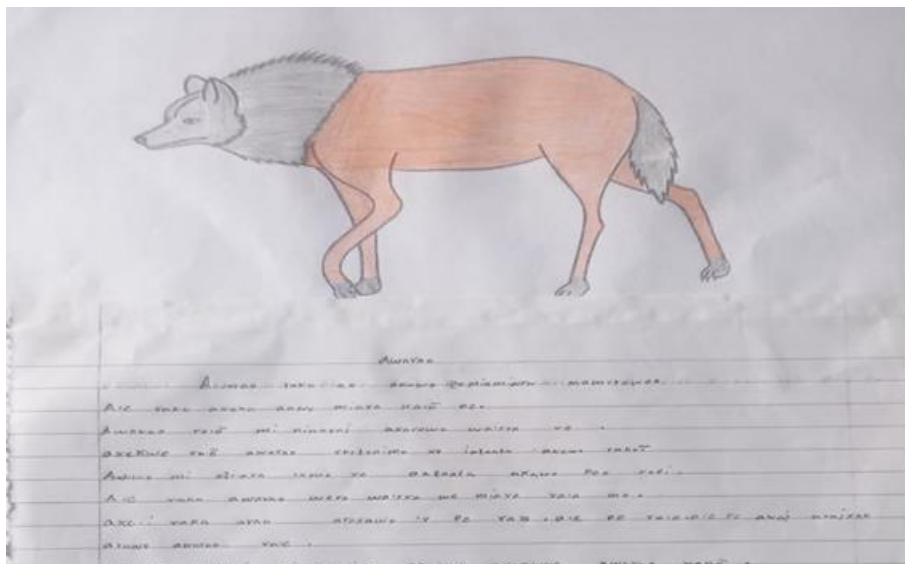
Awara remi'o kato a'eramo wararo, wyra'i kera mi a'o akwapa pyptonimo ranõ. Emigare mi a'e gy imaxemawa wa'yra gy ranõ.

OOPOKO

Oopoko raka aa akawo axarowo xõ ropi. A'e raka a'o aawo akawo xõ. Maryn mi ipy'aaty aawo akawo aatawo. Axekwe raka oopoko iymataria'yma akyyxewo.

Emi temiara mo axima'e, pytyga ma'e towoo ma'e ranõ.

Ookpoko mi amakamo akyma pe amemyra. Emanyn mi a'e gy imaxemawa ma'yra gy irakwapa.



Fonte: registros realizados pelo autor

AWARAO

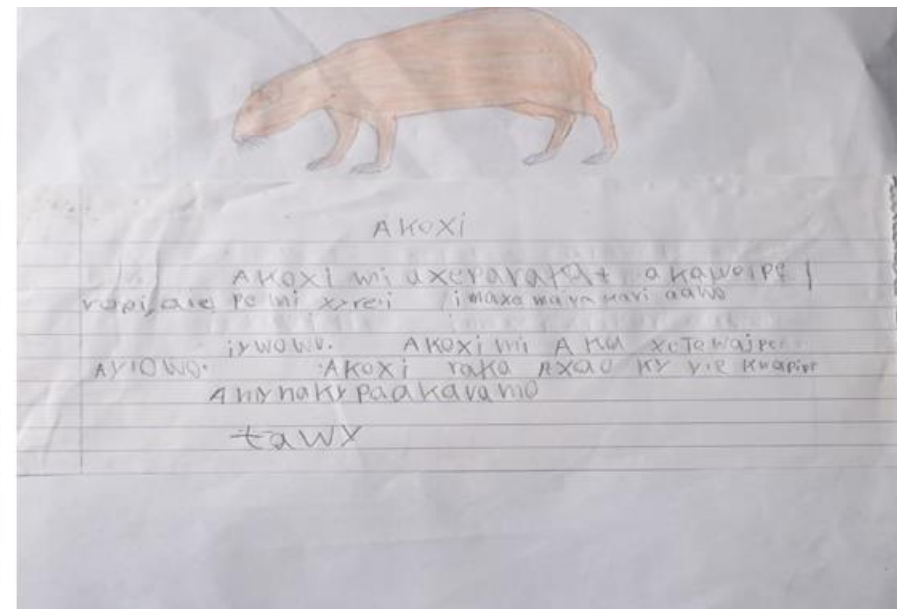
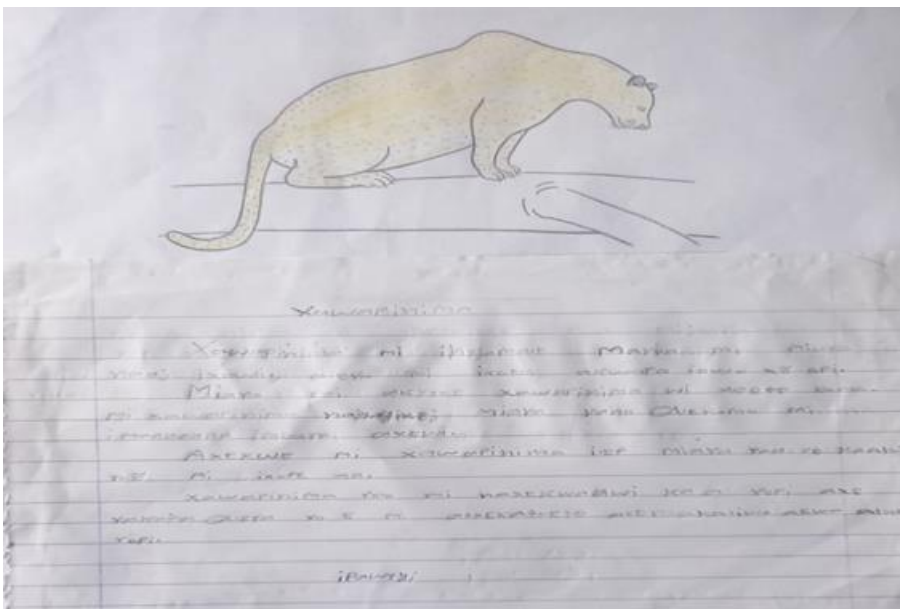
Awarao raka aa akawo ka'ã ropi temiamiara mamyrowo. A'e raka axoka aawo miara yra ka'ã pe. Awarao emi temiara mo ixaro ma'e, mary mi ixaro akwapa wa'yra re.

Awarao mi i'epy aatawo ypytonimo xe, mary mi ypytonimo irapari wa'yra irataatawo. Emiwera ropi mi iparakari irakwapa a'e wa'yra gy ranõ.

XAWAXIETE

Xawaxiete mi aka akarowo ka'ã ropi. Aniga, karakaxi'a, ywepa emi xawaxiete remi'okato.

Xawaxiete emi temiara mo mawei'i'i aata ma'e ranõ, maryn mi a'egy nayjetei akwapa. Axekwe mi xawaxiete ka ikwawi maxepexepe pe, mokomokoja pe ranõ. Emanyn a'eramo akome'o xerexaope xawaxiete reka.



Fonte: registros realizados pelo autor

XAWAPINIMA

Xawapinima emi temiara iyja ma'e, mary mi temiara naa'i ixowi. Maryn mi ayja re axema'yapyka ixoka akwapa ka'ã ropi, xõ ropi temiamiara.

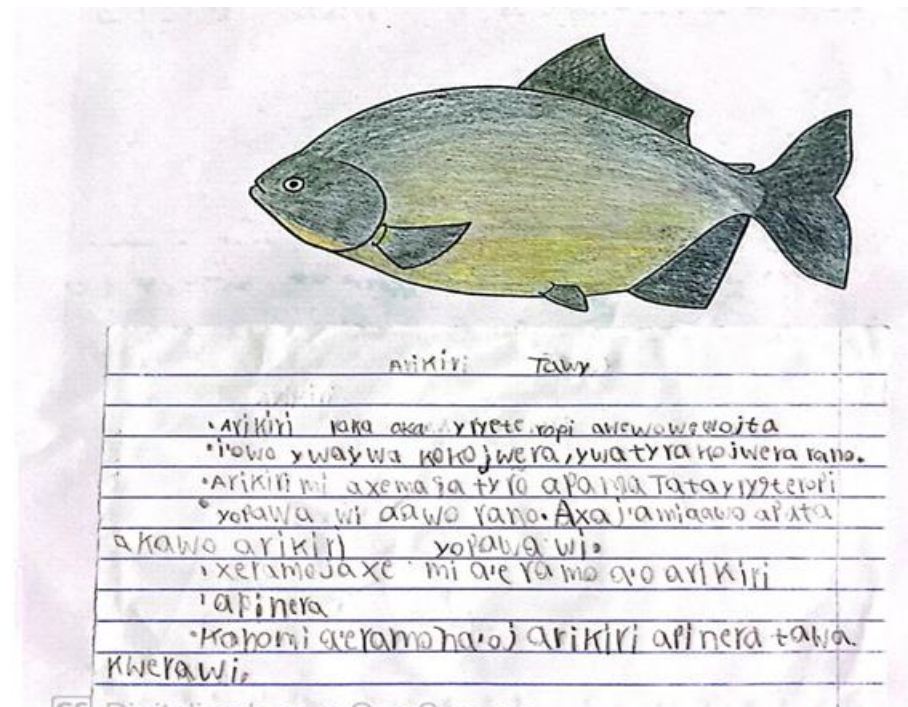
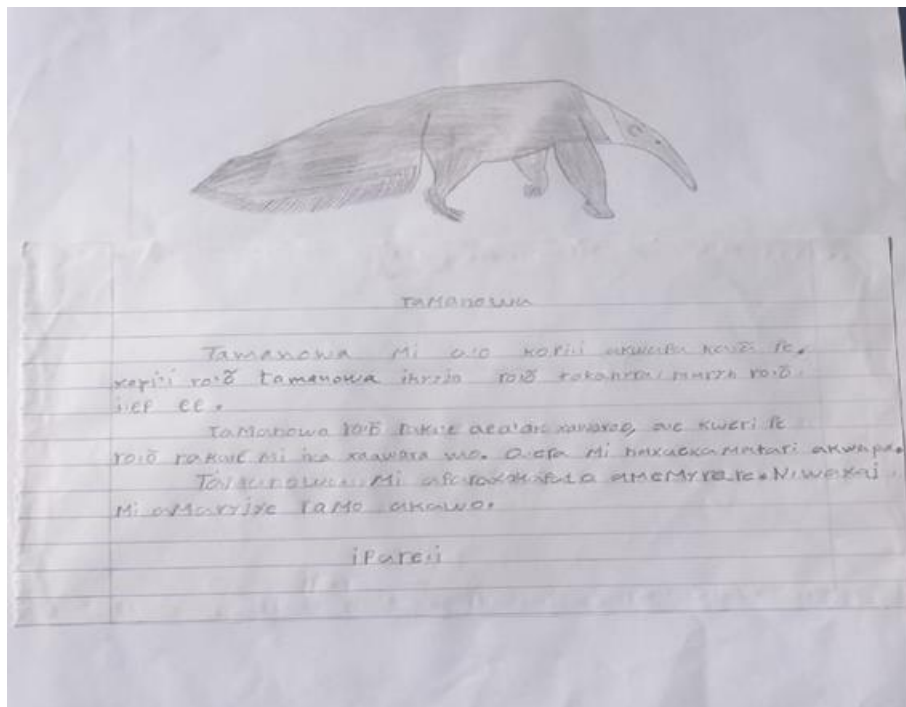
Xawapinima wi mi ikyyxe miara, mary mi exagawe iyixe'e ixowi axemima. Emanyn mi xawapinima naixagixei miara ranõ, a'owei kate mi.

Xawapinima mi naxekwaawi akwapa ka'ã xaparawa ramo, maryn mi imawa'ysi miara axewe.

AKOXI

Akoxi mi axeparakat akawo pe ropi. A'e pe mi xyre'i'i imayjakari aawo. Ywaywa kokoiwera mi a'o akawo pe ropi.

Xetoaibe mi akoxi iyo akawo, maryn mi ãra xaaxap ipiaro irekawo xetoawa. Emanyn a'eramo akoxi reka.



Fonte: registros realizados pelo autor

TAMANOVA

Tamanowa mi a'o kopi'i akwapa ka'ã pe. Tokanyra ro'õ tamanowa iky'yja, a'era ro'õ a'egy i'ep ee ranõ.

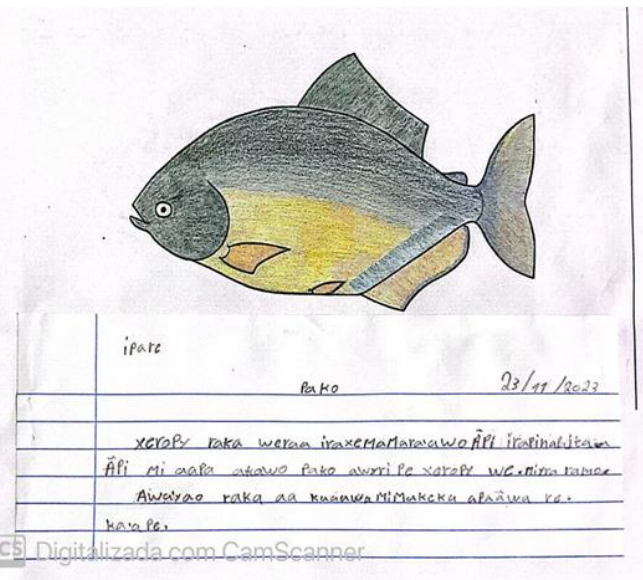
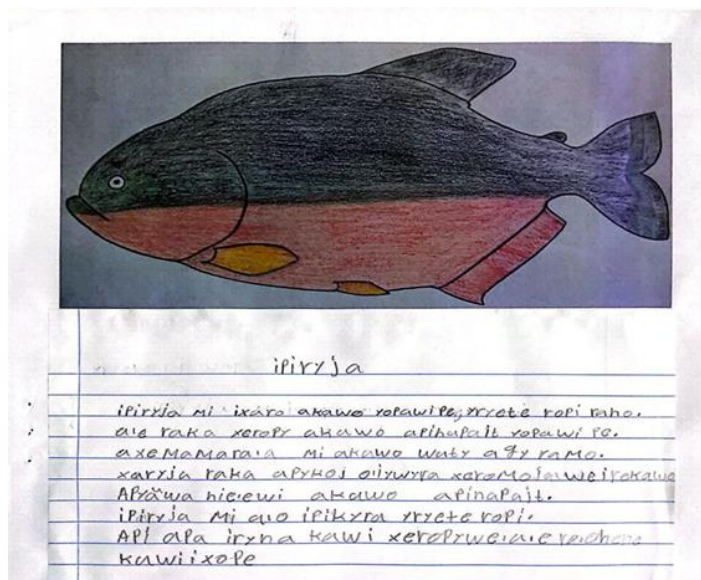
Tamanowa ro'õ raka'e aea'ak xawaroo, a'e kweripe ro'õ mi ika xawaxara ramõ. A'era mi naxaexamatari akwapa.

Tamanowa mi aparaxoka amemyra re. Niwaxaj mi amaryjxe ramo wa'yra re axawo.

ARIKIRI

Arikiri raka aka yryete ropi awewowewojta i'owo ywa'ywa kokojwera, ywatyra kokojwera ranõ. Arikiri mi axemagatyro apamatata yryete ropi, yopawa wi aawo aawo. Axai'a mi aawo apata akawo arikiri yopawa wi.

Apyãwa reka pe xeramoja xe i'o arikiri apinera, tawakwerawi irakyyxewo wymymino agy. A'eramo konomi, kotataj naoi arikiri apinera.



Fonte: registros realizados pelo autor

IPIRYJA

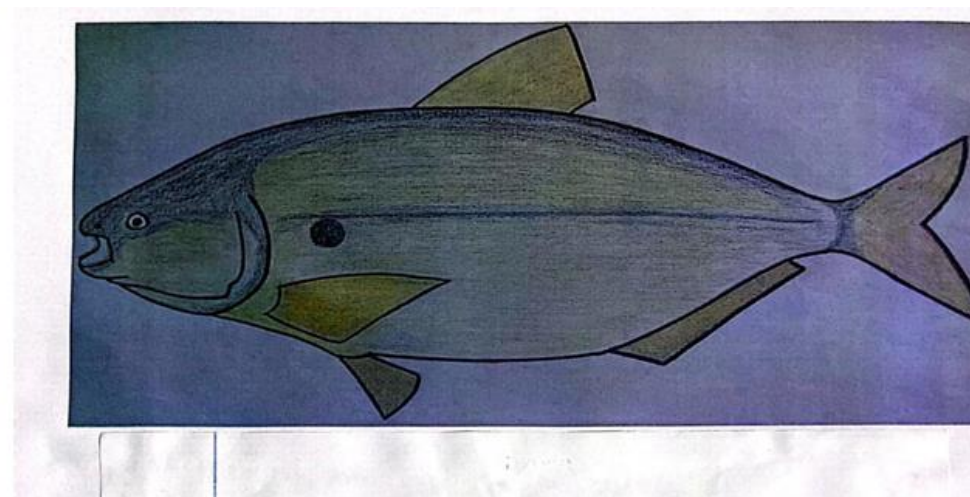
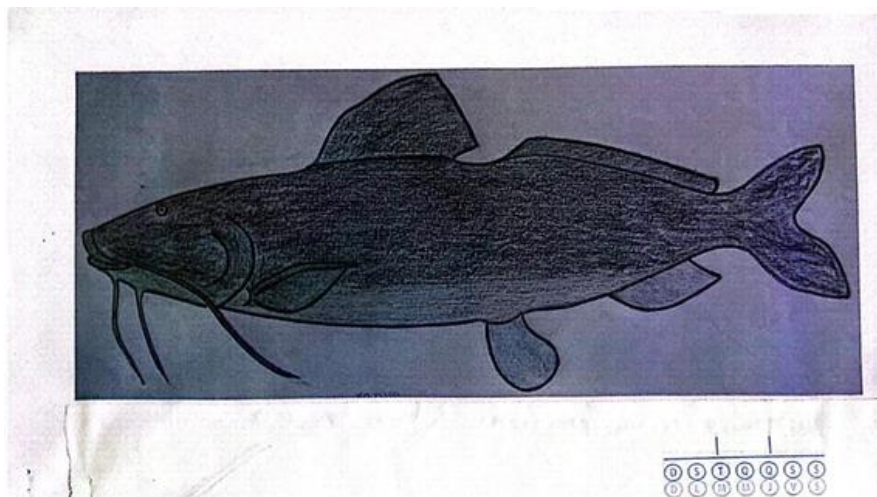
Ipiryja a'era mo ipirã aparao'o ma'e, niwaxaj mi amaryjxe ramo akwapa yopawa ropi, yryete ropi mi rano. Axekwe ipiryja aparao'o ma'e rano, a'o mi akwapa weta agy. Yryoo pe ete mi niwaxaj amaryjxe ramo akwapa wowa re axarowo. Emanyn mi a'era mo ka a'egy ixemaawa akwapa amaryjxe ramo.

Ipiryja mi axemagatyrõ apamatata akwapa yopawa ropi, yryete ropi mi rano. A'e mi xyre'i werot ipyyka wetepe ima'apytyma ipiryja wenyra axemany'aryao ma'e remi'o ramo. A'e mi xaxe amaapyk ipiryja koxamoko we. Ipiryja a'era mo koxamoko axemany'aryaowo a'o. Emanyn a'era mo akome'o ipiryja parageta wexemipoenowa xerexaope.

PAKO

Xeropy raka weraa irekawo äpi iraxemamara'awo pako pajta awiowy ropi. Yara pe raka ia akopa apinapajta, a'e raka amyna akyt 'ota ixope. Amyna kyawera re raka niwaxaj akarowo 'ota yna ixope pako, a'era mo we raka xeropy niwaxaj ipyyka yna äpi we. Axekwe rã'o iarõarõ äpi we pako pajtawa ra'e, a'era rã'o noräpy'amatari pane a'ega ixowi ra'e. A'e rã'o aoxetee xeropywerot ra'e.

Pako mi a'era mo axemagatyrõ yryoo pe apamatata, a'era mi ixewexatee a'egy emanyn akwapa rano, axemoon xepe rã'o mi a'egy emanyn apata aawo rano. Axekwe mi pako i'o akwapa ywa kojwera 'y ropi, a'ere mi ipereki aawo akwapa. Ywa a'era mo pako remi'okato. Pako a'era mo ipirã ipypexepeka'i ma'e, nipokoj a'era mo a'egy, emanyn xepe a'egy rexaka rano.



Fonte: registros realizados pelo autor

XANI'A

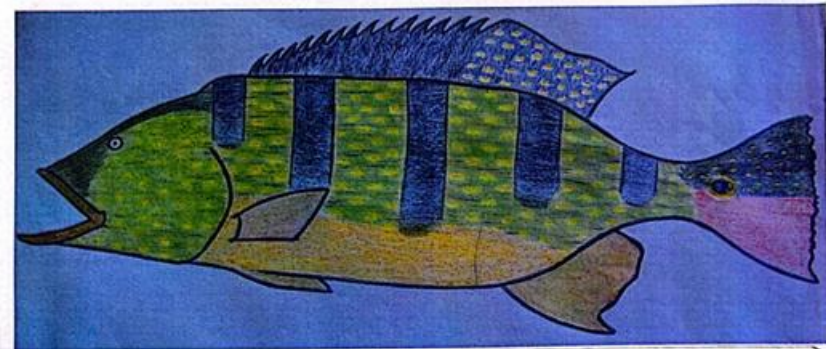
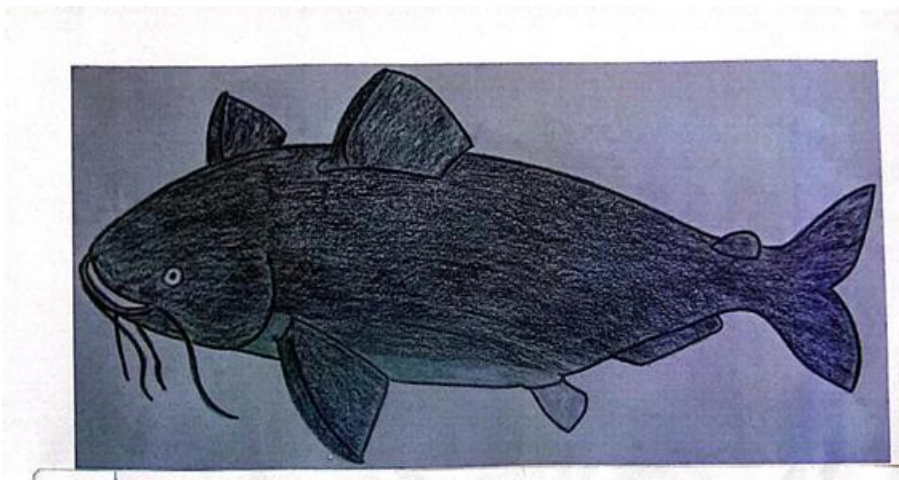
Xani'a mi akwap yekwapi ropi, a'e mi a'o akwapa yryawa yypy ropi. Xani'a a'eramo nipekweri, nahyj rano. A'e mi aoxetee xyre'i'i apyyk aawo yna pina pe, a'o mi a'egy ipikyra rano.

Apyãwa mi a'o xani'a mimakeka mo, mimoja ramo, miyra mo, matawa ramo. Xani'a a'era mo pityga remi'okato, nikyweri'i mi a'eramo wetepe. Xeramoja mi a'o akawo aoxeoxe xani'a imimakeka. Xani'a mimakeka a'eramo xeramoja remi'oete rano.

IPIRAPEXOWA

Xeramoja mi a'o ipirapexowa mimakeka ramo. Akekwe mi xaryja ipykoj mani'aka xeramoja we emimakeka tyra mo. Ipirapexowa mimakeka mi Apyãwa remi'okato.

Yekwapi ropi mi ikwawi ipirapexowa wetepe akarowo axaee xe. Nakwãteej mi a'eramo a'egy axawi rano, axaewirie mi iata akwapa. Maryn mi xeramoja niwaxaj ipyyka akwo pina pe. Taneme wetepe ixokamatata tana mi xeramoja iximakã aawo axewe rano. Emanyn mi a'eramo ipirapexowa xokaãwa.



Fonte: registros realizados pelo autor

NOXA

Noxa mi akwap itakwara ropi, ywyraxowera ywyja ropi mi ikwawi rano, emi xepe a'era mo a'egy retyma yypy ropi. Axekwe mi noxa i'o akwapa yja, yryawa ywyraywyja ropi, itakwara ropi mi i'o akwapa rano.

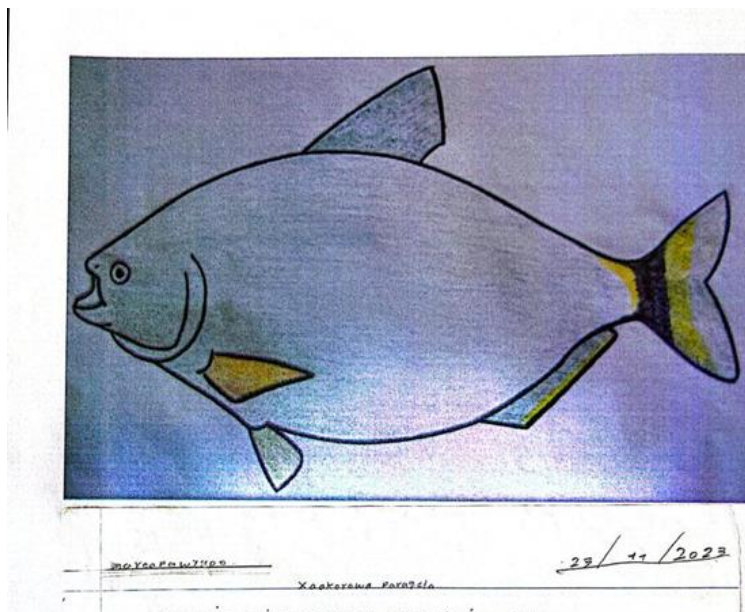
Axetana mi noxa pyykawa yrypawa mo xe. A'era mo mi xeropy agy xeramoja ne niwaxaj ipyyka kwaripe axawerekawo noxa ãpi agy we. Noxa mi ipirã aparapapyka ma'e, aparapakyxikyxi mi rano.

Apyãwa mi a'o noxa miyra mo, mimoja mor ano. Aoxekatoete a'era mo mi xane Apyãwa ramo imagywo irekawo xerexeka, a'e tana ekwe ximaxywaãty irekawo xerexewe

TOKONAREETEO

Tokonareeteo rō'o amayj akawo ipikyra ra'e, a'era mo we rō'o xeramoja ipyyki aawo yna ipikyraty pe ipajta ra'e. Yryete ropi mi ia xeramoja ipyyka akawo tokonareeteo. Xaryja xowe mi aka ipykojta o'i xeramoja imaenotata.

Ãpi agy mi a'o irakopa tokonareeteo miyra o'i pe konomi ne. A'e rō'o heehe konomi we tokonareeteo miyra iky'yja pe ra'e. Xaxe xowe rō'o amaapyk tokonareeteo mo irekawo xeramoja we ra'e. A'e rō'o aapa ixope matawa mo ra'e. Matawa mi a'era mo xeramoja remi'oete.



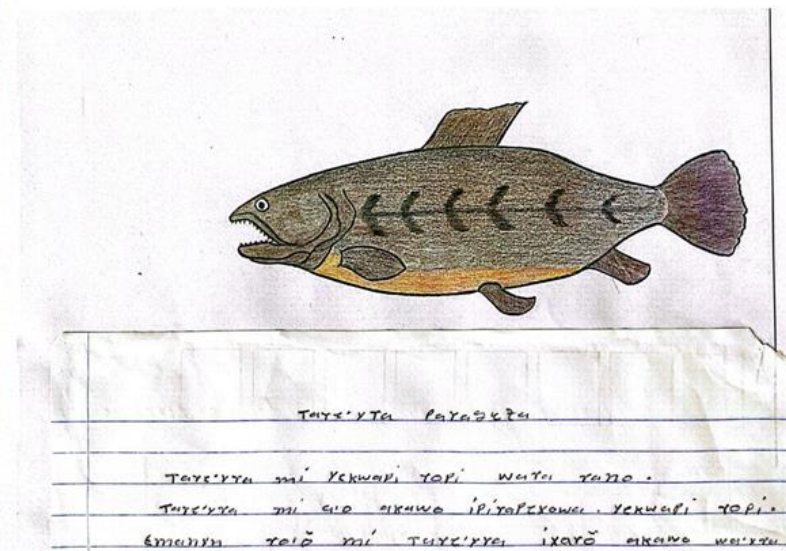
Fonte: registros realizados pelo autor

XAKOROWA

Xeramoja mi wetepe werot yekwapi wi ipyyka xakorowa xeke'a pe. A'e raka Xaryja amaapyk irekawo xakorowa xeramoja gy we.

Xeropy agy xowe raka aapa irekawo xakorowa mimakeka awaxa gy remi'oryma ramõ. Koxamokowera gy xowe raka a'o irekawo xakoro mimakeka o'i pe. Kotataj we ro'õ hehe o'i pe xakoro mimaka'e ra'e.

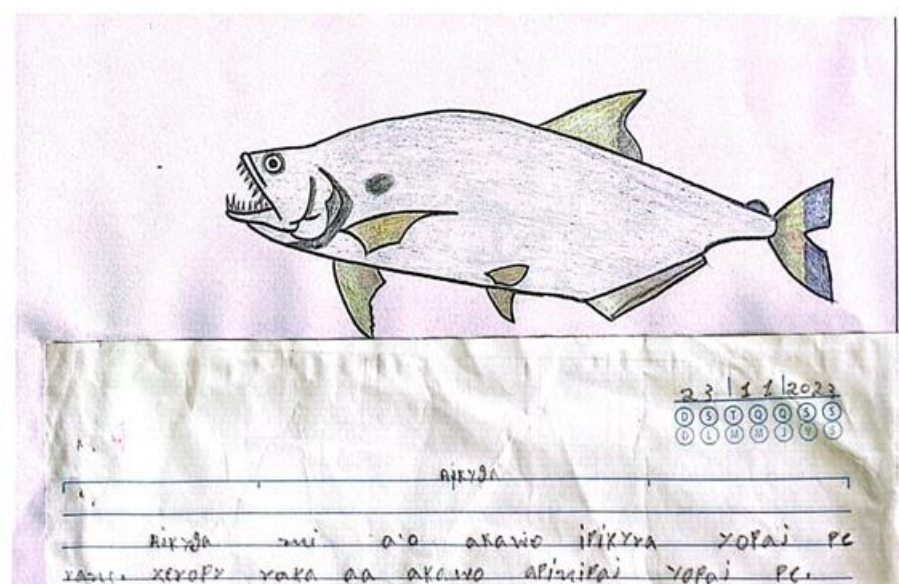
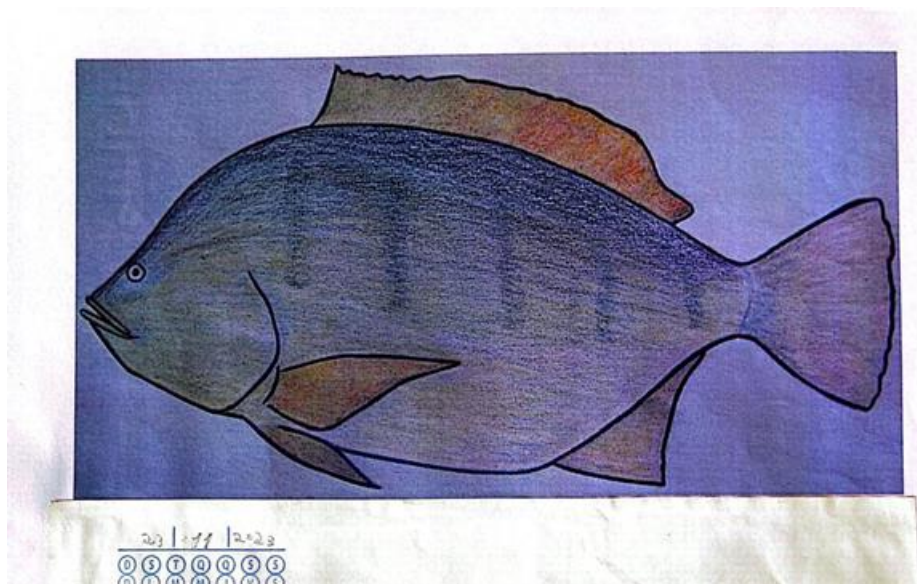
Emi ipira akwap yekwapi ropi, wetepe mi ikwawi. Maryn xeramoja wetepe ipyyki ra'e.



TARE'YRA

Tare'ya emi yekwapi ropi wara ranõ. Tare'ya remi'o ipikyra, exanami mi i'o akwapa ipirapexowa yekwapi ropi. Axekwe mi ka tare'ya ixaro akwapa wa'ya re.

Konomi apyyk pinape irota tare'ya yekwapi wi. Maryn raka xyre'i'i iyri tare'ya mo irekawo tataxapy'o pe konomi remi'oryma ramõ. Axekwe ro'õ xeramoja we tare'ymiya hehe ra'e.



Fonte: registros realizados pelo autor

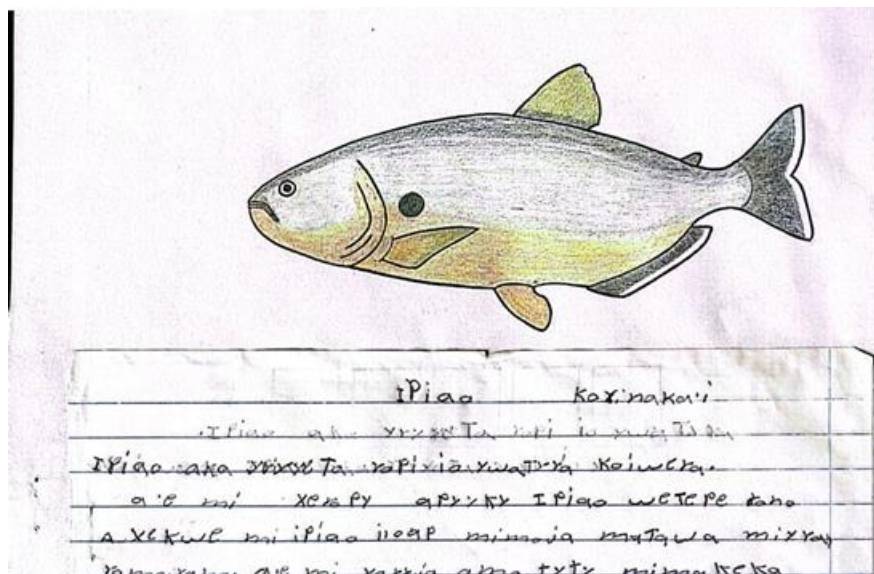
TAPI'AEMONA

Awa'yao mi werot ipyyka pina pe tapi'aemona ima'apytyma yryete wi xaryja we. A'e raka awa'yao weramaraka irota irekawo aparera ywyraywara pe iexagakata xaryja we. A'e raka xaryja aryaryp yna ao'ipykojta iexaka wemiario.

AJKYGA

Ajkyga mi a'o akwapa ipikyra yopawa ropi, yryete ropi mi ikwawi i'owo emiwera rano. Ipikyra a'eramo ajkyga remi'okato. A'era mi xeropy ipaj aawo akawo ajkyga ipikyra pe. A'e mi xeropy niwaxaj ipyyka akawo ajkyga xaryja we yryoo ramo.

Axekwe mi xeropy ipirã pe ia ika ramo we xaryja ipykoj akawo o'iywya enotara mo. Xeropy waema mo xowe mi xaryja imaapyki iparera. Ipirã mimoja xywa ramo xowe mi ikaro opa wetepe xe.

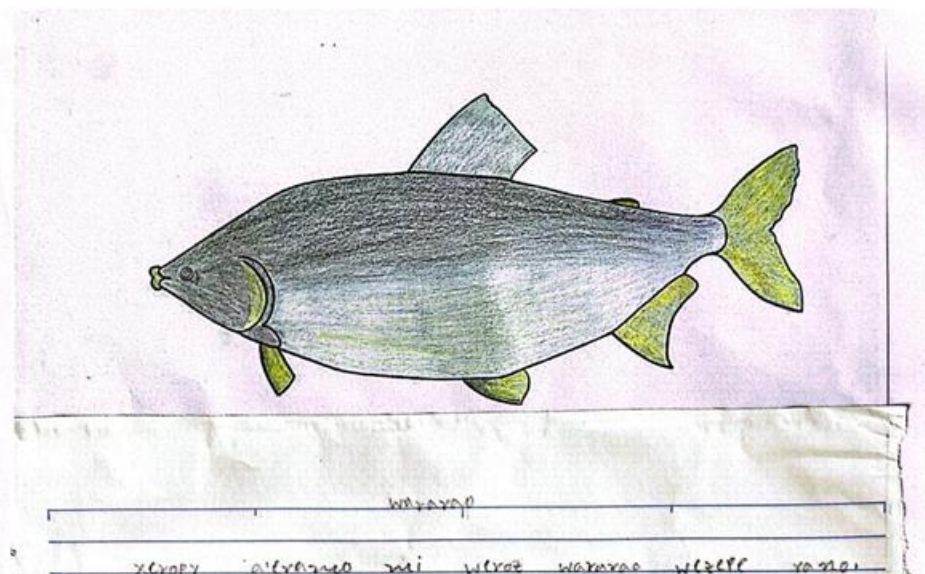


IPIAO

Ipiāo mi akwap yryete ropi i'owo ywatyra kojwera. A'e mi xeropy apya iraāwo inoga ixope pina iwywo iyykawa ropi, a'era mi emanyw wetepe ipyyki ipiao irota. Ipiāo mi aka wetepe axaewiri.

Axekwe mi ipiao i'oap mimoja ramo, matawa ramo, miyra mo, mimakeka mo rano. Ipiāo mimakeka rō'o mi heehe xeropy we.

Konomi rō'o mi na'oj ipiao apinera, awakwet rapa rō'o. Xeramoja remi'o xe rō'o ipiao apinera. Kwewiwe rō'o marageta pe ikome'oap 'ota akawo xanewe ipiao apinera.



WARARAO

Xeropy a'era mo mi werot wararao wetepe ixokawo o'ywa pe āpi we. A'e mi āpi ape'ape'ak iryna iapamatata miyme ramo xeropy we. Xeropy mi i'ep ipirāyme re. Xyre'i xowe raka aa yaky re āpi we miyme apaāwa ramo. A'e raka āpi rata pewe koxamoko ayt wararao mo xyre'i we rano.

Wararao mi a'o akwapa yryawa, ywatyra 'y ropi akoja ma'e mi a'o akwapa rano. Emiwera re mi a'egy ixekaki akwapa, maryn mi niwaxaj akawa mo akwapa ee. Xōy ropi mi emiwera 'owo ixeme'egi aawo akwapa wararao weaenyne'ymi ramo.

8. Sugestões e orientações aos professores

Durante o trabalho feito conseguimos perceber e ver um pouco a execução de diversas práticas pedagógicas dos professores Apyãwa da turma 1º Ciclo, 1º Ano na Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa. Por isso nessa sugestão quero reforçar que é muito importante o uso dos desenhos de seres vivos, o seja, não com só desenho em si, mas sim como desenho que contextualiza as informações, nas quais as atividades podem ser sistematizadas, uma dela trabalhar na oralidade falando referente as características, partes do corpo dos seres vivos, habitat, alimentação, época de reprodução, quantidade de filhotes...

Também sugiro o uso de desenho como identificação de letras ou sílabas na criação de palavras, uma vez que um desenho apresenta uma letra ou sílaba que faz parte do nome de ser vivo na língua Apyãwa. Outra sugestão que reforço a ser usado também aos professores Apyãwa com a turma citada é trabalhar desenho que mostre a sequência dos fatos ou movimento de seres vivos para que os alunos ou alunas possam entender ou compreender que o desenho está contando um fato ocorrido ou uma história acontecida tanto do passado quanto do presente ou do futuro. Essa demonstração também ajuda bastante na construção das frases ou de pequenos textos na língua materna. Porque os alunos e as alunas percebem e veem que os desenhos não estão em única forma, mas sim os desenhos estão mostrando ou contando a sequência da história, quebrando a centralização de ideia, visão única a referente aquilo que está sendo tratada.

Recomendo também como sujeitão de os próprios alunos e alunas produzirem os seus desenhos conforme o seu entendimento, os quais fortalecem a prática desse conhecimento. Também é viável aproveitar a construção de jogos com os desenhos dos próprios alunos(as). Esse material tem suma importância no desenvolvimento motor para memorizar aquilo que se aprende na vida na escola e fora da escola.

Sugiro aos docentes Apyãwa trabalhar com a turma referida a gincana tradicional do povo Apyãwa que está relacionada aos seres vivos; como uma dela akapi'ywara e xawaroo capivara e onça, wyrakaja e xapakani frango e gavião. Da mesma forma trabalhar com a narração de histórias que envolvem alguns seres vivos; como uma dela moo e amoata, myto e wainomy'i muton e beija-flor, miara e xawaxiete veado e jabuti enfim.

Sugiro o fortalecimento de trabalhar em grupo, no qual os estudantes compartilham os seus conhecimentos entre eles, sempre colaborando no processo de aprendizado e promovendo um bom relacionamento da turma.

Para finalizar, reafirmo para os docentes Apyãwa que lecionam a turma 1º Ciclo, nos primeiros anos, para valorizar conhecimento de todos e sempre fortalecendo saberes tradicionais da comunidade Apyãwa como no projeto político pedagógico da escola estadual indígena Tapi'itãwa está definido, em primeiro lugar trabalhar saberes e conhecimento tradicionais Apyãwa. Assim recomendo aos educadores cada dia aplicação de trabalho diferenciado para que o ensino não fique preso somente naquele modelo de ensino. Por tanto temos a possibilidade de trabalhar com assuntos contextualizados, como disse transdisciplinar, envolvendo várias áreas de conhecimentos.

9. Relato da experiência desenvolvida

As atividades foram desenvolvidas juntamente com os estudantes Apyãwa da turma 1º Ciclo, 1º Ano na Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa localizada na Terra Indígena Yrywo'ywawa, na aldeia Tapi'itãwa.

10. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza; STEINHEUSER, Débora Buss. O desenho como atividade da imaginação e criação na infância. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 29–52, 2020. DOI: 10.30681/21787476.2020.33.2952. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4783>. Acesso em: 11 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância**. Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Preste. São Paulo: Ática, 2009.